Santo Agostinho e São Jerônimo

Cartas

VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói - Rio de Janeiro - Brasil

Santo Agostinho e São Jerônimo

Cartas

Tradução: Souza Campos, E. L. de

VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói - Rio de Janeiro - Brasil

2026

Créditos

Traduzido do latim para o francês pelo Abade Bareille in *Œuvres Complètes de Saint Jérôme*. Paris, 1878. Louis Vivès, Libraire-Éditeur.

Tradução, edição e notas suplementares: Souza Campos, E. L. de

© 2026 Valdemar Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Toda cópia e divulgação são permitidas, desde que citada a fonte.

Cartas

Santo Agostinho e São Jerônimo

Carta 056 (028)[1] – De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 394-395.

Santo Agostinho questiona São Jerônimo sobre a nova tradução do Antigo Testamento, quando já havia a Septuaginta e depois, sobre a repreensão feita por São Paulo[2] a São Pedro, ele lhe pede explicações sobre sua concordância dada, nessa circunstância, à mentira oficiosa.

Ao bem amado mestre, ao irmão digno de um profundo respeito e de uma afeição sincera, padre como ele, Agostinho a Jerônimo.

01

Nunca ninguém conheceu tão facilmente alguém quanto você é conhecido por mim através da doce alegria que me deram os

---

[1] Numeração das Cartas de Santo Agostinho publicadas em *Œuvres complètes de Saint Augustin, por M. Poujoulat et de M. l'abbé Raulx. Bar-le-Duc, 1864-1872.*

[2] Cf. Gálatas 2.

seus estudos no Senhor e seus exercícios realmente liberais. Eu desejaria muito conhecê-lo pessoalmente.

Mas, ainda sobre isto, tenho de você um penhor muito precioso. Eu não sou totalmente privado desse conhecimento.

Depois de tê-lo visto, meu irmão Alípio[3], felizmente bispo hoje, digno então de sê-lo, o gravou profundamente em mim, eu não posso negar, pelo fiel relato que ele me fez quando voltou. Antes mesmo que ele tivesse retornado, enquanto ele o via lá longe, eu o via também, mas através dos olhos dele.

Quem nos conhece declarará sem esforço que somos dois somente pelos corpos e, de forma alguma, pela alma. Temos uma concordância perfeita, a mesma confiança e a mesma amizade. Eu só não digo os mesmos méritos, pois os dele ultrapassam em muito os meus.

Depois então que você tem afeição por mim, pela estreita união de espíritos inicialmente e depois, pelo que ele lhe disse, não será uma imprudência, como se eu fosse um desconhecido, que eu recomende, à sua ternura fraterna, o irmão Profuturo, que, eu espero, justificará seu nome[4] e fará progressos reais. Me-

[3] Depois de cumprido uma peregrinação pelo Oriente, quando retornou à sua pátria, foi feito bispo de Tagaste, no mesmo ano em que Santo Agostinho provavelmente escreveu esta carta.

[4] O autor, segundo seu costume, faz um jogo de palavras com o nome Profuturo. Este foi elevado à cátedra de Cirtba, já que se disponha a partir para a Palestina, onde morreu logo depois. Ele é mencionado por São Paulino de Nole, na carta XXXII.

nos por meus esforços do que pela sua ajuda e talvez ele já me tenha recomendado a você muito melhor do que eu o recomendo.

Aqui deveria terminar minha carta, se eu pudesse me contentar com as fórmulas usadas no mundo. Mas eu sinto meu coração transbordar. Eu ardo para entrar em relações com você sobre os estudos que cultivamos em Cristo Jesus Nosso Senhor, que nos forneceu tanto socorro e os viáticos para o caminho que ele nos traçou e que, mesmo agora, ainda nos vem em ajuda de uma maneira tão poderosa através do seu amor.

02

Eu lhe peço então e todas as reuniões estudiosas das Igrejas africanas lhe pedem também comigo que queira se dar ao cuidado e o esforço de interpretar os livros daqueles que comentaram tão perfeitamente em grego as nossas Santas Escrituras.

Você poderia, de fato, nos colocar de posse desses homens ilustres. Sobretudo de um, cujo nome aparece tão frequentemente em suas cartas.

Quanto a traduzir para o latim os livros canônicos, eu não gostaria de vê-lo trabalhando nisto. A não ser que se tratasse de uma interpretação como a de Jó, para que sinais bem inequívocos marcassem bem a diferença que é preciso estabelecer entre a tra-

dução que você faz e aquela que devemos aos Setenta, cuja autoridade merece tanto respeito.

Eu não posso admirar o suficiente como tantos hábeis intérpretes folhearam o texto hebraico e os diferentes exemplares de uma maneira tal que nada parece ter lhes escapado.

Eu não tenho que dizer se a própria reunião dos Setenta e o perfeito acordo que reina entre eles na busca de um objetivo comum não prevalecem sobre os esforços de um único homem. Eu não ouso me pronunciar sobre tal questão. Eu estimo, no entanto, que eles devem receber sem contradição um nível de confiança totalmente diferente.

Eles me impressionam ainda mais porque, sendo os últimos intérpretes e querendo se ater invariavelmente apenas ao texto, ao valor real das expressões hebraicas, não só recusaram se consultar entre eles, mas também deixaram de lado tantos testemunhos que foram encontrados e publicados ao longo do tempo.

Se o texto for obscuro, podem achar facilmente que você se enganou como eles. Se o texto for claro, podem achar que eles não poderiam se enganar. É por isto que eu lhe imploro que me explique isso caridosamente e me diga suas causas.

03

A farsa protege a mentira.

Além disto, eu li alguns escritos que são atribuídos a você sobre as epístolas de Paulo e, quando você interpretava aquela enviada aos Gálatas, se apresentou às suas mãos a passagem em que o Apóstolo Pedro se retirou com uma perniciosa dissimulação.

Ora, se a mentira é protegida aqui por você mesmo, um homem tão eminente ou por outro __ se este escrito é, todavia, de outro autor __ eu sinto uma viva dor, confesso, enquanto não forem refutadas essas coisas, se é que se pode apagar essa penosa impressão.

Quanto a mim, eu vejo como extremamente nociva a ideia de que possa ser encontrada alguma mentira em nossos Livros Santos, ou seja, que as pessoas encarregadas de escreverem esses livros e no-los transmitirem tenham deixado se infiltrar neles a mais leve mentira.

Uma coisa é se perguntar se uma pessoa virtuosa pode, algumas vezes, mentir e outra coisa é se um escritor sagrado jamais deve mentir. Mas não! Não são questões diferentes. Trata-se da mesma questão.

Uma vez que a mentira oficiosa é admitida a este nível supremo de autoridade, não restará nem mesmo uma parcela desses mesmos livros. Assim que uma passagem for julgada, por quem quer que seja, como muito difícil na prática ou muito árdua para a fé, será sempre possível, segundo este perigoso princípio, ver nela uma mentira oficiosa do escritor.

Suponhamos que o Apóstolo Paulo falhou quando dirigiu esta censura ao Apóstolo Pedro: *Se tu, que és judeu, vives como os gentios e não como os judeus, com que direito obrigas os pagãos convertidos a viver como os judeus?*[5]

Se ele aprovasse a conduta de Pedro, quando a condenava verbalmente e por escrito, com o objetivo de apaziguar a agitação dos espíritos e o tumulto da multidão, o que responderemos, quando se levantarem as pessoas perversas que proibirão o casamento que ele mesmo nos anunciou, quando eles disserem que toda esta passagem, onde o Apóstolo afirma o direito de se casar, não passa também de uma mentira, feita para acalmar aqueles que seriam arrastados pela paixão, que essa não era sua verdadeira opinião, mas um estratagema para desarmar os oponentes?

Não é necessário fazer uma longa enumeração. Os preceitos sobre os louvores divinos poderão igualmente parecer mentiras

[5] Gálatas 3: 14.

oficiosas que têm o objetivo de estimular o amor nas almas mais preguiçosas. Assim, não sobreviverá mais, em nenhuma parte das Santas Letras, o poder da casta verdade.

Não observamos que o mesmo Apóstolo, querendo recomendar a verdade com todo o empenho possível, se expressou nestes termos: *Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e também é vã a vossa fé. Além disto, seríamos convencidos de ser falsas testemunhas de Deus, por termos dado testemunho contra Deus, afirmando que ele ressuscitou a Cristo, ao qual não ressuscitou (se os mortos não ressuscitam)*[6].

Se alguém vier lhe questionar: "O que essa mentira tem que o horroriza, já que o que você ensina, mesmo que seja falso, deve contribuir para a glória de Deus?"

Para rejeitar uma demência assim, que expressões ele teria usado, que demonstrações ele teria feito para lançar a luz sobre todos os segredos do seu coração? Ele não teria clamado que louvar em Deus a mentira é um crime imenso e até mesmo maior do que denegrir a verdade?

Seria preciso então reconduzir essa pessoa ao conhecimento das Divinas Escrituras. Mas ao conhecimento devoto e verdadeiro que não lhe permite se deter em nenhuma parte, em toda a ex-

[6] 1 Coríntios 15: 14 e 15.

tensão dos Santos Livros, no pensamento de uma mentira oficiosa. Que ele passe sobre o que ele não pode compreender, invés de substituir a verdade por seus sonhos e inclinações.

Quando ele fala assim, ele quer, evidentemente, que se acredite nele e sua pretensão chega a nos retirar a crença na autoridade das Divinas Escrituras.

04

Quanto a mim, empregarei tudo o que o Senhor possa me dar de forças para desviar para outro sentido todos os testemunhos que se invoque para estabelecer a utilidade da mentira e manter, em toda parte, a inabalável verdade do texto sagrado.

Se cada texto deve, necessariamente, não implicar em nenhum erro, ele muito menos deve favorecer alguma mentira. Mas é à sua compreensão que eu entrego isto. Com uma leitura mais atenta e melhor meditada, você provavelmente verá de uma maneira mais fácil do que eu.

Ora, é a devoção que lhe imporá este estudo, pois você não ignora o quanto está abalada a credibilidade da autoridade das Divinas Escrituras. A ponto de cada um acreditar no que quer e não acreditar no que lhe repugna, o que não poderia deixar de acontecer a partir do momento em que nos convencemos de que as pessoas de quem nós as recebemos puderam mentir oficiosa-

mente em seus livros. Seria preciso então estabelecer certos princípios segundo os quais saberíamos onde começa e onde termina o domínio da mentira.

Eu lhe imploro que não vá apoiar tal explicação sobre razões falsas e duvidosas. Não me considere também importuno ou insolente. Eu lhe peço isto pela humanidade de Nosso Senhor, que é fonte de toda verdade.

Eu não sou totalmente isento de culpa, mas minha culpa não é, seguramente, muito grande, já que a verdade se beneficia com meu erro, supondo que ela possa favorecer licitamente a mentira em você.

05

Eu desejaria que me fosse permitido conversar com você sobre muitos outros assuntos, me confiando à sua inteira correção e pudéssemos conversar sobre nossos estudos sagrados. Mas nenhuma carta seria suficientemente longa para satisfazer este desejo.

No entanto, isto se torna possível para mim por intermédio do irmão Profuturo e estou feliz por tê-lo enviado, para que lhe seja permitido se misturar às suas doces conversas e se alimentar com suas úteis lições. Mas ele mesmo não retirará desta experiência, sem dúvida ___ dizendo isto sem ofendê-lo ___ todo o bene-

fício que eu gostaria, mesmo que eu não me prefira a ele em nenhum aspecto.

Eu me vejo como podendo receber muito mais de você. Eu somente o vejo recebendo mais e isto é uma incontestável superioridade que ele tem sobre mim.

Quando, mais tarde, ele tiver retornado, depois de uma feliz viagem que Deus condescenderá lhe propiciar, eu poderei recorrer à sua alma e participar dos tesouros que você o tiver cumulado. Mas ele não preencherá o vazio da minha, insaciável pelos seus pensamentos. Acontecerá então de eu ser mais pobre e ele ser mais rico.

Este mesmo irmão leva com ele alguns dos meus escritos. Se você condescender em lê-los, castigue-os sem rodeios, com uma severidade totalmente fraterna.

Esta é uma graça que lhe peço e não entendo de outra maneira estas palavras da Escritura: *O justo me corrige e repreende por misericórdia. O óleo do pecador, pelo contrário, não abençoa minha cabeça*[7].

Isto quer dizer que o censor que se propõe a nos curar nos demonstra mais amor do que um bajulador que derrama perfumes em nossa cabeça.

[7] Salmo 140: 005.

Quanto a mim, me é difícil julgar saudavelmente o que escrevi. Eu sou muito tímido ou muito ambicioso. Eu vejo, de tempos em tempos, as minhas faltas. Mas eu prefiro ouvi-las daqueles que possuem mais valor do que eu, para que, depois de me ter dirigido justas censuras, eu não volte a me lisonjear novamente, me convencendo de que pronunciei contra mim uma sentença meticulosa, invés de um julgamento justo.

Carta 067 (040) – De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 397.

Ele o interroga sobre o título do livro publicado por ele sobre os escritores eclesiásticos. Ele retorna também à sinceridade da reprimenda feita por São Paulo a São Pedro, sobre a qual ele já havia comentado em uma carta precedente (Carta 056). Ele lhe pede, enfim, que lhe aponte os erros de Orígenes e dos outros hereges.

Ao seu senhor bem-amado, objeto da afeição mais sincera e do mais profundo respeito. Ao seu irmão no sacerdócio, Jerônimo, Agostinho.

01

Eu sou reconhecido por, através de uma simples saudação como aquela que precede, você me ter enviado uma carta inteira[8]. Muito mais curta, é verdade, do que eu gostaria de ter recebido de você, uma pessoa tão eminente e cuja palavra, seja qual for o tempo que se dedique a ela, jamais é longa.

Mesmo assediado que somos pelos assuntos alheios, mesmo seculares frequentemente, eu não perdoaria tão facilmente a brevidade da sua carta se eu não pensasse nas poucas palavras que me valeram esta resposta.

Eu lhe peço então que entre resolutamente em relação literária conosco, para que o afastamento físico não seja um motivo muito eficaz de separação, mesmo que permaneçamos sempre unidos em espírito no Senhor, mesmo que deixemos repousar a caneta e nos mantenhamos em silêncio.

Os livros que você escreveu sobre o celeiro do Senhor no-lo mostram a nós, de certa maneira, inteiramente. Se é permitido dizer que não o conhecemos somente porque não vimos os traços do seu rosto, se pode também dizer que, desta mesma maneira, você não se conhece, já que também não os viu.

[8] Esta carta não chegou até nós, não tendo sido encontrada ainda.

A partir do momento então que conhecemos sua alma, nós também conhecemos a você mesmo. Nós que vemos claramente essa alma em seus escritos, bendizemos o Senhor pelo que ele lhe ofereceu, a nós e a todos os irmãos que o lerem.

02

Um livro do qual você é o autor chegou, entre muitos outros, em nossas mãos e não sabemos ainda qual é o título dele, pois o exemplar não o trazia na primeira página, como é o costume se fazer.

O irmão que o encontrou lhe deu o título de Epitáfio e, de bom grado, acreditaríamos que você teria escolhido este título se lêssemos nele somente as vidas e as obras das pessoas que já estão mortas. Mas, como nele são mencionadas as obras de muitos que ainda viviam na época em que você o escrevia e com alguns ainda vivendo, ficamos surpresos de que você tenha lhe dado este título ou que mesmo o tenha atribuído em pensamento.

Quanto ao livro, aprovamos muito o que você escreveu. É uma obra útil.

03

Em sua exposição da Epístola de São Paulo aos Gálatas, encontramos algo que nos emocionou singularmente. Se em algum

momento for admitido que as Santas Escrituras contenham mentiras oficiosas, que autoridade elas poderão conservar, como tirar delas uma sentença cujo peso seja capaz de esmagar falaciosos e criminosos erros?

Assim que você fizer esta citação, seu oponente, em virtude das próprias ideias que o preocupam, lhe dirá que esta proposição é apenas uma mentira apresentada pelo escritor sob um pretexto honesto.

Como ele não poderia fazer isto, se na passagem em que o Apóstolo começa nestes termos: *Isto que vos escrevo - Deus me é testemunha - não o estou inventando*[9], é permitido acreditar e afirmar que Paulo não fala de uma maneira sincera, quando ele diz, em seguida, sobre Pedro e Barnabé: *Quando vi que o seu procedimento não era segundo a verdade do Evangelho*[10]?

Se estes últimos seguiam pelo caminho certo, o primeiro não disse a verdade e, se ele mentiu nesta circunstância, onde ele diz a verdade? Será nas passagens onde suas palavras lisonjeiam o pensamento do leitor? Quando então ele for contra esse pensamento, será preciso dizer que ele comete uma mentira oficiosa?

[9] Gálatas 1: 20.
[10] Gálatas 2: 14.

Razões não faltarão para afirmar não apenas que ele pôde, mas também que ele teve que mentir, a partir do momento em que se tiver estabelecido este princípio.

Não é necessário estabelecer isto através de longos raciocínios, sobretudo ao nos dirigirmos a você, cujas inteligência e perspicácia só precisam de poucas palavras.

Certamente que não tenho a pretensão de querer enriquecer o talento de um gênio que a bondade divina fez de ouro e ninguém melhor do que você é capaz de corrigir essa obra.

04

Não cabe a mim lhe ensinar como é preciso interpretar o que disse o mesmo Apóstolo: *Para os judeus fiz-me judeu, a fim de ganhar os judeus*[11]. E outras coisas que são ditas lá por condescendência e por comiseração e não por fingimento ou enganação.

Ele se fez de doente para melhor tratar a doença. Não que ele declare erradamente ter febre, mas é porque ele pensa, com um sentimento de caridade fraterna, como ele gostaria de ser servido se ele estivesse realmente doente.

[11] I Coríntios 10: 20.

Ele era judeu de fato. Ao se tornar cristão, ele não abandonou os sacramentos que este povo recebera para observá-los no tempo oportuno. Sua intenção, ao celebrá-los quando ele já era então Apóstolo de Cristo, só podia ser para evitar que tais observâncias se transformassem em prejuízo para aqueles que queriam guardá-las como elas lhes tinham sido transmitidos por seus pais e segundo a Lei.

Ao permanecerem fiéis a elas, depois de terem abraçado a fé em Cristo, eles não deviam fundamentar nelas a esperança pela salvação, já que a salvação, simbolizada pelos antigos mistérios, tinha vindo através do Senhor Jesus.

Assim, ele julgava que não era necessário, de nenhuma maneira, impô-las aos gentios e que esse fardo, não usual para eles e de forma alguma necessário, poderia afastá-los da fé.

05

Se ele repreendeu Pedro, não foi porque ele permanecera fiel às antigas tradições, o que ele poderia ter feito, sem mentira e sem incongruência, já que aquelas observâncias, embora supérfluas, não eram, de forma alguma, nocivas, desde que no contexto da educação.

O erro de Pedro foi obrigar os gentios a se judaizarem[12], o que ele jamais teria feito se ele não estivesse convencido de que as observâncias judaicas ainda eram necessárias para a salvação, depois do advento do Senhor. Esta é a ideia falsa que a verdade dissipou vivamente através do ministério de Paulo.

Não foi então ignorância da parte de Pedro. Ele agiu assim porque temia por aqueles que vinham da circuncisão. Ele foi então realmente corrigido e a narrativa de Paulo não possui nenhuma mentira, pois a Santa Escritura, estabelecida para a fé das gerações futuras, não deve ser abalada inteiramente e perder sua autoridade, ao ser admitida uma duplicidade qualquer.

Não é possível expor em uma carta e seria mesmo inútil tentar, a que desastrosas consequências se seria arrastado por tal concessão.

Poderíamos tentar demonstrar isto com mais sabedoria e menos perigo se nos fosse dado conversarmos juntos.

06

Paulo tinha então rejeitado os costumes de sua nação que implicavam em um mal e, sobretudo, a ignorância sobre a justiça de Deus. Ele mesmo censurara os judeus que se davam como

[12] Cf. Gálatas 2: 14. *Se tu, que és judeu, vives como os gentios e não como os judeus, com que direito obrigas os pagãos convertidos a viver como os judeus?*

fundamento a própria justiça e se levantando assim contra a justiça divina[13].

Ele os rejeitou, em segundo lugar, porque o mistério da graça, sendo, dali para frente, concedida e manifestada segundo a ordem de Melquisedec, eles ainda estavam convencidos de que deviam celebrar os antigos mistérios. Não por causa das solenidades estabelecidas, mas como um meio necessário de salvação.

Essa necessidade não era duvidosa nos tempos anteriores, pois, não fosse assim, os macabeus teriam sofrido em vão o martírio para defendê-los e mantê-los[14].

Por fim, os judeus perseguiam os pregadores da graça cristã como inimigos da Lei.

Estes então foram os erros e os vícios, com outros do mesmo gênero, que Paulo declarou considerar como uma lama nociva e fétida, para conquistar para Cristo[15]. E isto não foi ao condenar as observâncias legais tais como as praticavam os antigos e que eles mesmos as praticavam sem fazer com que dependesse delas a salvação. Ele condenava o pensamento dos judeus em tais práticas ou mesmo a enganosa dissimulação que ele censurou precisamente em Pedro.

[13] Cf. Romanos 10: 3.
[14] Cf. 2 Macabeus 6.
[15] Cf. Filipenses 3: 8.

De fato, se ele tivesse celebrado os antigos mistérios, se fazendo de judeu para conquistar os da sua própria nação, por que ele não teria também sacrificado com os idólatras, já que ele se passava como não tendo a Lei, em favor daqueles que não a tinham na realidade e sempre com a mesma intenção?

É que ele teve essa conduta como sendo judeu de nascimento. Sua linguagem não implicava, de forma alguma, na ideia de enganar ou de fingir o que ele não era. Só expressava um sentimento de misericórdia, o desejo de dissipar o erro deles, como se ele mesmo não fosse vítima desse erro. Aqui não há mentira e nem enganação, mas unicamente compaixão, segundo o que ele explica sobre isto na mesma passagem, generalizando seu pensamento: *Fiz-me fraco com os fracos, a fim de ganhar os fracos*[16].

Ele resume tudo assim: *Fiz-me tudo para todos, a fim de salvar a todos*[17], o que quer dizer que, em sua comiseração, ele tomou para ele as fraquezas de cada um de seus irmãos.

Igualmente, quando ele disse: *Quem é fraco, que eu não seja fraco? Quem sofre escândalo, que eu não me consuma de*

[16] I Coríntios 9: 22.
[17] I Coríntios 9: 22.

dor?[18], seguramente, ele não queria parecer simular a fraqueza alheia. Ele expressou uma simpatia real.

07

Portanto, eu lhe imploro que mostre uma severidade verdadeiramente cristã, que parta do coração e se inspire no amor, para corrigir essa obra. Não tema cantar a palinódia[19], como se diz.

A verdade dos cristãos supera incomparavelmente, em beleza, a Helena dos gregos. Nossos mártires combateram por ela contra Sodoma com muito mais coragem do que demonstraram os antigos heróis contra a cidade de Troia.

Ao lhe falar assim, eu não desejo que você recupere os olhos do coração, como se você os tivesse perdido, Deus o livre. Eu só lhe peço que os direcione, os tendo claros e límpidos, para o objetivo do qual eles se afastaram, para se voltarem para um suposto fingimento, a ponto de não perceberem as nocivas consequências que provocariam a opinião de que um escritor dos nossos livros santos pode, sem ferir a consciência e a devoção, mentir em uma parte qualquer de sua obra.

---

[18] 2 Coríntios 12: 29.

[19] "Retratação de algo que se fez ou se disse" (Houaiss). Referência à obra do poeta Estesícoro, nascido em Matauro Brútio, no sul da Itália, por volta de 632/229 a. C. e falecido por volta de 556/553 a. C. em Catânia na Sicília. Uma lenda conta que ele ficou cego por culpar Helena de Troia pela Guerra de Troia. Sua visão só foi devolvida depois de ele ter composto uma dupla retratação chamada Palinódia. (Britannica).

08

Eu já lhe enviei, sobre esta questão, uma carta que não chegou até você, porque aquele que a entregaria não completou sua viagem. Ao ditá-la, eu tive o pensamento que não posso omitir nesta, que é implorar sua indulgência em favor de minha timidez, se a sua opinião divergir da minha e for melhor fundamentada.

Se realmente você pensa de outra maneira, se, além disto, a sua opinião é verdadeira e, sem isto, ela não poderia ser melhor, minha falta não é grande, mesmo que eu não a negue absolutamente, pois meu erro pode redundar em benefício da verdade e certamente se pode dizer que a verdade jamais favorece a mentira.

09

O que você condescendeu me responder sobre Orígenes, eu já sabia. Não é somente nos autores eclesiásticos, mas em todos, que é preciso aprovar e louvar o que de bom encontrarmos neles e condenar e censurar o que há de perverso e falso.

Eu tive esperança pela sua sabedoria e pela sua erudição, assim como também tenho esperança que você nos aponte as passagens errôneas nas quais este grande homem se afastou evidentemente da verdadeira fé.

No livro em que você mencionou todos os escritores eclesiásticos de que você pôde se lembrar, assim como os escritos deles, teria sido útil, em minha opinião, que, depois de ter enumerado aqueles que você conhece como heresiarcas, não tendo mesmo desejado omiti-los, você tivesse indicado os pontos perigosos que eles possuem. Você se manteve em silêncio sobre alguns e eu gostaria de saber com que intenção.

Se por acaso você temeu sobrecarregar o volume, acrescentando, à informação que você forneceu, o que a Igreja Católica condenou em cada um deles, eu lhe peço que não considere como muito penoso completar essa obra literária pela qual, graças à bondade do Senhor, você já inflamou e encorajou os estudos na língua latina. Este é o caminho que o amor fraterno traça diante de você através das minhas humildes palavras.

Se as suas ocupações lhe deixarem tempo, reúna e publique, em um pequeno livro, o resumo sucinto das perversas doutrinas de todos os hereges que se esforçaram, até os dias de hoje, para alterar a integridade da fé cristã, seja por imprudência, seja por ignorância, seja por espírito de contenção e este trabalho oferecerá, sobretudo, o benefício de instruir aqueles que não tiveram o tempo, em razão de seus afazeres ou mesmo a possibilidade, por causa da diferença de línguas, de ler e de estudar tão numerosas obras.

Eu lhe imploraria mais longamente, não fosse o medo de parecer duvidar do seu amor.

Eu quero também recomendar especialmente, à sua benevolência, esse Paulo, nosso irmão em Jesus Cristo. Ele mereceu, em nosso país, que lhe prestássemos um bom testemunho perante Deus.

Carta 100 (067) – De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 402.

Ele declara não ter escrito livro contra ele, a menos que alguém tenha chamado de livro uma carta bem extensa.

Ao seu bem-amado senhor e honrabilíssimo irmão em Jesus Cristo, ao seu querido companheiro de sacerdócio, Jerônimo, saudações em Nosso Senhor, Agostinho.

01

Eu soube que minha carta tinha chegado até suas mãos e, se não mereci ainda receber uma resposta, eu não acuso sua afeição. Evidentemente, algum obstáculo deve ter surgido.

Eu reconheço então que tenho que rogar ao Senhor para lhe fornecer a oportunidade favorável para me enviar o que você tiver escrito. A capacidade de escrever você sempre teve à sua disposição.

02

Chegou até mim algo que não ousei acreditar, mas que não hesito em lhe falar. Aqui está, brevemente, do que se trata.

Alguns irmãos teriam sugerido à sua caridade que eu tinha escrito um livro contra você e que eu até mesmo o tinha enviado a Roma.

Saiba que isto é falso! Dou testemunho ao nosso Deus de que não fiz nada disso.

Se em alguns dos meus escritos eu, por acaso, expressei algumas ideias diferentes das suas, isto, de forma alguma, foi dirigido contra você. Eu simplesmente escrevi o que considerei verdadeiro e penso que você deve ter o conhecimento disto. Ou, se você não puder saber disto, acredite em minha palavra.

Ao expressar minha opinião, eu estive perfeitamente disposto, no caso em que alguma coisa pudesse lhe chocar, a receber fraternalmente tudo o que você dissesse em contrário, pronto a desfrutar da sua correção ou dos seus encorajamentos. Eu gostaria mesmo de lhe pedir isto como uma graça.

03

Ah, se me fosse dado ter, senão uma habitação comum, ao menos ser seu vizinho, para desfrutar frequentemente de um doce e religioso colóquio!

Mas, já que isto não me é concedido, eu lhe peço que faça nossa união no Senhor, tal como ela pode existir, se conservar, crescer e se aperfeiçoar.

Não despreze responder minhas cartas, já tão raras.

Ofereça minhas humildes saudações ao santo irmão Paulino, bem como a todos os outros irmãos que estão com você e se glorificam de você no Senhor.

Não nos esqueça e que o Senhor o atenda em todos os seus pios desejos, bem amado mestre, caro e venerado irmão em Cristo.

Carta 101 – De São Jerônimo a Santo Agostinho. Ano 403.

Tendo recebido a carta de Santo Agostinho onde está a questão da mentira oficiosa, mas ainda duvidando que ela fosse dele, ele declara que não a responderá antes de conhecer o autor dela. Ele menciona Rufino sob um pseudônimo.

Ao senhor realmente santo, ao bem-aventurado bispo Agostinho, saudações em Jesus Cristo, Jerônimo.

01

No mesmo instante da partida do nosso devoto filho e sincero amigo, o subdiácono Astério, me chegou a carta pela qual sua

beatitude me dá satisfação, declarando nela que não enviara a Roma um livro contra a minha pequenez.

Eu também não soube diretamente sobre este fato. Apenas os exemplares de uma carta que supostamente foi endereçada a mim chegaram até aqui através do nosso irmão o diácono Sisino e nela você me exorta a cantar a palinódia sobre uma certa passagem do Apóstolo, tomando como modelo o poeta Estesícoro[20], que não sabia se devia acusar ou louvar Helena e que dizem ter recuperado, com seus louvores, os olhos que tinha perdido com suas críticas mordazes.

Eu confessarei com toda simplicidade que não acreditei ter que reportar aos exemplares dessa carta, mesmo que me parecesse reconhecer nela o seu estilo e a sua argumentação. Eu poderia feri-lo e me expor às suas justas recriminações por não ter me assegurado de que a carta era sua, antes de respondê-la.

Outra causa do adiamento é a longa doença da nossa santa e venerável Paula. Por muito tempo assíduo ao seu leito de sofrimento, quase esquecemos essa carta que trazia seu nome ou que você tinha realmente escrito. Isto é a aplicação deste versículo: *Uma palavra inoportuna é música em dia de luto*[21].

[20] Poeta lírico grego (c. 640 a. C – 550 a. C.). Sua obra teve grande influência no lirismo coral, ao criar a tríade: estrofe, antístrofe e epodo. (Larousse)
[21] Eclesiástico 22: 6.

Se a carta é sua, diga-me de uma maneira mais clara. Envie-me uma cópia de maneira mais segura e discutiremos sem nenhuma amargura o texto das Escrituras e me retratarei de meus erros ou mostrarei que foi censurado sem motivo.

02

Longe de mim ousar atacar seja o que for nos escritos de sua beatitude. Já é suficiente cuidar dos meus, sem ter que criticar os dos outros.

Sua sabedoria sabe perfeitamente, aliás, que todos se apegam às suas próprias opiniões e que é uma fanfarronada pueril atacar as pessoas ilustres, como a juventude tinha outrora o costume de fazer, com o objetivo de fazer o próprio nome.

Eu não sou tão desprovido de senso para me acreditar atingido porque você fez interpretações que diferem das minhas, pois você também não se ofende se minha opinião diverge da sua. A amizade não é alterada quando, não percebendo o estado da nossa própria bolsa, como diz Perse, examinamos a dos outros.

Você deve também amar sempre quem o ama e, jovem, não provocar um velho[22] na carreira das Escrituras. Nós também, em nosso tempo, corremos com todas as nossas forças. Agora, en-

[22] São Jerônimo (347-420) tinha cerca de 56 anos, quando escreveu esta carta e Santo Agostinho (354-430) tinha cerca de 49 anos.

quanto você corre e atravessa grandes espaços, temos o direito de ficarmos em repouso.

Com toda a deferência e a honra que lhe é devida, eu lhe peço que não se atribua a culpa exclusiva de uma lembrança poética. Lembre-se de Entelo e de Darés[23], assim como deste ditado popular: "O boi cansado fixa melhor a pata no chão".

Foi com tristeza que eu ditei isto.

Gostaria que me fosse permitido abraçá-lo e trocar com você, em uma doce conversa, os frutos dos nossos estudos recíprocos.

03

Com sua imprudência costumeira, Calpúrnio[24], que se intitula "comerciante de lãs", fez chegar a mim suas injúrias e soube que ele teve o cuidado de despachá-las da África.

Eu só dei a isto uma resposta breve e parcial. Eu mesmo lhe enviei os exemplares deste curto trabalho, pronto para me aproveitar da primeira oportunidade favorável para lhe enviar uma obra mais extensa. Eu procurei evitar ferir qualquer coisa do sen-

[23] Virgílio. *Eneida*. Darés era um rapaz que quis lutar contra Entelo, um velho, mas vigoroso atleta e foi vergonhosamente derrotado..
[24] São Jerônimo se refere a Rufino.

timento cristão e só fiz confrontar a mentira e a insanidade de uma mente não menos inábil quanto alienada.

Lembre-se de mim, santo e venerável pontífice. Veja o quanto sou apegado a você, já que não quis responder a uma provocação e nem acreditar que ela viesse de você, o que eu teria feito, se ela tivesse vindo de outro.

Nosso irmão comum lhe pede que aceite suas saudações.

Carta 102 – De São Jerônimo a Santo Agostinho. Ano 397.

Ele lhe recomenda Presídio e lhe pede que saúde Alípio em seu nome.

Ao senhor realmente santo e bem-aventurado bispo Agostinho, saudações em Jesus Cristo, Jerônimo.

01

No ano passado, eu lhe enviei através do subdiácono Astério, nosso irmão, uma pronta resposta às saudações que você condescendeu me dirigir. Eu espero que ela tenha chegado até você[25].

[25] Esta primeira carta de São Jerônimo a Santo Agostinho não chegou até nós.

Agora também lhe escrevo através do meu irmão, o diácono Presídio e, primeiramente, para me recordar à sua boa lembrança. Depois, para lhe recomendar o próprio portador da minha carta, lhe dizer que ele é estreitamente ligado a mim e lhe rogar que o ajude com afeição em tudo o que ele precisar.

Não é que algo lhe falte, graças a Deus. Mas ele deseja ardentemente a amizade dos bons e consideraria como o maior dos bens para ele se unir a eles.

O motivo que o fez embarcar para o Ocidente, você poderá sabê-lo através dele mesmo.

02

Quanto a nós, estabelecidos no monastério, somos atingidos por todos os lados pelas ondas e temos que suportar os inconvenientes da peregrinação. Mas temos nosso conforto Naquele que disse: *Confie! Eu venci o mundo*[26]

Sob Sua condução e através de Sua bondade, obteremos a vitória sobre nosso inimigo o diabo.

Eu lhe peço que saúde humildemente, em meu nome, o nosso venerável irmão, o bispo Alípio.

[26] João 16: 33.

Os santos irmãos que servem o Senhor com tanto ardor neste monastério o saúdam com entusiasmo.

Que Nosso Senhor Jesus Cristo o cubra com sua onipotência e não lhe permita jamais me esquecer, venerável bispo e senhor verdadeiramente santo.

Carta 103 (071) – De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 407.

Ele o exorta a não traduzir do hebraico os livros do Antigo Testamento. Ele o estimula, invés disto, a restabelecer, em sua verdade primitiva, a versão dos Setenta, singularmente alterada e cheia de variações. Ele aprova o Novo Testamento tal como ele o corrigiu.

Ao venerável senhor, ao seu querido e santo irmão no sacerdócio Jerônimo, saudações em Jesus Cristo, Agostinho.

01

Desde o dia em que comecei a lhe escrever, assim como a desejar os seus escritos, jamais se ofereceu melhor oportunidade de fazer lhe chegar uma carta do que através de um fervoroso servo e fiel ministro de Deus, o nosso caríssimo filho, o diácono Cipriano. Estou tão seguro de que minha carta lhe será entregue,

estando nas mãos dele, que não há nada de que eu possa estar mais seguro nesta ordem de coisas.

Não faltará empenho a este querido filho para solicitar uma resposta, nem a graça para merecê-la, nem a vigilância para conservá-la, nem entusiasmo para transmiti-la, nem a fidelidade no cumprimento de sua missão.

Apenas, que eu não possa ser totalmente indigno de que Deus apoie o seu coração e o meu desejo e que ele não tenha a vontade de interferir na vontade fraterna.

02

Como eu já lhe escrevi duas cartas e não obtive respostas a elas, eu quis lhe reenviar as mesmas, acreditando que elas não tenham chegado até você. Se eu estou enganado e se foram, invés disto, as suas que não chegaram até mim, envie-as novamente tal como você as escreveu, supondo que você tenha guardado as cópias delas.

Caso contrário, dite uma segunda vez alguma coisa dirigida a mim, desde que, no entanto, não lhe seja muito penoso me dar uma resposta que espero há muito tempo.

As primeiras cartas que preparei para você, sendo ainda um simples sacerdote, eu tive que enviá-las através de um dos nossos irmãos chamado Profuturo, que, mais tarde, se tornou nosso co-

lega e, pouco depois, deixou esta vida. Ele não pôde então levá-las, tendo recebido o cargo episcopal, quando ele estava pronto para partir.

Eu desejei enviá-las também hoje, para que você compreenda a que ponto o desejo de entrar em relação com você data de longe em mim e o quanto eu sofro por estar separado de você por tão grandes distâncias, por não ser ainda permitido à minha alma se colocar diretamente em comunicação com a sua, irmão bem amado e membro ilustre deste Corpo do qual o Senhor é a Cabeça.

03

Nesta presente carta, eu posso mencionar que soube depois que você havia traduzido o Livro de Jó diretamente do hebraico, quando já tínhamos uma tradução latina deste mesmo profeta, feita da versão em grego, mas na qual você teve o cuidado de marcar, através de asteriscos, o que existe na versão grega e não na hebraica. Tudo isto foi feito com tal precisão que, em certas passagens, cada palavra está marcada com uma estrela, para diferenciar absolutamente os dois textos.

Ora, nessa segunda tradução feita a partir do hebraico, não se distinguem mais as palavras com a mesma segurança. Pergunta-se o porquê disto. Ou foi porque os asteriscos estão tão bem

estabelecidos na primeira que são reconhecidas imediatamente as menores diferenças existentes entre as versões grega e hebraica ou foi porque não se teve o mesmo cuidado na segunda e os mesmos sinais não aparecem mais nela.

Eu gostaria de confirmar minha observação com um exemplo. Mas, neste momento, eu não tenho o exemplar traduzido direto do hebraico.

É verdade que a sua mente é suficientemente sutil para compreender o que eu quis dizer e não menos para compreender o que eu disse. Certamente você dissipará minha dúvida.

04

Quanto a mim, eu preferiria que você tivesse simplesmente traduzido do grego as Escrituras canônicas, aquelas que repousam sobre a autoridade dos Setenta. Seria lamentável que a sua tradução, ao passar para o uso corrente em um grande número de igrejas, as do rito latino estivessem em desacordo com as do rito grego e ainda mais porque todo oponente pode ser facilmente convencido pela citação do texto grego, sendo esta língua extremamente conhecida.

Quando se trata, pelo contrário, de uma tradução feita a partir do hebraico, todos podem sentir uma desagradável surpresa e suspeitar que o desconhecido seja falso. Será com grande

dificuldade ou mesmo nunca que se poderá consulta o texto original para resolver uma objeção. Se conseguíssemos isto, não nos resignaríamos de bom grado em ver serem condenadas tantas autoridades gregas e latinas.

Acrescente-se a isto que os hebreus consultados podem responder outra coisa e você será então a única pessoa necessária para lutar contra a opinião deles. Depois, quem julgará o debate? É aqui a dificuldade redobra.

05

Um bispo, nosso irmão, tendo estabelecido que se leria a sua versão na igreja dele, surgiu uma passagem do Profeta Jonas[27] que diferia essencialmente daquela que está gravada no intelecto e na memória de todos e que é repetida há tantos séculos.

Fez-se então um tumulto tal entre os ouvintes, com gregos estando no meio para envenenar a questão e infiltrar uma acusação de falsidade, que o bispo foi obrigado, estando em uma cidade romana, a apelar para o testemunho de judeus. Talvez por ignorância ou por maldade, estes disseram que o texto em hebraico tinha o mesmo sentido que os textos em grego e em latim.

[27] Jonas 4: 6. *O Senhor Deus fez crescer um pé de mamona, que se levantou acima de Jonas, para fazer sombra à sua cabeça e curá-lo de seu mau humor. Jonas se alegrou grandemente com aquela mamoneira.*

O que direi, além disto? Nosso homem se viu forçado a corrigir a passagem como se estivesse errada, não querendo, depois de uma crise tão perigosa, ser abandonado pelo seu povo.

Parece-nos também que você mesmo pôde se enganar em certos pontos. Veja o que acontece nas cartas, onde as correções não podem ser feitas por meio das línguas comuns.

06

Por consequência, damos a Deus vivas ações de graças pelo trabalho que você realizou ao traduzir o Evangelho do grego para o latim, pois não encontramos lá quase nada que nos tenha chocado, quando conferimos as duas versões.

Concluímos disto que, se alguém evocasse um velho erro, seria fácil esclarecê-lo ou refutá-lo, colocando os dois textos juntos diante de seus olhos. Mesmo que, extraordinariamente, se levantasse uma dificuldade real, quem seria tão exigente para não passar por cima disto, em uma obra tão considerável e que não pode ser recompensada com um simples tributo de elogios?

Você deveria nos expor a sua opinião sobre as numerosas diferenças observadas entre os exemplares hebraicos e a versão grega chamada de Septuaginta. Não é uma autoridade pequena a de uma versão que se tornou tão célebre e que os Apóstolos utili-

zavam, como vemos em numerosas passagens e como você mesmo atestou, se me recordo bem.

Você prestará um grande serviço à Igreja ao traduzir exatamente para o latim a versão grega que devemos aos Setenta, pois a versão latina varia tanto nos diversos exemplares, que isto não pode ser tolerado. Suspeita-se tanto de se estar em desacordo com a versão grega que se hesita em tomá-la como base de uma afirmação ou prova.

Eu supus que esta carta seria bem curta. Mas, não sei como, para mim ficou muito doce prolongá-la. Foi como se eu estivesse conversando com você.

Eu lhe peço então, pelo Senhor, que se dê ao trabalho de responder a cada coisa. O quanto estiver em seu poder, faça com que eu o tenha presente.

Carta 104 – De São Jerônimo a Santo Agostinho. Ano 404.

Ele reclama de uma carta de Santo Agostinho divulgada na Itália e na qual é destacada uma passagem da Epístola aos Gálatas que teria sido mal comentada por São Jerônimo.

Ao senhor verdadeiramente santo, ao bem-aventurado bispo Agostinho, saudações em Jesus Cristo, Jerônimo.

01

Você me envia cartas frequentemente e me pede para responder uma que me foi entregue pelo diácono Sisínio, mas sem sua assinatura. Você me informou através do irmão Profuturo e depois por outro, que você a tinha me enviado.

Mas o primeiro foi impedido de se colocar à caminho, tendo então recebido o episcopado e morrido logo em seguida. Quanto àquele cujo nome você não menciona, ele teria temido os perigos do mar e desistido de sua intenção de navegar.

Estando as coisas desta forma, eu não me admiro o suficiente de que essa mesma carta esteja em mãos de tantas pessoas em Roma e na Itália, pelo que se sabe e que eu seja o único que não a recebi, sendo também o único a quem ela era dirigida.

Acrescente-se particularmente que o mesmo irmão Sisínio declara que ela não ficou na África com os seus outros tratados e nem em sua casa. Ele declara tê-la encontrado, há uns cinco anos, em uma ilha do Adriático.

02

Que toda suspeita desapareça da amizade.

A amizade verdadeira não admite nenhuma suspeita. É preciso falar com um amigo como outro você mesmo.

Muitos dos meus familiares, vasos de Cristo, que eu conto em grande número em Jerusalém e nos lugares santos, me sugeriram que você não escreveu isso com uma intenção correta e que você buscava os louvores, as murmurações aprovadoras, a gloriosa popularidade, se elevando às minhas custas. Com isto, muitos saberiam que você me provoca e que eu fui tomado pelo medo. Que você escreve como um verdadeiro doutor e que eu me guardo como um ignorante. Que, enfim, foi encontrado alguém capaz de impor uma medida e mesmo um fim à minha loquacidade.

Quanto a mim, eu lhe declaro com toda a simplicidade da minha alma que eu não quis inicialmente responder porque não acreditei absolutamente que a carta fosse sua e que você tivesse em mão, segundo o ditado popular, uma espada lambuzada com mel.

Depois, eu quis evitar parecer responder com muita insolência a um bispo da minha comunhão e repreender certos pontos na carta da minha repreensão, especialmente porque acreditava ver ali certos traços de heresia.

03

Por fim, eu não quis que você pudesse se queixar com justiça e que estivesse no direito de me dizer: “Pois então! Minha carta chegou até você, você descobriu no cabeçalho os sinais de uma

mão conhecida e foi bem rápido em ferir um amigo, em fazer recair sobre mim a maldade de outro".

Portanto, como eu já disse, ou você envia essa mesma carta assinada por sua mão ou então pare de provocar um idoso que se mantém escondido em sua cela. Se você quer tanto exercitar ou mostrar sua ciência, procure homens jovens, falantes, distintos, como se diz que há tantos em Roma. Adversários que tenham a força e a coragem de entrar em luta com você e que, na discussão sobre as Divinas Escrituras, possam caminhar de mãos dadas com um bispo.

Quanto a mim, outrora soldado e agora veterano, só posso louvar as suas vitórias e as dos outros. Com um corpo esgotado, não se pode pensar em descer à arena.

Todavia, se você me pressionar muito para lhe responder, eu posso muito bem recordar a passagem em que a história nos mostra Aníbal vindo espatifar o entusiasmo da juventude contra a paciência do idoso Fábio.

A idade tira tudo e até o espírito. Lembro-me que, quando criança, passei mais de uma vez dias inteiros cantando meus versos. Eles já saíram da minha memória. A própria voz já abandonou Mœris[28].

[28] Virgílio. *Éclogas*, IX

Mas tirarei meu exemplo, invés disto, dos Livros Santos. *Berzelai, o galaadita* entrega as bênçãos e todos os prazeres oferecidos por Davi ao seu jovem filho, nos mostrando assim que a velhice não deve mais perseguir essas coisas, nem mesmo aceitá-las quando lhe são oferecidas[29].

04

Quando você me assegurar de que não escreveu o livro contra mim e que, com muito mais razão, você não o enviou a Roma; que, se houver em seus escritos coisas que se afastam da minha opinião, você não teve a intenção de me ferir, tendo simplesmente expressado o que lhe pareceu justo; eu lhe peço que me escute com paciência.

Você não escreveu nada então. Mas como então os escritos dos outros vieram me informar aqui o que você tem para me censurar? Como a Itália possui o que você não escreveu? Como então você me pede para responder coisas que você declara não ter escrito?

Eu não sou tão desprovido de senso para me considerar ferido por você em razão de uma diferença de opinião. Mas se você ataca diretamente o que eu pude dizer, se você me pede a razão

[29] Cf. 2 Samuel 19: 33-41.

dos meus escritos, me exortando a corrigi-los e a cantar a palinódia, sem se dar ao cuidado de me convencer, isto é o que atinge uma amizade. Isto é uma ferida feita nas relações íntimas.

Para que não pareçamos nos entregar a combates pueris e alimentar as contendas dos nossos partidários ou dos nossos detratores recíprocos, eu lhe escrevo isto, pois desejo amá-lo de uma maneira pura e cristã, sem guardar nada em meu coração que não esteja também em meus lábios.

Não convém, de fato, que, depois de ter trabalhado desde minha juventude até esta idade, vivendo com modelos de santidade nas estreitas instalações de um monastério, eu ouso escrever contra um bispo da minha comunhão, contra um bispo que amei mesmo antes de conhecer, que primeiro pediu para estabelecer relações comigo, que eu vejo com felicidade se elevar, depois de mim, na ciência das Divinas Escrituras.

Por consequência, negue esse livro, se realmente ele não é seu e não me pressione para responder ao que você não escreveu. Ou então, se ele é seu, admita-o inequivocamente.

Se acontecer então de eu escrever para me justificar, a culpa recairá sobre você, que terá me provocado e não sobre mim, que me vi na necessidade de me defender.

05

Você acrescenta, além disto, que está pronto, se alguma coisa me chocou em seus escritos, a levar fraternalmente em consideração minhas observações. Feliz, você diz, com minha benevolência.

Você vai mais longe e me pede para agir da mesma forma. Mais uma vez aqui eu digo o que penso: você provoca um idoso, você aferroa um homem que quer se manter calado, você parece querer ostentar sua doutrina.

Não se pode atribuir à minha idade um sentimento de animosidade para com alguém a quem eu devo favor. Se os espíritos perversos encontram nos Evangelhos e nos Profetas pontos sobre os quais eles se esforçam para recriminar, você vai se admirar se em seus livros, naqueles em particular que têm como objetivo expor as Escrituras, onde se encontram tantas obscuridades, há coisas que parecem se afastar da linha reta?

O que eu digo não significa que suas obras, já em meu pensamento, possuam passagens repreensíveis, pois ainda não pude me dedicar a lê-las e os exemplares delas não são numerosos entre nós, com exceção do seu Solilóquio e alguns Comentários aos Salmos.

Se você quiser discuti-los, eu lhe mostrarei que esses livros estão em desacordo, eu não digo comigo, que sou nada, mas com as antigas versões gregas.

Adeus meu caríssimo amigo, meu filho pela idade e meu pai pela dignidade. Deixe-me lhe pedir, ao terminar, que faça com que, daqui por diante, eu seja o primeiro a ler o que você tiver me escrito.

Carta 109 (073)– De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 397.

Santo Agostinho se empenha em acalmar São Jerônimo, que ele tinha magoado um pouco com suas cartas. Ele declara ter recebido o texto deste último contra Rufino, mas ele deplora que pessoas tão distintas, outrora unidas pelos laços de uma estreita amizade, estejam agora envolvidas em uma tão deplorável contenda.

Ao venerável senhor e irmão bem amado, seu confrade no sacerdócio, Jerônimo, saudações no Senhor, Agostinho.

01

Eu penso que, antes de ter recebido esta carta, você terá recebido a minha precedente, que lhe enviei através do servo de Deus, meu querido filho, o diácono Cipriano e você já terá sabido,

de uma maneira indubitável, que a carta cujos exemplares, como você me disse, tinham chegado até você, é realmente minha.

Daí vem, suponho, que estou tocado e abalado com suas respostas, como o imprudente Darés ficou com os pesados e terríveis golpes de Entelo[30].

Eu responderei, no entanto, a essa carta que você condescendeu me enviar através do nosso santo filho Astério e na qual eu vi a expressão múltipla da sua benevolência e da sua afeição para comigo e, ao mesmo tempo, os traços de uma alma um pouco magoada.

Avançando nessa leitura, eu mal havia me recuperado e logo recebi um novo golpe. Isto foi algo que me causou admiração acima de todas as outras. Depois de ter dito que você não tinha considerado ser necessário se reportar ligeiramente às cópias da minha carta, com receio de que, ao refutá-la, me desse a oportunidade de me queixar, com toda a razão, de ter sido condenado sem que o meu juiz tivesse se assegurado de que eu era culpado, você me pede, depois disto, para lhe escrever imediatamente para confirmar se a carta era realmente minha e para lhe enviar os exemplares autênticos, para que pudéssemos, sem amargura e

[30] Cf. Virgílio. *Eneida*.

sem nenhum ressentimento, discutir juntos os textos das Escrituras.

Mas como poderemos nos dedicar a essa discussão sem nenhum rancor, se você está pronto para me magoar?

Ou, se esta não é sua intenção, como eu mesmo poderei, quando você não me magoou, lhe dizer com justiça que você deveria ter se assegurado de que eu era realmente o autor do texto, para me responder depois, ou seja, para me magoar?

De fato, se você não me magoou com sua resposta, que direito eu tenho de reclamar? E como, na realidade, você me respondeu de uma maneira dolorosa, que meio nos resta para discutirmos juntos os textos dos Livros Santos, sem nenhuma amargura?

Mas Deus me livre de ficar magoado se você conseguir me demonstrar, de uma maneira mais precisa, que você compreendeu melhor do que eu a passagem controversa da Epístola apostólica ou qualquer outro texto sagrado. Deus me livre até mesmo de não agradecer, como um bem precioso, ter sido iluminado por suas lições ou corrigido por suas reprimendas.

02

No fundo, meu caríssimo irmão, se você não se considerasse ofendido pelos meus escritos, não teria imaginado que eu ficaria ofendido pelas suas respostas.

De minha parte, eu jamais poderei ter esta opinião sobre você. A menos que eu acredite que você tenha ficado magoado comigo, você me escreveu de maneira a me magoar e, se você pudesse imaginar que eu era tão desprovido de razão para me sentir ofendido no caso de você não ter me escrito dessa maneira, é me julgando assim que você me ofende.

Mas não, você não teria podido formar, de nenhuma maneira, tal julgamento, não tendo sentido da minha parte nada de semelhante, pois, mesmo que reconhecendo meu estilo, você não quis acreditar que eu fosse o autor dessa carta.

Você compreendeu perfeitamente que eu estaria no direito de me queixar, se você imprudentemente me atribuísse um escrito que não seria meu. Com muito mais justiça, eu não me queixaria por ser tido como alguém que jamais demonstrei ser?

É então impossível se livrar com esta saída e fingir que, não tendo recebido uma resposta ofensiva, fui suficientemente tolo, em sua opinião, para ficar chocado com uma resposta que não seria ofensiva.

03

Fica claro então que você estava com a disposição de não me poupar em sua resposta, se você viesse a saber, através de um documento certeiro, que eu fui o autor da tal carta.

Ora, como eu tenho a convicção de que você não quis me maltratar injustamente, eu só tenho que reconhecer minha culpa, que é a de tê-lo ferido primeiro, com uma carta cuja paternidade não posso negar.

Por que então me esforçar para lutar contra a corrente do rio e não lhe pedir logo perdão?

Eu lhe peço então, pela mansidão de Cristo, que me conceda sua indulgência, se eu o magoei. Não retribua o mal com o mal, me magoando também. E você me magoaria se mantivesse silêncio sobre os erros que eu possa ter cometido, tanto em meus escritos quanto em meus discursos.

Ao repreender em mim o que não seria repreensível, não é a mim que você fere, mas é a você mesmo. Mas nem seus sentimentos e nem sua vocação santa permitem supor que você aja com o objetivo de me causar uma ferida, de dilacerar com os dentes de uma maneira gratuitamente cruel o que em seu coração você sabe não ser repreensível.

É preciso então acusar com benevolência aquele que você acha que deve ser acusado, mesmo que ele seja isento de qual-

quer culpa. Ou então, que você trate com uma paternal afeição aquele que, apesar de tudo, você não pode rejeitar.

Não é impossível, absolutamente falando, que sua opinião não esteja conforme a verdade. O essencial é que você não faça nada que não seja por amor.

Uma correção cheia de bondade, eu a receberei vindo de você com o maior reconhecimento, mesmo quando ela não for merecida e eu tiver um meio legítimo de defesa. Não sendo assim, reconhecerei sua benevolência e minha culpa. O Senhor me concederá, espero, me mostrar reconhecido e arrependido.

04

Pois então! As suas palavras, duras talvez, mas salutares, com toda certeza, eu temeria como aos golpes de Entelo?

O adversário dele foi atingido e não curado. Foi por isto que ele foi derrotado.

Quanto a mim, se recebo com calma sua correção medicinal, eu não me queixarei. E se a fraqueza, tanto a humana como a minha em particular, não pode me impedir, sendo a acusação verdadeira, de sentir alguma tristeza, é melhor que a cabeça sofra com a extirpação do tumor do que manter o mal por medo do sofrimento.

Isto foi o que viu perfeitamente aquele que disse que os inimigos dispostos a apontar nossas faltas são, comumente, preferíveis aos inimigos em quem o medo fecha a boca. Uns, com o ódio deles, nos apontam, muitas vezes, defeitos verdadeiros e nos colocam em condições de corrigi-los. Os outros não demonstram a liberdade que se deveria ter para com a justiça, temendo alterar as doces relações de amizade.

É possível, como você mesmo disse, que você seja um boi pesado pela idade. Mas você conserva ainda todo o vigor da alma, ao mesmo tempo em que irriga, com seus úteis e fecundos suores, a eira do Soberano Senhor.

Eu estou aqui. Se eu disse algo de repreensível, firme ainda mais seu pé. Eu não devo me revoltar contra o peso da sua idade, desde que a palha da minha culpa seja moída.

05

Assim, o que você disse no final de sua carta, eu leio e releio com um ardente suspiro. “Quisesse Deus que eu tivesse a felicidade de abraçá-lo e a de ensinar ou aprender alguma coisa em nossas conversas”, você disse.

Quanto a mim, eu me limito a dizer: quisesse Deus que estivéssemos ao menos em países mais próximos um do outro e que nos fosse dado trocar cartas mais frequentes, não podendo con-

versar de viva voz. Separados como estamos por tão grandes distâncias, não obedecemos nossos pensamentos.

Eu me lembro de que, ainda jovem, eu escrevi à sua santidade sobre aquelas palavras do Apóstolo aos Gálatas[31] e mesmo agora, que sou velho, ainda não mereci receber uma resposta a ela. As cópias da minha carta chegaram até você com mais facilidade, não sei em que ocasião favorável, do que a própria carta, apesar dos cuidados que tomei.

A pessoa que foi encarregada de levá-la não teve o cuidado de entregá-la e nem de devolvê-la. Há em suas cartas, naquelas que pude receber, tantas e tão grandes coisas que eu não colocaria nada acima da felicidade de viver junto a você.

Mas, como isto me é impossível, eu penso em lhe enviar um dos nossos filhos em Jesus Cristo, para que você o instrua em nossa intenção, se é que, todavia, mereço obter uma resposta sobre isto.

Eu não tenho e não posso ter, sobre a Escritura Santa, a ciência que vejo em você. Além disto, se tenho alguma aptidão neste sentido, eu a derramo sob medida sobre o povo de Deus.

[31] Cf. Gálatas 2: 14. *Quando vi que o seu procedimento não era segundo a verdade do Evangelho, disse a Cefas, em presença de todos: "Se tu, que és judeu, vives como os gentios e não como os judeus, com que direito obrigas os pagãos convertidos a viver como os judeus?"*

Quanto a me dedicar a estudos que ultrapassam o que exige essa instrução, eu não posso absolutamente, por causa dos meus deveres eclesiásticos.

06

Chegaram à África alguns escritos em que a calúnia está ligada ao seu nome. Mas recebemos o que você bem quis nos enviar para responder a esses ataques. Ao ler aquilo, fiquei profundamente aflito por uma tão nociva discórdia ter se colocado entre duas pessoas antes tão unidas por uma amizade cuja reputação tinha se espalhado por quase todas as Igrejas.

Que do seu lado, você trate de se manter nos limites da moderação, de suavizar os traços da sua ira, de não retribuir injúria com a injúria que se vê bem claramente no teor das suas cartas.

No entanto, eu não pude me defender, ao lê-las, de uma dor profunda, de um terrível pavor. Como eu teria ficado, se tivesse em mãos as do seu adversário?

Ai do mundo por causa dos escândalos![32]

Vemos se realizar ___ e de uma maneira completa ___ o que a Verdade profetizou: *Ante o progresso crescente da iniquidade, o amor de muitos esfriará*[33].

[32] Mateus 18: 7.

Daqui por diante, quais corações se derramarão uns nos outros com confiança e segurança? Onde estará a afeição que se lançará sem medo no colo do próximo? Qual será o amigo que não se temerá como um possível inimigo futuro, se o que deploramos pôde acontecer entre Jerônimo e Rufino?

Ó condição humana miserável! Ó estéril ciência do presente sobre a vontade dos amigos, já que não se pode juntar a ela a presciência do futuro!

Mas, por que me derramar em gemidos sobre essa ignorância de um com relação ao outro, quando o ser humano não sabe nem mesmo o que será dele mesmo mais tarde?

Mal ele sabe, de certa maneira, o que ele é no momento, mas ignora o que ele será em seguida.

07

Ora, esse conhecimento, não apenas do que se é atualmente, mas também do que se deve ser um dia, existe nos anjos, junto à inocência e à felicidade.

O diabo jamais possuiu a verdadeira beatitude, quando ele ainda não tinha caído. Se ele previu sua futura prevaricação e seu eterno suplício, eu ignoro completamente.

---

[33] Mateus 24: 12.

Sobre esta questão, supondo que seja útil ela ser elucidada, eu bem que gostaria de ouvir de você sobre o que se deve pensar dela.

Veja o que fazem essas terras e esses mares que nos separam. Se eu mesmo fosse essa carta que você lê, você já me teria dado a resposta que peço, enquanto que agora, quando é que você me dará uma resposta? Quando o verei? Quando ela chegará aqui? Quando a receberei?

Queira Deus, no entanto, que um dia se realize o que não acontece jamais tão cedo quanto os nossos desejos, o que esperamos com toda a paciência de que somos capazes.

Assim, retorno às doces palavras de sua carta, às tocantes expressões de um pio lamento. Eu me aproprio delas e as dirijo a você também: “Quisesse Deus que eu tivesse a felicidade de abraçá-lo e a de ensinar ou aprender alguma coisa em nossas conversas”. Admitindo, no entanto, que me seja possível, de alguma maneira, lhe ensinar algo.

08

Com estas palavras, que não são mais somente suas, mas minhas também, eu me deleito e me reconforto. Eu encontro uma grande consolação neste desejo que anima a nós dois, mesmo que

ele esteja sempre suspenso no vazio e não alcance jamais seu objetivo.

Mas, no momento mesmo em que desfruto desta alegria, eis que o ferrão da dor me transpassa. Vem ao meu pensamento que você e seu adversário ___ a quem Deus larga e longamente concedeu o que cada um de vocês desejou, que é viver na mais estreita união e desfrutar juntos do mel das Santas Escrituras ___, vocês têm agora no coração uma tão fatal amargura.

Quando, onde, por que pessoa isso não deveria ser temido, a partir do momento em que vimos acontecer, no exato momento mesmo em que, tendo acabado de rejeitar os constrangimentos do século, você já seguia o Senhor com uma liberdade completa. Nesse mesmo país que o Senhor pisou depois de se fazer humano e que, de sua boca, se ouviu esta lição: *Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz*[34], entre pessoas, enfim, de uma idade respeitável e vivendo juntas em relação íntima com os Livros Santos?

Na verdade, *a vida do ser humano na terra é uma provação*[35].

Oh, por que não me é dado me encontrar com vocês juntos em um ponto qualquer do mundo?!

[34] João 14: 27.
[35] Jó 7: 1.

Emocionado, triste, alarmado como estou, eu cairia aos seus pés, eu choraria todas as minhas lágrimas, eu rezaria na medida do meu amor. Uma hora, para cada um de vocês e outra hora, um pelo outro e pelo resto dos cristãos, sobretudo para os enfermos, todos resgatados pelo sangue de Jesus Cristo. Eles os contemplam como o maior dos perigos no teatro desta vida.

Não espalhem escritos sobre vocês que não poderiam mais apagar, se algum dia a concórdia se restabelecer entre vocês, por mais obstinada que seja a discórdia de vocês ou que vocês temam ler então, para que a querela não venha a renascer.

09

Eu falo sinceramente à sua caridade. Nada me faz tremer mais do que tal exemplo, quando vejo em sua carta alguns sinais de irritação e isto não é quando você recorda as imagens de Entelo e do boi pesado. Isto me parece mais uma piada do que uma ameaça séria. É quando você emprega as expressões que recordei acima além do necessário talvez, mas não, certamente, além dos meus medos. “Para que você, se sentindo magoado, não fizesse ouvir justas recriminações”.

Eu lhe peço, se for possível, que nos dediquemos a pesquisas e debates livres de toda amargura, que sejam próprias para nutrir nossos corações e que impulsionem nossas carreiras.

Se eu não posso assinalar em seus escritos o que me parece que deve ser corrigido e nem vocês nos meus, sem que resulte disto uma suspeita de inveja, um atentado à nossa amizade, deixemos estas coisas de lado e pensemos na segurança de nossas vidas e da nossa salvação. Suportemos alguma incerteza na *ciência* que *incha*, para salvaguardarmos *o amor* que *constrói*[36].

Quanto a mim, eu me sinto bem longe da perfeição sobre a qual está dito: *Se alguém não cair por palavra, esta é uma pessoa perfeita*[37]. Mas, com o socorro da Divina Misericórdia, eu conto plenamente poder lhe pedir perdão sem esforço, se eu o tiver ferido e cabe a você me fazer compreender isto, para ganhar seu irmão, disposto que estou em ouvi-lo[38].

E porque você não pode fazer isto frente a frente, por causa da distância que nos separam, nem por isto você deve me deixar no erro.

Quanto aos próprios pontos que queremos aprofundar, se estou ou convencido de que estou na verdade, embora você seja de opinião contrária, eu tentarei sustentar a minha, na medida

[36] 1 Coríntios 8: 1.
[37] Tiago 3: 2.
[38] Cf. Mateus 18: 15. *Se teu irmão tiver pecado contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele somente; se te ouvir, terás ganhado teu irmão.*

em que o Senhor me der o poder para isto, sem lhe causar uma injúria.

Se eu perceber, no entanto, que você se ofendeu, mesmo com minhas precauções, simplesmente implorarei sua indulgência.

10

Não imaginarei sem razão que você poderia ter ficado irritado, a menos que eu diga algo enquanto me sinto errado na substância ou na forma, pois não estou surpreso que nos conheçamos menos do que somos conhecidos por nossos entes próximos e queridos.

Confesso que, de bom grado, eu me jogo inteiramente no colo do seu amor. Sobretudo quando estou cansado dos escândalos do mundo e nele encontro meu repouso sem nenhuma exigência. Eu me sinto então em total segurança, sabendo em quem me confio e, nessa doce confiança, eu não temo o dia seguinte tenebroso da fragilidade humana, pela qual eu gemia há poucos instantes.

Quando eu tenho a convicção de que uma pessoa cujo coração está inflamado pelo amor cristão se tornou meu fiel amigo, tudo o que eu lhe comunico sobre meus projetos e meus pensa-

mentos, não é à pessoa que comunico, mas Àquele em quem essa pessoa deve permanecer para ser como tal.

Deus é amor e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele[39].

Quem abandona o amor deve, necessariamente, causar uma dor igual à alegria que causava ao permanecer nele.

Além disto, quando um amigo se torna um inimigo, que ele seja reduzido a artificiosas invenções, não tendo nada a revelar em sua ira.

Todos podem chegar a este objetivo. Não ocultando o que teria feito, mas não fazendo nada que gostaria de esconder.

Se a Divina Misericórdia permite que as pessoas de bem, as pessoas devotas vivam com abandono e segurança no meio dos amigos, não importa o que estes possam se tornar depois. Eles devem evitar manifestar imprudentemente os pecados alheios e eles mesmos não cometerem nenhum.

Quando o ímpio inventa algo para nos denegrir, ou não se acredita absolutamente em sua palavra ou então somente a reputação é comprometida e a salvação permanece intacta.

[39] 1 João 4: 6.

O mal do qual se torna culpado é que é o nosso inimigo íntimo, mesmo que ele não seja divulgado pela tagarelice ou pelo ódio de algum dos nossos familiares.

Assim, qual é a mente sábia que não vê com que paciência devem ser suportados os inacreditáveis rompantes daquele que há pouco era seu mais íntimo amigo, tendo com você o consolador testemunho da consciência e como você pode tomar __ diante das calúnias que ele espalha, admitindo mesmo que ele encontre crédito junto a algumas pessoas __, as *armas* que Paulo coloca em nossa mão *esquerda* e que nos servem no combate contra o diabo, como aquelas que temos na mão *direita*[40]?

Eu preferiria, no entanto, vê-lo mais moderado, de alguma maneira, do que vê-lo mais armado desta maneira.

É um grande e deplorável prodígio que, de uma amizade assim, tenha surgido uma inimizade assim. O prodígio será maior ainda e será, sobretudo, a causa de uma grande alegria, se dessa inimizade se voltar à antiga concórdia.

[40] Cf. 2 Coríntios 6: 7 (*Pelas armas da justiça, à direita e à esquerda*) e 10: 4 (*Não são carnais as armas com que lutamos. São poderosas em Deus, capazes de arrasar fortificações*).

Carta 111 – De São Jerônimo a Santo Agostinho. Ano 403/404.

Ele responde, enfim, às questões propostas nas cartas 056, 067 e 104, sobre o nome do livro consagrado aos escritores eclesiásticos, sobre a reprimenda de Paulo a Pedro e mencionada na Epístola aos Gálatas, sobre a tradução do Antigo Testamento e sobre o livro sobre o Profeta Jonas. Ele defende, com vigor, seus escritos e suas interpretações, perante Santo Agostinho.

Ao senhor realmente santo, ao bem-aventurado pontífice Agostinho, saudações em Jesus Cristo, Jerônimo.

01

Eu recebi, ao mesmo tempo, as três cartas ___ ou melhor, os três curtos libelos que você bem quis me enviar ___ através do diácono Cipriano e que contém diversas questões, como você as chama, ou críticas aos meus opúsculos, como eu sinto. Se eu quisesse respondê-las, eu precisaria de um volume inteiro.

Tentarei, no entanto, na medida do possível, não ultrapassar os limites de uma carta um pouco longa e não retardar nosso irmão, com pressa para partir. Ele me pediu minhas cartas com somente três dias antes de sua partida e me vi na necessidade de escrever às pressas, sem nenhuma reflexão, tal como se apresen-

tou, tudo o que me veio ao pensamento. Isto não foi a maturidade do escritor e sim o acaso do ditado.

Ao fim de tudo isto, não se pode esperar uma doutrina, mas um lançar de dados; um ataque inesperado que mergulha na perturbação os mais intrépidos soldados. Eles são forçosamente derrotados antes mesmo de poderem pegar em armas.

02

Seja como for, nossa *armadura* é Cristo. Este também é o ensinamento do Apóstolo, que escreve aos Efésios: *Tomai, portanto, a armadura de Deus, para que possais resistir nos dias maus e manter-vos inabaláveis no cumprimento do vosso dever*[41].

E ele continua assim: *Ficai alerta, à cintura, cingidos com a verdade, o corpo vestido com a couraça da justiça e os pés calçados de prontidão para anunciar o Evangelho da paz. Sobretudo, abraçai o escudo da fé, para que possais apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai, enfim, o capacete da salvação e a espada do Espírito, isto é, a palavra de Deus*[42].

Estas foram as armas com as quais o rei Davi avançou outrora para o combate. Ele escolheu, no regato, *cinco pedras* per-

[41] Efésios 6: 13.
[42] Efésios 6: 14-17.

feitamente *lisas*[43], mostrando, com esta imagem, que ele passava através dos turbilhões do mundo sem encontrar nele nenhuma aspereza, nenhuma sujeira e bebendo, no caminho, a água do regato.

Foi por isto que ele levantou a cabeça e que, depois de ter derrubado o soberbo Golias, o decapitou com a própria espada deste inimigo. Ele golpeara o blasfemador primeiro *na testa*[44], parte do corpo em que Ozias, o usurpador do sacerdócio, também foi atingido pela *lepra*[45] e que é a sede da divina glória, de acordo com estas palavras de um santo: *A luz da vossa face está fixada sobre nós, Senhor*[46].

Digamos nós também: *Meu coração está firme, ó Deus, meu coração está firme. Vou cantar e salmodiar. Desperta-te, ó minha alma! Despertai, harpa e cítara! Quero acordar a aurora*[47].

Assim se cumprirão para nós estas palavras: *Basta abrires a boca e te satisfarei*[48] e estas outras: *O Senhor dará, aos proclamadores de sua palavra, muita força*[49].

---

[43] I Samuel 17: 40.
[44] 1 Samuel 17: 49.
[45] 2 Crônicas 26: 20.
[46] Salmo 004: 007.
[47] Salmo 056: 008 e 009 e 107: 002 e 003.
[48] Salmo 080: 011.

Eu não duvido que, do seu lado, você peça a Deus a mesma coisa: o triunfo da verdade nos debates. Seguramente que você não busca a sua glória, mas a de Cristo.

Se você vencer, eu mesmo vencerei, se reconhecer meu erro. No caso em que eu conquiste a vitória, você não seria menos vencedor, pois *não são os filhos que devem entesourar para os pais, mas os pais para os filhos*[50].

Lemos, no Livro das Crônicas, que os filhos de Israel avançavam para o combate com uma mente pacífica. No meio das espadas, dos rios de sangue, dos cadáveres espalhados pela planície, era a paz que eles queriam fazer triunfar e não eles mesmos.

Respondamos a todas as questões, resolvamos, em poucas palavras, as múltiplas questões, se esta é a vontade de Cristo. Eu dispensarei as frases agradáveis que você derrama sobre minha cabeça como um suave perfume. Eu me calo sobre os elogios que você antecipadamente faz para suavizar suas críticas. Eu vou imediatamente aos pontos debatidos.

03

Você disse ter recebido, de um certo irmão, o meu livro sobre os escritores eclesiásticos, tanto gregos quanto latinos, mas

[49] Salmo 067: 012.
[50] 2 Coríntios 12: 14.

sem nenhum título. Como você lhe perguntou ou, para me servir das suas próprias expressões: “como a primeira página estava em branco, eu lhe perguntei que nome poderia estar escrito lá”, ele lhe respondeu que o livro deveria se chamar Epitáfio. Diante disto, você disse que este título seria justo se o livro só contivesse os atos e as obras de pessoas já mortas, mas que, com muitos daqueles que viviam então ou que ainda vivem sendo mencionados, você ficou surpreso que eu tivesse escolhido este título.

Sua inteligência deveria, no entanto, fazer com que compreendesse o título de acordo com a própria natureza da obra. Você não ignora que os gregos e os latinos que escreveram sobre as vidas das pessoas ilustres jamais tiveram a ideia de chamar essas obras de Epitáfios e que eles se limitaram às palavras: “Pessoas ilustres”, determinando as carreiras que eles seguiram ___ generais, filósofos, oradores, historiadores, poetas ___ acrescentando mesmo o gênero de poesia, se épica, trágica ou cômica.

Propriamente falando, o epitáfio, de fato, só diz respeito aos mortos e foi este termo mesmo que eu utilizei por ocasião da morte do sacerdote Nepotiano, de santa memória.

Este livro deve então ser intitulado: “Homens ilustres” ou, mais exatamente: “Escritores eclesiásticos”.

É verdade que muitos corretores inábeis, pelo que me dizem, o intitularam: “Autores”.

04

Você me pergunta depois, por que, em meus “Comentários à Epístola aos Gálatas”, eu declarei que Paulo não podia apontar em Pedro o que ele tinha feito, que foi censurar em outro um fingimento do qual ele mesmo podia ser acusado.

Você afirma que a repreensão do Apóstolo foi séria e verdadeira e não um artifício de linguagem; que eu não deveria ensinar, assim, a mentira; que tudo o que está escrito deve ser entendido de acordo com o valor das expressões.

Eu respondo primeiro que sua sabedoria deveria se lembrar do curto prefácio dos meus comentários, no qual eu digo, em meu nome: “Eu teria então a insanidade ou a imprudência de prometer o que não pôde esse gênio?” Certamente que não. Mas, tão sábio quanto mais tímido eu melhor sentia a fraqueza da minha mente, eu segui os Comentários de Orígenes. Este grande homem compôs cinco volumes sobre a Epístola de São Paulo aos Gálatas. Ele até mesmo deu a explicação literal e detalhada dela no segundo livro do seu “Stromata” (Miscelânea). Ele até mesmo escreveu, sobre isto, diversos tratados e fragmentos escolhidos que, sozinhos, formariam uma explicação suficiente.

Eu não digo nada de Dídimo, meu vidente, nem do laodiceano, recém-saído da Igreja, nem de Alexandre, herege de longa

data, nem de Eusébio de Emisene, nem de Teodoro de Heracle, que todos comentaram, mais ou menos, o mesmo texto.

Se eu coletasse em cada um destes autores, resultaria um feixe que não seria de se desprezar. Eu li todas essas obras, admito francamente e as tenho amontoadas, na maior parte, em minha memória. Depois, chamando um secretário, eu ditei, uma hora minhas ideias e outra hora, as dos outros, sem me preocupar com a ordem, com a expressão e, às vezes, nem mesmo com o sentido.

É uma prova da divina misericórdia se, pela minha imperícia, não está perdido o que os outros disseram de bom e se os estranhos não têm por agradável o que se desfruta entre “amigos”.

Se você considerou então que havia coisas repreensíveis em nossa exposição, caberia à sua ciência buscar, nos comentadores gregos, as citações que pudemos fazer deles e condenar, como sendo nosso, apenas o que eles não teriam escrito.

Isto seria ainda mais justo porque admiti, formalmente, no prefácio, minha resolução de seguir os “Comentários de Orígenes” e ditar, sem distinção, minhas ideias e as dos outros. Acrescente-se que, no fim do capítulo, onde você encontrou do que criticar, eu mesmo escrevi: “Se alguém não aceita esta explicação, segundo a qual, Pedro não teria pecado e nem a Paulo teria faltado moderação, ao repreender seu superior, cabe a ele explicar por

qual incoerência Paulo apontou em outro o que ele mesmo era culpado".

Eu mostrei o suficiente, com isto, que não defendi com obstinação o que eu li nos gregos. Eu simplesmente os citei, deixando ao julgamento do leitor o cuidado de aprovar esta opinião ou de desaprová-la.

05

Portanto, por não fazer o que pedi, você levou à frente uma explicação nova, afirmando que aqueles gentios que se convertiam à fé cristã estavam liberados do jugo da Lei e que os judeus convertidos, pelo contrário, permaneciam submissos a ela. Cada um então estava no seu papel: o Doutor das Nações, ao repreender aqueles que mantinham as observâncias legais e Pedro era repreendido com justiça, ele que era o líder da circuncisão, porque impunha aos gentios uma coisa de que os judeus eram devedores.

Se esta opinião lhe convém, ou melhor, porque ela lhe parece justa, se você pensa realmente que os judeus, ao abraçarem a fé, não devem deixar de cumprir a Lei, como é um bispo conhecido no mundo inteiro, espalhe por toda parte a sua opinião e conduza a isto todos os seus colegas do episcopado.

Quanto a mim, vivendo em um obscuro e pobre asilo, com homens retirados do mundo, pecadores como eu mesmo, eu não ouso resolver as grandes questões. Eu prefiro admitir ingenuamente que, depois de ter lido as obras dos nossos antecessores, eu relato, em meus “Comentários”, segundo o costume geralmente estabelecido, as diversas interpretações deles, para que cada um possa escolher, na multiplicidade, o que melhor lhe convir.

Ora, eu o acreditei suficientemente versado nas Divinas Letras, assim como na literatura profana, para fazer tal distinção.

06

A explicação dada inicialmente por Orígenes, no segundo livro do seu “Stromata”, onde a Epístola aos Gálatas é comentada, explicação seguida desde então por todos os intérpretes, tinha por objetivo, sobretudo, responder às blasfêmias de Porfírio. Este escritor acusou Paulo de insolente, por ter ousado repreender Pedro, o Príncipe dos Apóstolos e lhe resistir face a face, tentando lhe provar que ele agira mal, ou seja, que ele incorrera em um erro no qual estava justamente aquele mesmo que o repreendia.

O que lhe direi de João, que há pouco tempo exercia as funções episcopais e governava a Igreja de Constantinopla[51]?

Ele tratou diretamente esta questão com muita extensão e, em seu livro, ele seguiu a opinião de Orígenes e dos antigos. Se você afirma então que eu me enganei, admita que eu me engano em boa companhia e, vendo que muitas pessoas consideráveis partilham do meu erro, você deveria ao menos citar alguém que sustente a verdade com você.

Isto é para o que diz respeito à interpretação de um só ponto da Epístola aos Gálatas.

07

Para não parecer, no entanto, lutar contra as suas razões apelando para o número das testemunhas, me entrincheirar atrás de nomes ilustres para me livrar da verdade e não ousar, por fim, descer à arena, eu lhe apresentarei rapidamente as passagens da Escritura.

Vemos, no Livro dos Atos dos Apóstolos, que Pedro ouviu uma voz que lhe dizia: *Levanta-te, Pedro! Mate e coma*[52].

[51] Não há dúvida de que se trata aqui de São João Crisóstomo. Agrada-nos ver o autor invocar a autoridade do arcebispo de Constantinopla a este respeito, mesmo depois do exílio deste último, porque a frase é perfeitamente clara a este respeito. S. Jerônimo tinha, assim, feito justiça às acusações feitas por Teófilo de Alexandria e o seu testemunho tem tanto mais peso quanto as suas relações com o tão famoso acusador não eram conhecidas por ninguém.

Trata-se aqui de todas as espécies de animais: quadrúpedes, répteis, pássaros. Esta passagem mostra que nenhum ser humano é manchado em sua condição humana e que todos são igualmente chamados à graça de Jesus Cristo.

Esta foi a resposta de Pedro: *"De modo algum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma profana e impura". A voz lhe falou pela segunda vez: "O que Deus purificou não chames tu de impuro"*[53].

Ele foi então para Cesareia e, tento entrado na casa de Cornélio, *Pedro tomou a palavra e disse: "Em verdade, reconheço que Deus não faz distinção de pessoas, mas, em toda nação, lhe é agradável aquele que o temer e fizer o que é justo"*[54].

Por fim, *estando Pedro ainda a falar, o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a (santa) palavra. Os fiéis da circuncisão, que tinham vindo com Pedro, profundamente se admiraram, vendo que o dom do Espírito Santo era derramado também sobre os pagãos, pois eles os ouviam falar em outras línguas e glorificar a Deus. Então Pedro tomou a palavra: "Porventura se pode negar a água do batismo a estes que receberam*

[52] Atos 10: 13.
[53] Atos 10: 14 e 15.
[54] Atos 10: 34 e 35.

o Espírito Santo como nós?" E mandou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo[55].

Os apóstolos e os irmãos da Judeia ouviram dizer que também os pagãos haviam recebido a palavra de Deus. E, quando Pedro subiu a Jerusalém, os fiéis que eram da circuncisão o repreenderam: "Por que entraste em casa de incircuncisos e comeste com eles?"[56]

Depois de ter exposto inteiramente a eles o próprio comportamento, ele concluiu seu discurso nestes termos: *"Pois, se Deus lhes deu a mesma graça que a nós, que cremos no Senhor Jesus Cristo, com que direito me oporia eu a Deus?" Depois de terem ouvido estas palavras, eles se calaram e deram glória a Deus, dizendo: "Portanto, também aos pagãos concedeu Deus o arrependimento que conduz à vida!"*[57]

Muito tempo depois, quando Paulo e Barnabé foram a Antioquia, *ali chegados, reuniram a igreja e contaram quão grandes coisas Deus fizera com eles e como abrira a porta da fé aos gentios*[58].

[55] Atos 10: 44-48.
[56] Atos 11: 1-3.
[57] Atos 11: 17 e 18.
[58] Atos 14: 26.

Mas, *alguns homens, descendo da Judeia, se puseram a ensinar aos irmãos o seguinte: "Se não vos circuncidais, segundo o rito de Moisés, não podeis ser salvos". Originou-se então grande discussão de Paulo e Barnabé com eles e se resolveu que estes dois, com alguns outros irmãos* ___ acusados e acusadores ___, *fossem tratar desta questão com os apóstolos e os anciãos em Jerusalém.*

Acompanhados (algum tempo) dos membros da comunidade, tomaram o caminho que atravessa a Fenícia e Samaria. Contaram a todos os irmãos a conversão dos gentios, o que causou a todos grande alegria. Chegando a Jerusalém, foram recebidos pela comunidade, pelos apóstolos e anciãos, a quem contaram tudo o que Deus tinha feito com eles.

Mas se levantaram alguns que antes de ter abraçado a fé eram da seita dos fariseus, dizendo que era necessário circuncidar os pagãos e lhes impor a observância da Lei de Moisés. Reuniram-se os apóstolos e os anciãos para tratar desta questão.

Ao fim de uma grande discussão, Pedro se levantou e ___ com sua liberdade costumeira ___ *lhes disse: "Irmãos, vós sabeis que, já há muito tempo, Deus me escolheu dentre vós, para que, da minha boca, os pagãos ouvissem a palavra do Evangelho e cressem. Ora, Deus, que conhece os corações, testemunhou a respeito deles, lhes dando o Espírito Santo, da mesma forma que*

a nós. Nem fez distinção alguma entre nós e eles, purificando pela fé os seus corações. Por que, pois, provocais agora a Deus, impondo aos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós pudemos suportar? Nós cremos que, pela graça do Senhor Jesus, seremos salvos, exatamente como eles".

Toda a assembleia o ouviu silenciosamente[59]. E o Apóstolo Tiago, com todos os anciãos, adotou esta opinião.

08

Estas citações não devem cansar o leitor. Elas lhes são úteis, assim como a mim, para estabelecer que, antes de ser repreendido pelo Apóstolo Paulo, Pedro não ignorava que a Lei não devia mais ser observada depois do Evangelho e que ele foi mesmo o promotor desta decisão.

Acrescentemos que Pedro tinha uma autoridade tal que Paulo pôde dizer sobre ele em uma Epístola: *Três anos depois, subi a Jerusalém para conhecer Cefas e fiquei com ele quinze dias*[60].

Na sequência, ele diz também: *Catorze anos mais tarde, subi outra vez a Jerusalém com Barnabé, levando também Tito*

[59] Atos 15: 1-12.
[60] Gálatas 1: 18.

comigo. E subi em consequência de uma revelação. Expus-lhes o Evangelho que prego entre os pagãos[61].

Isto foi mostrar que ele não teria tido a segurança de pregar o Evangelho se ele não tivesse sido corroborado pela opinião de Pedro e dos outros Apóstolos que estavam com ele.

Ele logo acrescentou então: *... e isso particularmente aos que eram de maior consideração, a fim de não correr ou de não ter corrido em vão*[62].

Por que ele chamou essas pessoas à parte e não lhes falou em público?

Para não provocar nenhum escândalo à fé dos judeus convertidos, que pensavam que a Lei ainda devia ser observada depois de se ter abraçado o Evangelho. Foi por isto que, na época em que Pedro foi à Antioquia, circunstância que não é relatada nos Atos dos Apóstolos, mas suficientemente confirmada pela narrativa de Paulo, este lhe resistiu *francamente, porque* Pedro foi, na realidade, *censurável*.

Pois, antes de chegarem alguns homens da parte de Tiago, ele comia com os pagãos convertidos. Mas, quando aqueles vieram, se retraiu e se separou destes, temendo os circuncidados.

[61] Gálatas 2: 1.
[62] Gálatas 2: 1.

Os demais judeus convertidos lhe seguiram a atitude equívoca, de maneira que mesmo Barnabé foi levado por eles a essa dissimulação. Quando vi que o seu procedimento não era segundo a verdade do Evangelho, disse a Cefas, em presença de todos: "Se tu, que és judeu, vives como os gentios e não como os judeus, com que direito obrigas os pagãos convertidos a viver como os judeus?"[63]

Não há, portanto, dúvida de que o apóstolo Pedro foi o primeiro a tomar a decisão que agora é acusado de abandonar. E a causa desta fraqueza foi o medo que ele tinha dos judeus.

A Escritura atesta, de fato, que ele, *antes de chegarem alguns homens da parte de Tiago, comia com os pagãos convertidos* e que depois que os enviados *de Tiago* chegaram, ele *se retraiu e se separou* dos *pagãos convertidos, temendo os circuncidados*.

Se ele temia aqueles de quem ele era o Apóstolo, era porque ele não queria que suas relações com os *pagãos convertidos* fossem para eles um pretexto para abandonarem a fé. Imitando o Bom Pastor, ele não queria perder o rebanho que lhe tinha sido confiado.

[63] Gálatas 2 : 11-14.

09

Depois então de ter mostrado que Pedro não estava, de forma alguma, no erro, com relação à abolição da Lei mosaica e que somente o medo o fez fingir observá-la, vejamos agora se Paulo, ao acusar o outro, não era ele mesmo culpado da mesma fraqueza.

Lemos, no mesmo livro: *Paulo percorreu a Síria e a Cilícia, confirmando as comunidades*[64].

Ele *chegou a Derbe e depois a Listra. Havia ali um discípulo, chamado Timóteo, filho de uma judia cristã, mas de pai grego*[65].

Os irmãos de Listra e de Icônio lhe prestaram homenagem.

Paulo quis levar Timóteo com ele, mas, primeiro, *circuncidou-o, por causa dos judeus daqueles lugares, pois todos sabiam que o seu pai era grego*[66].

Ó bem-aventurado Apóstolo! Ó Paulo! Você que censurou Pedro o fingimento que ele cometeu, ao se afastar dos gentios, porque temia os judeus vindos da parte de Tiago, por que então você impôs a circuncisão a Timóteo, filho de um pai gentil e ele

[64] Atos 15: 40 e 41.
[65] Atos 16: 1.
[66] Atos 16: 3.

mesmo gentio, já que ele não era judeu e, portanto, não circuncidado e isto, contrariando suas convicções?

Você me responderá que foi por causa dos judeus, em cujo país ele residia. Mas, se você acredita poder permitir a circuncisão de um discípulo saído da gentilidade, saiba perdoar a Pedro, seu líder, que acreditou ter que fazer o mesmo por medo dos judeus convertidos.

Também está escrito: *Paulo permaneceu em Corinto ainda algum tempo. Depois se despediu dos irmãos e navegou para a Síria e com ele Priscila e Áquila. Antes, porém, cortara o cabelo em Cêncris, porque terminara um voto*[67].

Suponhamos que o medo dos judeus o tenha igualmente forçado a fazer aqui o que ele não queria. Por que ele deixou crescer seus cabelos por motivo religioso e depois os cortou, segundo a Lei, já que os nazarenos consagrados a Deus tinham este costume, para observarem o preceito de Moisés?[68]

[67] Atos 18: 18.

[68] Cf. Números 6 : 2-18 . *Quando um homem ou uma mulher fizer o voto de nazireu, separando-se para se consagrar ao Senhor, Durante todo o tempo de seu voto de nazireato, a navalha não passará pela sua cabeça, até que se completem os dias, em que vive separado em honra do Senhor. Será santo e deixará crescer livremente os cabelos de sua cabeça. Findo o seu nazireato, será conduzido à entrada da tenda de reunião. Então será rapada ao nazireu sua cabeça consagrada à entrada da tenda de reunião; o sacerdote tomará os seus cabelos consagrados e os porá no fogo que está por baixo do sacrifício pacífico*.

10

Mas, o que acabamos de dizer é pouco, comparado com o que vem a seguir. Lucas, o autor do Livro dos Atos dos Apóstolos, continua:

À nossa chegada em Jerusalém, os irmãos nos receberam com alegria. No dia seguinte, Paulo se dirigiu conosco à casa de Tiago, onde todos os anciãos se reuniram. Tendo-os saudado, lhes contou uma por uma todas as coisas que Deus fizera entre os pagãos por seu ministério. Ouvindo isso, glorificaram a Deus e disseram a Paulo: "Bem vês, irmão, quantos milhares de judeus abraçaram a fé sem abandonar seu zelo pela Lei. Eles têm ouvido dizer de ti que ensinas os judeus, que vivem entre os gentios, a deixarem Moisés, dizendo que não devem circuncidar os seus filhos nem observar os costumes (mosaicos). O que há de se fazer? Sem dúvida, saberão de tua chegada. Faze, pois, o que te vamos dizer. Temos aqui quatro homens que têm um voto. Toma-os contigo, faze com eles os ritos da purificação e paga por eles (a oferta obrigatória) para que raspem a cabeça. Então todos saberão que é falso quanto de ti ouviram, mas que também tu guardas a Lei. Mas, a respeito dos que acreditaram dentre os gentios, já escrevemos, ordenando que se abstenham do que for sacrificado aos ídolos, do sangue, da carne sufocada e da fornicação".

Então, Paulo acompanhou aqueles homens no dia seguinte e, se purificando com eles, entrou no templo e fez ali uma declaração do termo do voto, findo o qual se devia oferecer um sacrifício a favor de cada um deles[69].

Eu ainda ouso, Paulo, questioná-lo também sobre isto: "Por que você raspa a cabeça? Por que você anda descalço, segundo as cerimônias judaicas? Por que você permite que sejam oferecidos sacrifícios e que vítimas sejam imoladas por você, conforme a Lei?"

Você me responderá que é para não escandalizar os judeus convertidos. Você então fingiu ser judeu para ganhar os judeus. Tiago e os outros anciãos o aconselharam esse fingimento e você não pôde se livrar dele.

Tendo explodido uma rebelião e como você estava a ponto de ser levado à morte, um tribuno o retirou da multidão e o fez partir para Cesareia, acompanhado de uma boa escolta[70], para evitar que os judeus o matassem como um enganador e um destruidor da Lei. De lá, chegando a Roma, no próprio asilo que você louvou, você *pregava o Reino de Deus e ensinava as coisas a*

[69] Atos 21: 17-26.
[70] Cf. Atos 23: 23.

respeito do Senhor Jesus Cristo[71], aos judeus e aos gentios. Por fim, a espada de Nero se encarregou de confirmar sua doutrina.

11

Sabemos então que, por medo dos judeus, Pedro e Paulo igualmente fingiram observar os preceitos da Lei. Com que autoridade então e com que imprudência Paulo repreende no outro o que ele mesmo cometeu?

Quanto a mim... não, outros antes de mim interpretaram esta passagem, sem admitir e nem justificar a mentira oficiosa, como você diz em sua carta.

Eles demonstraram aqui uma sábia atitude, ao ressaltarem a prudência dos Apóstolos e, além disto, confundiram as despudoradas blasfêmias de Porfírio, que afirmou que Pedro e Paulo travaram, nessa circunstância, um combate pueril ou mesmo que Paulo demonstrou sua inveja das virtudes de Pedro e consignou, por ostentação, o que ele não tinha feito ou o que ele tinha feito levado por um impulso cego, repreendendo no outro o que ele mesmo era culpado.

Esta é a interpretação que eles deram, na medida do saber deles.

[71] Atos 28: 31.

Qual será agora a sua?

Seguramente melhor, já que você condenou a opinião dos nossos Padres.

12

Você me escreve: “Eu não preciso lhe ensinar como se deve interpretar o que diz, em outra passagem, o mesmo Apóstolo: *Embora livre de sujeição a qualquer pessoa, eu me fiz servo de todos para ganhar o maior número possível. Para os judeus fiz-me judeu, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão debaixo da Lei, fiz-me como se eu estivesse debaixo da Lei, embora o não esteja, a fim de ganhar aqueles que estão debaixo da Lei. Para os que não têm lei, fiz-me como se eu não tivesse lei, ainda que eu não esteja isento da Lei de Deus - porquanto estou sob a Lei de Cristo -, a fim de ganhar os que não têm lei. Fiz-me fraco com os fracos, a fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, a fim de salvar a todos. E tudo isso faço por causa do Evangelho, para dele me fazer participante*[72]”.

Isto é a expressão de um verdadeiro comportamento de zelo e de misericórdia e não, certamente, uma fútil e enganosa aparência.

[72] 1 Coríntios 9: 19-23.

Indo em socorro de um doente, Paulo se fazia de doente ele mesmo e não afirmando falsamente que estava atingido pela febre, mas agindo, em sua compaixão, como ele gostaria que agissem com relação a ele na mesma situação.

Ele era judeu de nascimento e, ao se tornar cristão, ele não abandonou as observâncias judaicas, aquelas que este povo tinha recebido e devia praticar nos momentos estabelecidos. Ele se conformou então a isto, para mostrar que elas não eram nocivas àqueles que queriam guardá-las tais como eles as receberam de seus pais em virtude da Lei, mesmo que eles tivessem abraçado a fé do Evangelho. Contanto que eles não fizessem consistir nessas observâncias a esperança pela salvação, salvação de que elas eram um símbolo antecipado, tendo vindo à terra através do Senhor Jesus.

Todo o seu discurso, que vai se desenrolando em uma discussão muito longa, se resume nisto: “Pedro não errou, ao pensar que a Lei devia ser observada pelos judeus convertidos, mas ele se afastou da linha reta, ao querer forçar os gentios a se judaizarem”.

Ora, isto não foi, da parte dele, uma ordem explícita. Foi pelo exemplo que ele impôs esta obrigação.

Paulo, por outro lado, não disse o contrário do que ele mesmo fez. Ele somente perguntou a Pedro por que razão ele forçava a se judaizarem aqueles que vinham da gentilidade.

13

Este é o ponto essencial da questão e a própria essência da sua opinião: "Sob o reino do Evangelho, os judeus que abraçaram a fé fazem muito bem em observar os preceitos da Lei, ou seja, oferecer sacrifícios como Paulo os oferecia, circuncidar seus filhos, guardar o sábado, de acordo também com o exemplo de Paulo e de todos os judeus".

Se esta é nossa crença, caímos na heresia de Cerinto e de Ebion, que foram anatematizados pelos Padres, embora eles tivessem a fé em Jesus Cristo. Isto lhes aconteceu somente porque eles misturaram as cerimônias da Lei com os sacramentos do Evangelho, abraçando o novo sem abandonar o antigo.

O que direi dos ebionitas, que têm do cristianismo somente as aparências?

Até os nossos dias, através de todas as sinagogas do Oriente, existe entre os judeus uma heresia chamada mineanos. Os partidários dessa heresia são vulgarmente conhecidos pelo nome de nazarenos. Eles acreditam em Jesus Cristo, Filho de Deus, nascido da Virgem Maria e reconhecem que ele é o mesmo que sofreu

sob Pôncio Pilatos e que ressuscitou. O mesmo em que acreditamos. Mas, querendo ser judeus e cristãos ao mesmo tempo, eles não são nem judeus e nem cristãos.

Eu lhe imploro então que, já que você pensa que deve curar uma pequena ferida em nós e que é, segundo a expressão aceita, apenas a picada de um alfinete, se dedique então a curar a ferida tão grande e tão profunda que esta opinião nos inflige como um dardo pesado.

De fato, não é tão grave expor, na explicação das Escrituras, as diversas opiniões dos antigos, quanto introduzir na Igreja a mais perversa das heresias. Se estamos na necessidade de admitir os judeus com suas observâncias legais, se lhe for permitido praticarem nas Igrejas o que eles praticaram nas sinagogas de Satanás, eu direi meu pensamento inteiro: eles não se tornarão cristãos; seremos nós que nos tornaremos judeus.

14

E qual é o cristão que poderia pacientemente ouvir o que está em sua carta: “Paulo era judeu e, ao se tornar cristão, ele não abandonou as observâncias judaicas, legitimamente aceitas por aquele povo, no tempo que convinham tais cerimônias. Assim, ele quis se conformar a elas quando já era Apóstolo de Cristo, para ensinar que elas não eram nocivas àqueles que desejavam prati-

cá-las, como eles as tinham recebido de seus pais, em virtude da Lei".

Eu lhe imploro ainda: deixe-me, sem se ofender, expressar minha dor.

Pois então! Paulo observava as cerimônias judaicas quando já era Apóstolo de Cristo e você diz que elas não eram nocivas àqueles que desejavam observá-las segundo a tradição dos pais deles?!

Quanto a mim, eu me levanto contra esta opinião e o mundo inteiro deveria reclamar. Eu protesto, com uma voz livre, que as cerimônias dos judeus são nocivas e mesmo mortais aos cristãos. Quem as observa, seja judeu ou gentio, caiu no abismo do diabo.

Cristo é o fim da Lei, para justificar todo aquele que crê[73], judeus ou gentios. Ora, ele não será *o fim*, ele não justificará *todo aquele que crê*, se for preciso excetuar os judeus.

Lemos no Evangelho: *A Lei e os Profetas duraram até João*[74].

Em outra passagem, está dito: *Por esta razão os judeus, com maior ardor, procuravam lhe tirar a vida, porque não so-*

[73] Romanos 10: 4.
[74] Mateus 11: 13 e Lucas 16: 16.

mente violava o repouso do sábado, mas afirmava ainda que Deus era seu Pai e se fazia igual a Deus[75].

Lemos também: *Todos nós recebemos da sua plenitude e graça sobre graça. Pois a Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo*[76]. Pela graça da Lei, cujo tempo passou, temos a graça permanente do Evangelho. Com as sombras e figuras do Antigo Testamento, Jesus Cristo fez brilhar sobre nós a verdade.

Foi assim que Jeremias profetizou em nome de Deus: *Dias hão de vir - oráculo do Senhor - em que firmarei nova aliança com as casas de Israel e de Judá. Será diferente da que concluí com seus pais no dia em que pela mão os tomei para tirá-los do Egito*[77].

Pese bem o que ele disse: não é ao povo gentio, que não tinha recebido nenhuma aliança, mas é ao povo judeu, que recebera a Lei através de Moisés, que Deus promete a Nova Aliança do Evangelho. Ele lhes ensina, com isto, que eles não deverão viver segundo a velhice da letra, mas segundo a novidade do espírito.

[75] João 5: 18.
[76] João 1: 16 e 17.
[77] Jeremias 31: 31.

Além disto, o Apóstolo Paulo, cujo pensamento discutimos, muitas vezes pronunciou frases semelhantes. Para abreviar, citarei somente algumas.

Eis que eu, Paulo, vos declaro: se vos circuncidardes, de nada vos servirá Cristo[78]. Ele ainda acrescenta: *Já estais separados de Cristo, vós que procurais a justificação pela Lei. Decaístes da graça*[79]. E, mais à frente: *Se vos deixais guiar pelo Espírito, não estais sob a Lei*[80].

É então uma coisa manifesta: quem permanece sob a Lei, não por exceção, como entendiam nossos antecessores, mas de uma maneira regular, como você entende, este não possui o Espírito Santo.

O que são as prescrições legais, o Senhor mesmo nos ensina. *De minha parte, cheguei a lhes dar preceitos que não eram bons, ordens em virtude das quais não podiam viver*[81], ele disse.

Não dizemos estas coisas para destruir a Lei, como os maniqueístas e os marcionitas, já que sabemos, através do Apóstolo, que *a Lei é santa, é espiritual e o mandamento é santo, justo e*

[78] Gálatas 5: 2.
[79] Gálatas 5: 4.
[80] Gálatas 5: 18.
[81] Ezequiel 20: 25.

bom[82], mas sim porque a fé, tendo vindo com *a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, que nasceu de uma mulher e nasceu submetido à Lei, para remir os que estavam sob a Lei, para que recuperássemos a sua adoção*[83] e vivêssemos, dali por diante, não mais sob a autoridade de um tutor, mas como adultos herdeiros do Senhor.

15

Sua carta prossegue: “Ele não repreendeu Pedro porque ele observava as antigas tradições. Isto ele podia fazer, se ele quisesse, todavia e sem nenhum inconveniente”.

A isto eu respondo: já que você é bispo, mestre das Igrejas de Cristo, se você quiser experimentar a verdade do que você disse, pegue um judeu que se tornou cristão e o deixe circuncidar seu filho, observar o dia do sábado, se abster de certos alimentos criados por Deus para que nós os utilizássemos com ações de graças, no décimo quarto dia do primeiro mês imolar um cordeiro à noite e se você chegar até aqui, o que você não fará, sendo cristão, como eu sei e, por isto mesmo, incapaz, quer você queira ou não, de cometer um sacrilégio, você provará então sua opinião.

[82] Romanos 7: 12 e 14.
[83] Gálatas 4: 4 e 5.

Você saberá, por experiência, que é mais difícil sustentar suas próprias ideias do que repreender as dos outros.

E, temendo que não estivéssemos com disposição de acreditar em você ou de que não o tivéssemos compreendido, sendo um discurso prolongado geralmente menos inteligível e não produzindo a mesma impressão na pessoa que queremos corrigir, você insiste e diz: “Paulo abandonou o que havia de mau dos usos judaicos”.

E que mal foi esse que Paulo abandonou?

Seguramente, aquele que ele mesmo apontou, nestes termos: *Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*[84].

Você acrescenta: “Após a Paixão e a ressurreição de Jesus Cristo, quando o sacramento da graça segundo a ordem de Melquisedec foi transmitido e manifestado, eles pensavam que os antigos mistérios ainda deviam ser celebrados. Não por causa da solenidade tradicional, mas por necessidade da salvação. Se esses mistérios, todavia, não tivessem nunca sido necessários, foi em vão, foi por pura perda que os macabeus sofreram o martírio pela religião”.

[84] Romanos 10: 3.

Por fim, os judeus perseguiram, como inimigos da Lei, os fiéis pregadores da graça. Estes foram os erros e as falhas que o Apóstolo declara ter desprezado, *como perda e em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo*[85].

16

Aprendemos então, através de você, o que o apóstolo Paulo deixou para trás dos males dos judeus. Cabe também a você nos ensinar qual é o bem que ele guardou deles.

"As observâncias legais que eles guardam, à exemplo dos pais deles e que Paulo mesmo praticou, mas sem que sejam necessárias para a salvação", você nos dirá.

Eu não compreendo bem o que você quer dizer com esta última frase. Se essas coisas não contribuem para a salvação, por que observá-las?

E, se é preciso permanecer fiel a elas, é porque, sem dúvida, elas contribuem para a salvação, principalmente aquelas que fazem mártires.

Por que observá-las, se a salvação não é uma consequência delas?

[85] Filipenses 3: 8.

Não são coisas indiferentes entre o bem e o mal, como nos debates entre os filósofos.

A continência é um bem e a luxúria é um mal. Caminhar, digerir, mascar, cuspir são coisas indiferentes. Não há nem bem e nem mal nisto tudo. A abstenção disto não nos tornará justos e nem injustos.

Quanto às cerimônias da Lei, não pode ser a mesma coisa. É preciso que elas sejam um bem ou um mal.

Você diz que elas são um bem e eu afirmo que elas são um mal. E não apenas para aqueles que vieram da gentilidade, mas também para os fiéis oriundos do povo judeu.

Sobre isto, se não me engano, ao evitar um erro, você cai em outro. Você teme as blasfêmias de Porfírio e vai se jogar nos laços de Ebion, decidindo que a Lei deve ser observada pelos judeus que se convertem.

No entanto, como você sente o perigo da sua afirmação, você se esforça por mitigar sua afirmação com palavras vagas: “Sem que houvesse necessidade para a salvação. Não como os judeus as praticam e nem com uma enganosa simulação e foi isto o que Paulo censurou em Pedro”.

17

A enganosa simulação.

Portanto, Pedro fingiu observar a Lei e quem o criticou se conformou a ela de uma maneira aberta, pois sua carta continua: "Se ele celebrou os antigos mistérios, com o objetivo de conquistar os judeus, se confundindo com eles, por que ele não sacrificaria, igualmente, com os gentios, já que, *para os que não têm lei,* ele fez *como se não tivesse lei, ainda que não* estivesse *isento da Lei de Deus, a fim de ganhar os que não têm lei*[86]".

Isto era porque ele agia primeiro como judeu de origem. E isto tudo Paulo não diz para fingir ser o que ele não era, mas porque ele pensava ter que agir com uma compaixão sincera, como se ele mesmo estivesse atingido pelo mal que ele precisava curar e isto não é mentira, é o verdadeiro amor.

Sem dúvida que você mostra bem que Paulo não fingia partilhar do erro dos judeus, mas você admite, por isto mesmo, que ele o partilhava realmente e que ele não queria imitar a simulação de Pedro e esconder o que ele era sob o impulso do medo.

Mas você diz que ele se declarava judeu com toda a liberdade.

[86] 1 Coríntios 9: 21.

Esta é uma singular compaixão do Apóstolo. Ao mesmo tempo em que ele queria transformar os judeus em cristãos, ele mesmo se tornava judeu.

Sendo assim, ele não podia conduzir os voluptuosos à frugalidade sem se mostrar voluptuoso ele mesmo e praticar a misericórdia para com os infelizes, sem estar ele mesmo na infelicidade.

As pessoas verdadeiramente lamentáveis e dignas de pena são aquelas que, por espírito de contenção e por amor a uma fé abolida transformam um Apóstolo de Cristo em um judeu.

Além disto, não existe uma grande diferença entre sua opinião e a minha. Eu digo que Pedro e Paulo praticaram ou mesmo simularam as observâncias porque temiam os judeus convertidos e você afirma que eles agiram assim por compaixão, sem mentira e sem artifício, mesmo que seja constante que eles simularam, por medo ou por misericórdia, ser o que eles não eram.

Quanto ao argumento que você utiliza como arma contra nós, ou seja, que ele deveria se fazer gentio com os gentios, já que ele era judeu com os judeus, este argumenta milita, na verdade, a nosso favor. Assim como ele não era realmente judeu, ele não era também realmente gentio e a recíproca não é menos verdadeira.

Se ele parecia imitar os gentios era porque ele os admitia à fé em Jesus Cristo e se ele partilhava sem distinção os alimentos

condenados pelos judeus, ele não tolerava também o culto aos ídolos, como você afirma.

Estar circuncidado ou incircunciso de nada vale em Cristo Jesus, mas sim a fé que opera através do amor[87].

18

Eu lhe peço então, eu lhe imploro com insistência que me perdoe, em minha pequena exposição, se eu saí dos meus limites. É a você mesmo que isto deve ser imputado, já que me forçou a lhe responder e assim, eu perdi a visão, como Estesícoro[88].

Não me considere como alguém que ensina a mentira. Eu sou discípulo Daquele que disse: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida*[89]. A mentira não me fará curvar a cabeça, pois sou sectário da Verdade.

Não amotine contra mim a massa ignara que o honra como bispo e, por respeito por seu caráter sagrado, aceita os sermões que você pronuncia na Igreja, ao mesmo tempo em que dá nenhum valor a um homem como eu, que chegou ao último limite da idade, que está velho e um pouco decrépito, escondido nos

[87] Gálatas 5: 6.
[88] Poeta nascido em Matauro Brútio, no sul da Itália, por volta de 632/229 a. C. e falecido por volta de 556/553 a. C. em Catânia na Sicília. Uma lenda conta que ele ficou cego por culpar Helena de Troia pela Guerra de Troia. Sua visão só foi devolvida depois de ele ter composto uma dupla retratação chamada Palinódia. (Britannica).
[89] João 14: 6.

fundos de um monastério no campo. Procure quem você possa instruir ou repreender.

Quanto a nós, separados de você por tantos mares e terras, mal podemos ouvir o som da sua voz. Se, por acaso, você me escrever alguma carta, Roma e a Itália a receberão antes que ela me seja entregue.

19

Você me pergunta, em outras cartas, por que minha primeira versão dos livros canônicos é acompanhada de asteriscos e vírgulas, se a segunda, editada por mim, não traz nenhum destes sinais.

Permita-me lhe dizer que parece que você não compreendeu bem o que você me perguntou. A primeira versão é a dos Setenta e, em toda passagem onde aparecem vírgulas e parêntesis, é para mostrar o que os gregos acrescentaram ao texto hebraico.

Os asteriscos, pequenas estrelas colocadas antes, indicam os acréscimos feitos por Orígenes e retirados de Teodósio. Lá, nós traduzimos do grego e aqui nós tiramos do hebraico tudo o que pudemos compreender, nos mantendo geralmente nas ideias, mais do que na ordem das palavras.

Eu fiquei admirado com sua maneira de ler os Setenta. Não na pura e primitiva edição, mas em uma edição modificada por

Orígenes ou bem alterada pela disposição das vírgulas e dos asteriscos, se recusando se reportar à interpretação, fosse ela qual fosse, de um cristão antes de tudo, ao mesmo tempo em que tem o cuidado de seguir o que acrescenta o trabalho de um judeu blasfemador, feito depois da Paixão de Cristo.

Você quer ser um verdadeiro partidário dos Setenta? Não leia o que está marcado por asteriscos. Apague-os mesmo de suas cópias e você seguirá ostensivamente os passos dos antigos. Ao agir assim, você será forçado a condenar todas as bibliotecas das Igrejas. Dificilmente se encontrará um ou dois exemplares que não trazem esses defeitos.

20

Você me diz depois que eu não deveria fazer uma tradução nova e, para provar isto, você utiliza um dilema novo: o que os Setenta traduziram era obscuro ou era claro. Se era obscuro, é preciso acreditar que você também pôde se enganar. Se era claro, eles não se enganaram, evidentemente.

Eu lhe devolvo o seu dilema. Todos os antigos comentadores que nos precederam em Jesus Cristo, todos aqueles que interpretaram as Santas Escrituras, se viram diante de passagens obscuras ou passagens claras. No primeiro caso, como você tentou explicar, depois deles, o que ultrapassa sua compreensão? No

segundo caso, era inútil dissertar sobre coisas claramente expostas antes.

Isto fica evidente, sobretudo, na interpretação dos Salmos, que os gregos comentaram em tantos volumes. Orígenes primeiro; depois, Eusébio de Cesareia; em terceiro lugar, Teodoro de Heracleia; em quarto lugar, Astério de Citópolis; em quinto lugar, Apolinário de Laodiceia; por fim, Dídimo de Alexandria.

Há outros, cujos trabalhos parciais sobre alguns Salmos são conhecidos. Só falamos aqui do Saltério inteiro.

Entre os latinos, os bispos Hilário de Poitiers e Eusébio de Verceil traduziram Orígenes e Eusébio de Cesareia. Nosso Ambrósio seguiu o primeiro em alguns pontos.

Condescenda me dizer por que razão, em seus Comentários aos Salmos, você expressou opiniões contrárias às de tantos intérpretes renomados. Se os salmos são obscuros, é preciso acreditar que você também pôde se enganar, como os outros. Se eles são claros, devemos acreditar que os outros não puderam se enganar. Nas duas hipóteses, sua interpretação será supérflua e até mesmo, partindo sempre deste princípio, ninguém ousará mais falar depois dos antigos. A partir do momento em que alguém se apoderou de um tema qualquer, outro não terá mais o direito de escrever sobre ele.

Ao traduzir, do grego para o latim, coisas mal compreendidas pelas pessoas da minha língua, eu tive menos o objetivo de abolir os trabalhos anteriores do que colocar, diante dos olhos do público, os testemunhos omitidos ou descaracterizados pelos judeus, para que se soubesse, entre nós, o que contém o verdadeiro texto hebraico.

Se não convém a alguém me ler, ninguém, seguramente, o forçará a isto. Que ele beba o vinho velho com prazer e que despreze o nosso mosto.

Além disto, eu não quis explicar os nossos antecessores e tornar acessível a todos os intelectos o que, neles, não é compreendido.

Para o que diz respeito ao modo de interpretação a ser seguido nas Santas Escrituras, eu me expliquei em um tratado especial e em todos os pequenos prefácios no cabeçalho de cada livro da nossa edição. Eu creio poder encaminhar a eles o leitor dedicado.

Se, como você diz, você me aceita para as correções do Novo Testamento e se você até mesmo aponta a causa disto __ ou seja, como a maior parte sabe a língua grega, eles podem julgar o meu trabalho __, você deve ter a mesma confiança em minha exatidão sobre o Antigo Testamento.

Nós não imaginamos nada. Nós traduzimos o texto divino tal como encontramos entre os hebreus e, se lhe resta alguma dúvida, você só tem que perguntar.

21

No entanto, talvez você diga: “Mas, e se os hebreus se recusarem a responder ou optarem por mentir?”

Oras! Todo o povo judeu conspiraria então, com o silêncio, contra minha interpretação? Não se encontraria então ninguém que saiba a língua hebraica e que quisesse falar? Todos imitariam esses judeus que você diz ter encontrado em uma cidadezinha da África e se poriam em acordo para me caluniar?

Esta é a história que você apresentou em sua carta:

“Um bispo nosso irmão, tendo começado, na igreja que ele governa, a fazer a leitura da sua versão, encontrou uma passagem do Profeta Jonas onde você se afasta notavelmente do sentido registrado em todas as memórias e até mesmo das expressões consagradas pelo uso imemorial. Surgiu então um tumulto tal no povo e os gregos, sobretudo, acreditaram tanto em falsidade, que o bispo se viu na obrigação de solicitar o testemunho dos judeus, pois havia alguns deles na cidade. Ora, estes, por ignorância ou por maldade, responderam que os exemplares hebraicos estavam de acordo com o que diziam os gregos e os latinos. Precisava

mais? Nosso homem foi obrigado a corrigir isto, como sendo algo falso, não querendo, depois de um perigo desses, ficar sem seu rebanho. Parece-nos então que, talvez, você possa ter se enganado em certos pontos".

22

Você diz então que eu interpretei mal alguma coisa no Livro do Profeta Jonas e você me fala de uma ruidosa revolta provocada pela discordância sobre uma palavra e que teria quase provocado a queda de um bispo. Mas você não diz qual é essa palavra que eu interpretei mal, me tirando assim o meio de me defender e lhe dando o de me objetar tudo o que você quiser, sem que eu possa resolver nada.

Será por acaso a cabaça que voltaria ao tapete depois de tantos anos, quando Cornélio e Asínio Pólio, naquela época, me acusaram de ter trocado a hera pela cabaça?

Nós respondemos longamente a esta dificuldade em nosso comentário ao Livro do Profeta Jonas. Que nos baste dizer aqui que a palavra traduzida por cabaça (*κολοκύνθῃ - kolokýnthi*) na versão dos Setenta é traduzida por hera (*χισσόν - chissón*) na versão de Áquila, como também nas de outros intérpretes.

O texto hebraico traz *ciceion*, que reaparece no siríaco como *ciceiam*, sem quase nenhuma modificação. Isto se refere a um

gênero de arbusto com folhas grandes, como as videiras. Logo depois que é plantado, ele sobe como um arbusto, sem precisar de uma estaca ou um tutor, como precisam as cucurbitáceas e as heras. Ele se sustenta com seu próprio caule.

Se eu me mantivesse rigorosamente palavra a palavra, simplesmente repetindo o termo hebraico, ninguém teria compreendido. Se eu tivesse dito “cabaça”, eu teria colocado uma coisa que não estava no hebraico. Eu escrevi então “hera”, para ficar de acordo com os melhores intérpretes.

Supondo que os seus judeus tenham assegurado, por ignorância ou por maldade, como, afinal, você insinua, que o texto hebraico fala exatamente como as versões gregas e latinas, é evidente que eles se esqueceram da própria língua ou que eles mentiram para zombarem dos partidários da cabaça.

Eu lhe peço, ao terminar, que não force um velho[90] ___ daqui por diante aposentado e, por muito tempo, veterano ___, a pegar novamente em armas e suportar novamente os acasos dos combates.

Você, que é jovem e revestido com as honrarias do pontificado, instrua o povo e encha os celeiros romanos com novas co-

[90] São Jerônimo (347-420) tinha 57 anos quando escreveu esta carta e Santo Agostinho (354-430) tinha 50 anos.

lheitas na África. É suficiente, para mim, gaguejar pelos cantos de um monastério, tendo somente um pobre monge como ouvinte e como leitor.

Carta 114 – De São Jerônimo a Santo Agostinho. Ano 405.

Ele o saúda novamente, se desculpando pela liberdade de sua primeira resposta. Ele ainda recorda a discussão deles sobre a "cabaça". Depois, ele lhe pede para deixar de lado toda contestação, para conversar com ele, dali por diante, de uma maneira amigável e percorrerem juntos o campo das Divinas Escrituras.

Ao senhor realmente santo e bem-aventurado bispo Agostinho, saudações em Jesus Cristo.

01

Tendo me apressado em perguntar ao nosso irmão Firmo como você estava, soube com alegria que sua saúde estava perfeita. Sem o seu conhecimento, eu esperei receber uma carta sua e até mesmo pensei ter direito a ela. Mas ele me disse que, neste momento, você não estava na África.

Eu ofereço então minhas humildes saudações, por intermédio de um homem que você é tão profundamente devotado.

Eu lhe imploro, ao mesmo tempo, que leve em conta minha confusão e que se lembre de que eu fui forçado a lhe responder por reiteradas ordens suas.

Se a resposta foi uma falta, provocá-la foi uma falta muito mais grave ainda, deixe que eu lhe diga. Trégua então a tais recriminações. Que uma pura fraternidade reine entre nós e, daqui por diante, enviemos um ao outro, não questões irritantes, mas expressões de amor.

Os santos irmãos que servem o Senhor conosco o saúdam com afeição. Eu lhe peço que saúde respeitosamente, da minha parte, os santos que carregam com você o jugo suave de Cristo e, de uma maneira especial, o devoto e venerável pontífice Alípio.

Que Cristo nosso Deus, em sua bondade onipotente, o mantenha protegido de todo mal e não o permita me esquecer, senhor verdadeiramente santo e bem-aventurado pontífice.

Se você leu meu comentário ao Livro do Profeta Jonas, que não se detenha mais na ridícula questão da cabaça.

Se o amigo que primeiro me atacou com a espada se viu repelido com a caneta, a justiça, assim como a generosidade, exigem que se parta para o ataque e não para a retaliação. Brinquemos, se isto for do seu agrado, no campo das Divinas Escrituras sem nos causar reciprocamente nenhum aborrecimento.

Carta 115 (082) – De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 405.

Ele responde com mais cuidado e detalhes às diversas cartas de São Jerônimo sobre a interpretação da passagem debatida da Epístola aos Gálatas e se esforça para provar que Pedro foi, justa e realmente, repreendido por Paulo. Além disto, ele lhe pede perdão se, por algumas palavras imprudentes, ele pôde ferir o espírito de São Jerônimo, declarando que não foi por sua culpa que sua carta passou por um grande número de mãos antes de chegar àquele para quem ele escrevera.

Ao senhor bem amado e digno de toda honra nas entranhas de Cristo, ao santo irmão e colega no sacerdócio Jerônimo, saudações em Nosso Senhor, Agostinho.

01

Há muito tempo, enviei à sua caridade uma carta bem longa, respondendo aquela que você havia me enviado através de Astério, seu santo filho, que, para mim, não é mais somente um irmão, mas sim um colega. Eu ignoro, no entanto, se ela teve a chance de chegar até você.

O que posso deduzir, todavia, de acordo com o que você me escreve: “Se o amigo que primeiro me atacou com a espada se viu repelido com a caneta, a justiça, assim como a generosidade, exi-

gem que se parta para o ataque e não para a retaliação". Tenho apenas este pequeno indício de que você já leu a minha carta.

Nela, eu deplorei, de fato, que uma tão grande discórdia tenha surgido entre duas pessoas cuja grande amizade não era desconhecida em nenhuma parte do mundo e em toda parte fazia a alegria dos cristãos. Nisto, eu não tive a intenção de lhe dirigir uma censura qualquer. Eu não ousei dizer ter identificado uma falta de sua parte.

Eu lamentei a miséria humana, que jamais está segura de permanecer fiel às suas amizades, por mais fortes que elas possam ser.

Sua resposta deveria, sobretudo, me fazer saber se você havia me concedido o perdão que eu tanto implorei. É preciso que você me diga isto de uma maneira formal, embora o tom alegre de suas cartas pareça me indicar isto. Contudo, fiquei sem saber se, ao escrever esta última, você leu a minha.

02

Você me pede ___ ou melhor, me ordena, em nome do amor fraterno ___ que percorra com você o "campo das Divinas Escrituras", como que brincando e sem nos causarmos aborrecimentos recíprocos. Quanto a mim, eu vejo isto como uma coisa séria e não como uma brincadeira. Se você preferiu esta última expres-

são por causa da sua facilidade nesse exercício, eu confesso que, de minha parte, imploro algo mais de sua bondade tão poderosa, de sua sabedoria apoiada em uma vasta erudição, de sua cortesia, de sua longa experiência, de seus engenhosos e pacientes estudos. Você a quem o Espírito Santo deu, não apenas a graça, mas também a inspiração nas grandes e laboriosas pesquisas.

Venha em meu socorro, pois eu não brinco no “campo das Divinas Escrituras”. Eu escalo com muito esforço os cumes elevados.

Se, todavia, em razão da doce alegria que deve sempre reinar entre amigos que conversam, você acreditou dever empregar esta agradável imagem, me ensina, eu lhe peço, como podemos conseguir isto, quando o tema das nossas conversas se apresentar aberto e fácil ou quando ele nos oferecer pontos árduos e penosos que precisam ser escalados.

No caso então em que se levantar entre nós uma questão capaz de nos empolgar, não por uma falta de vigilância, mas por uma certa lentidão de espírito, teríamos ainda, cada um, a liberdade de sustentarmos nossas opiniões sem incorrermos na suspeita de falar por fútil vaidade, como se procurássemos nos fazer grandes atacando pessoas ilustres.

Se, no calor da refutação, uma palavra áspera for lançada, que isto seja tolerado pela doçura habitual de nossa conversa.

Vamos lambuzá-la com mel, para não parecer que estamos desembainhando a espada.

Não teríamos, por acaso, outra maneira de escapar desta dupla culpa ou de evitar suspeitas dela, senão aprovar sempre a opinião do estudioso com quem discutimos, diga ele o que disser e nunca oferecer a mais leve resistência, com o objetivo mesmo de nos esclarecer?

03

Então, sem dúvida, estaremos como que brincando em um campo, sem medo de nos ferirmos. Mas isto não é também brincar consigo mesmo?

Quanto a mim, eu declaro à sua caridade que é unicamente para com aqueles livros das Escrituras que são chamados de canônicos que eu professo esta deferência e este respeito, acreditando, da maneira mais invariável, que os autores desses livros não cometeram nenhum erro.

Quando eu encontro neles algo que está contrário à verdade, eu me convenço de que o exemplar é defeituoso ou então que o tradutor não traduziu bem ou mesmo não compreendeu inteiramente o texto original.

Quanto aos outros escritores, esta é a minha disposição quando os leio: seja qual for a eminência ou a santidade da dou-

trina deles, nem por isto vejo a doutrina deles como verdadeira. Eles devem me convencer, através da autoridade dos escritores canônicos ou com sólidas razões, que eles não se afastaram do caminho reto.

E eu não penso, meu irmão, que você tenha outra maneira de julgar. Não. Eu não posso acreditar que você tenha a pretensão de que seus livros sejam lidos e aceitos como os dos Profetas ou os dos Apóstolos, nos quais, não se pode admitir um erro sem cair na impiedade. É impossível lhe atribuir uma pretensão assim, com essa sua pia humildade e com esse verdadeiro conhecimento de você mesmo, que o faz dizer: "Que me seja dado me lançar em seus braços e depois, conversar com você, para ensinar e para aprender!"

04

Se eu tenho a convicção, ao considerar a natureza da sua vida e a santidade dos seus costumes, que você não pode ter falado por fingimento ou por mentira, com muito mais razão eu devo acreditar que o Apóstolo Paulo não escreveu de maneira diferente do que ele pensava, quando disse, sobre Pedro e Barnabé: *Quando vi que o seu procedimento não era segundo a verdade do Evangelho, disse a Cefas, em presença de todos: "Se tu, que és ju-*

deu, vives como os gentios e não como os judeus, com que direito obrigas os pagãos convertidos a viver como os judeus?"[91]

De onde me viria a certeza de que ele não me engana em seus escritos ou seus sermões, se eu suponho que ele enganava seus filhos, aqueles que ele gerava novamente, até que Cristo ___ ou seja, a Verdade ___, estivesse inteiramente formado neles?

De fato, depois de ter dito: *Isto que vos escrevo - Deus me é testemunha - não o estou inventando*[92], isto então foi o que ele escreveu. Não segundo a verdade pura, mas através de algum artifício, que ele viu Pedro e Barnabé não caminhando retamente na verdade do Evangelho e que ele confrontou Pedro diante de todos, pelo único motivo de que ele forçava os gentios a se judaizarem.

05

Talvez seja mais adequado supor em Paulo uma palavra pouco conforme à verdade do que, em Pedro, uma conduta censurável. Se for assim, devemos dizer igualmente ___ Deus nos livre disto! ___, que é melhor atribuir uma mentira ao Evangelho do que uma negação de Cristo em Pedro e que o Livro dos Reis também mentiu, invés de admitir que um profeta como Davi, es-

[91] Gálatas 2: 14.
[92] Gálatas 1: 20.

colhido por Deus de uma maneira tão superior, pôde se deixar arrastar pela paixão, até o ponto de se tornar culpado de um horrível adultério e de um assassinato não menos horrível.

Mas não. Eu lerei sempre as Santas Escrituras, cuja autoridade reside nas alturas dos céus, com uma segurança perfeita sobre a verdade do que ela contém. Se nelas as pessoas são louvadas, repreendidas ou condenadas, eu tomarei tudo isto com o significado mais direto, para que, temendo censurar alguns fatos humanos em personagens de uma virtude superior, eu não fique abalado sobre todos os pontos da veracidade das palavras divinas.

06

Os maniqueístas condenam como falsas as diversas passagens das Escrituras que condenam, da maneira mais formal, os criminosos erros deles, não podendo interpretá-las em outro sentido. Mas, se eles evitam atribuir a mentira aos próprios Apóstolos, eles a atribuem vagamente aos copistas, que teriam alterado seus escritos.

Como eles se viram na impossibilidade de provar as afirmações deles através dos exemplares mais numerosos ou os mais antigos e menos ainda por aqueles da língua primitiva de onde

vieram as traduções latinas, eles continuam confusos pela luz esplendorosa da verdade.

Você não vê, em sua sabedoria e em sua santidade, o auxílio que podemos ser a essas pessoas perversas, se dissermos, não mais que os escritos apostólicos sofreram alguma alteração, mas que os próprios Apóstolos consignaram neles coisa falsas?

07

Não é crível, você acrescenta, que Paulo tenha censurado em Pedro o que ele mesmo fez.

Eu não me preocupo com a conduta dele. Eu discuto os escritos dele. Isto é, sobretudo, o que me interessa, no objetivo ao qual eu me proponho: é preciso que a verdade das Divinas Escrituras ___ que deve servir, por toda a sequência dos séculos, para a edificação da nossa fé, segundo a recomendação dos próprios Apóstolos e não de pessoas desconhecidas ___ e que desde então está consagrada pela inserção nos livros canônicos, permaneça absolutamente inabalável e não deixe, à dúvida, nenhum acesso.

Se Paulo, pelo contrário, disse a verdade, Pedro não seguia então pelo caminho reto da verdade do Evangelho e agia como não devia. Supondo então que o próprio Paulo se tornou culpado neste ponto, eu prefiro acreditar que, depois de ter se corrigido,

ele teve que corrigir também seu colega e eu não admito que ele tenha escrito algo de falso em sua Epístola.

Ele não podia, aliás. Mas ele ainda podia menos, depois de ter emitido esta profissão: *Isto que vos escrevo - Deus me é testemunha - não o estou inventando*.

08

Quanto a mim, estou convencido de que Pedro realmente tinha por objetivo, com o comportamento dele, obrigar os gentios a se judaizarem. Paulo escreve isto de uma maneira formal e eu não posso acreditar que ele tenha mentido. Então, nessa circunstância, Pedro não caminhou direito.

Era uma coisa contrária à verdade do Evangelho que os gentios que o abraçavam fossem da convicção de que não poderiam se salvar sem as antigas observâncias. E isto era justamente o que pretendiam, na cidade de Antioquia, aqueles judeus que tinham se convertido. É contra eles que Paulo não cessa de lutar de uma maneira inflexível.

Quanto a ele, se ele impôs a circuncisão a Timóteo[93], se ele cumpriu um voto quando estava na cidade de Cêncris[94], se ele consentiu, diante da recomendação de Tiago, em realizar as ce-

[93] Cf. Atos 16: 1-3.
[94] Cf. Atos 18: 18.

rimônias legais no templo de Jerusalém, com aqueles que estavam legalmente ligados por um voto, ele não quis com isto, certamente, professar que no cristianismo a salvação dependia de tais práticas[95].

Ele queria apenas mostrar que ele não condenava, como a idolatria dos gentios, o que Deus mesmo tinha ordenado, nas épocas anteriores, para ser a figura antecipada das coisas futuras. Além disto, Tiago lhe disse que havia se espalhado o murmúrio de que ele ensinava a separação de Moisés[96].

E, de fato, aqueles que abraçam a fé em Cristo não podem, sem o cometimento de um crime, rejeitar um profeta de Cristo e condenar sua doutrina, quando Cristo mesmo disse: *Se crêsseis em Moisés, certamente creríeis em mim, porque ele escreveu a meu respeito*[97].

09

Examine com cuidado, eu lhe peço, as próprias palavras de Tiago:

Bem vês, irmão, quantos milhares de judeus abraçaram a fé sem abandonar seu zelo pela Lei. Eles têm ouvido dizer de ti

[95] Cf. Atos 21: 26.
[96] Cf. Atos 21: 21.
[97] João 6: 46.

que ensinas os judeus, que vivem entre os gentios, a deixarem Moisés, dizendo que não devem circuncidar os seus filhos nem observar os costumes (mosaicos). *O que há de se fazer? Sem dúvida, saberão de tua chegada. Faze, pois, o que te vamos dizer. Temos aqui quatro homens que têm um voto. Toma-os contigo, faze com eles os ritos da purificação e paga por eles* (a oferta obrigatória) *para que raspem a cabeça. Então todos saberão que é falso quanto de ti ouviram, mas que também tu guardas a Lei. Mas, a respeito dos que acreditaram dentre os gentios, já escrevemos, ordenando que se abstenham do que for sacrificado aos ídolos, do sangue, da carne sufocada e da fornicação*[98].

Aqui, não há nada de obscuro, suponho e vemos claramente que Tiago tinha dado este conselho para dissipar as suspeitas dos judeus que tinham abraçado a fé e que, no entanto, eram cheios de zelo pela Lei. Não era necessário que eles pudessem acreditar que a doutrina de Cristo condenava, como coisas sacrílegas e não estabelecidas pela ordem do próprio Deus, as instituições transmitidas aos seus ancestrais por intermédio de Moisés.

E era isto o que diziam contra Paulo. Não aqueles que compreendiam em que espírito aquelas observâncias deviam ser guardadas pelos judeus convertidos, ou seja, por respeito à auto-

[98] Atos 21: 20-25.

ridade divina e pela significação profética dos mistérios antigos e, de forma alguma, com a esperança de nelas encontrar a salvação, que, dali por diante, estava manifestada em Cristo e era dada pelo batismo, mas sim por aqueles que queriam manter as cerimônias legais como se a salvação não pudesse ser obtida pelos fiéis sem esta condição.

Eles tinham compreendido o quanto esse homem era um ardente pregador da graça e o quanto suas ideias eram contrárias às deles. Ele não cessava de ensinar que o ser humano não é justificado pelas antigas observâncias deles, outrora impostas como uma sombra profética das novas instituições, mas sim pela graça de Jesus Cristo.

Assim, querendo empregar todos os meios para estimular contra ele o ódio e a perseguição, o acusavam de ser inimigo da Lei e dos divinos preceitos. Para rejeitar esta falsa acusação e o ciúme que seria uma consequência dela, ele não podia fazer melhor do que celebrar abertamente o que era proibido condenar como um sacrilégio. Ele mostrava, com isto, que aquelas observâncias não deviam ser proibidas aos judeus como uma coisa criminosa e nem ordenada aos gentios como uma coisa necessária.

10

Se ele as tivesse realmente reprovado, como se dizia sobre ele e se, além disto, ele tivesse se conformado a elas de uma maneira fingida e para esconder sua verdadeira opinião, Tiago não teria dito: *Então todos saberão*... O que ele quis dizer é: *Então todos* acreditarão *que é falso quanto de ti ouviram*.

Isto é ainda mais surpreendente porque, em Jerusalém, os apóstolos já haviam decretado que ninguém forçaria os gentios a se judaizarem. Mas não foi acrescentado que ninguém proibiria as observâncias aos judeus, embora eles próprios não fossem forçados a praticá-las pelos ensinamentos do cristianismo.

Após tal decreto ser promulgado pelos Apóstolos, Pedro quis, pelo fingimento tratado por esta questão, submeter os gentios de Antioquia às observâncias judaicas, às quais, ele mesmo não estava obrigado, mas que não eram, todavia, proibidas, por respeito às divinas instituições, anteriormente confiadas ao seu povo.

Não é de se admirar que Paulo tenha desejado forçá-lo a se declarar abertamente a favor de um decreto promulgado por ele mesmo, com os outros Apóstolos, o que ele não podia ter se esquecido?

11

Se, como eu acredito, Pedro teve aquele comportamento antes do Concílio de Jerusalém, não para se admirar também que Paulo tenha desejado vê-lo afirmar sem medo e não timidamente esconder, o que ele sabia bem que Pedro pensava como ele ou porque eles já tinham conversado sobre o Evangelho ou porque ele tinha sabido da revelação que Pedro tivera por ocasião do chamado do centurião Cornélio ou, enfim, porque ele o tinha visto comer com os gentios, antes que tivessem chegado, a Antioquia, os judeus que ele temia.

De fato, não contestamos que Pedro tivesse anteriormente a mesma opinião que Paulo abraçou. Este último então não pretendeu fazer com que ele conhecesse a verdade sobre este ponto. Ele censurou apenas o fingimento com o qual o primeiro forçava os gentios a se judaizarem e isto, porque tais fingimentos pareciam ratificar a opinião dos judeus que sustentavam que os fiéis não podiam se salvar sem a circuncisão e as outras observâncias legais, que eram simples figuras do futuro, como já dissemos.

12

Devemos concluir disto que Paulo impôs a circuncisão a Timóteo para mostrar bem aos judeus e, sobretudo, à família da mãe do discípulo, que os gentios convertidos não detestavam a

circuncisão como a idolatria deve sempre sê-lo. Uma sendo dada por Deus e a outra introduzida por Satanás. Ele não impôs a circuncisão a Tito para não dar razão, mesmo aparente, àqueles que diziam que os fiéis não podiam ser salvos sem a circuncisão e que enganavam os gentios, ao afirmarem que Paulo tinha a mesma opinião.

Além disto, vimos isto por ele mesmo, quando ele diz: *Entretanto, nem sequer meu companheiro Tito, embora gentio, foi obrigado a se circuncidar. Mas, por causa dos falsos irmãos, intrusos - que furtivamente se introduziram entre nós para espionar a liberdade de que gozávamos em Cristo Jesus, a fim de nos escravizar -, aos quais não cedemos sequer um instante, fomos, por esta vez, condescendentes, para que o Evangelho permanecesse em sua integridade*[99].

Vê-se claramente o quanto ele tinha compreendido suas intenções. Ele não quer agir como fez com Timóteo. O que ele podia fazer, no entanto, tendo demonstrado antes que tais cerimônias não deviam ser observadas como necessárias e nem condenadas como sacrílegas.

[99] Gálatas 2: 3-5.

13

Mas tomemos cuidado para não nos deixarmos arrastar, neste debate e dizermos, como os filósofos, que há ações humanas que ficam no meio entre o bem e o mal, que elas não podem ser incluídas nem entre os vícios e nem entre as virtudes, pois observar as cerimônias da Lei não pode ser uma coisa indiferente. Isto é um bem ou é um mal.

E há outra complicação: se dissermos que é um bem, devemos nós mesmos observá-las e se dissermos que é mal, é preciso reconhecer que os Apóstolos as observaram. Não na realidade, mas de uma maneira aparente.

Quanto a nós, eu temo menos que os Apóstolos sejam comparados aos filósofos do que aos advogados no fórum e que não hesitam em mentir no interesse de seus clientes. Se é permitido invocar este exemplo na exposição da Epístola aos Gálatas, para estabelecer que Pedro e Paulo agiram de uma maneira fingida, como eu temeria em você o título de filósofo?

Estes últimos são joguetes da vaidade. Não porque tudo o que eles dizem seja falso, mas é porque, na maioria das vezes, eles se apoiam no falso e porque, quando eles dizem, por acaso, a verdade, eles ainda estão separados de Cristo, que é a própria Verdade.

14

E por que eu diria que as prescrições do antigo culto não são um bem, já que elas não justificam o ser humano, sendo apenas sombra figurativa da graça, que nos justificaria e que elas não são também um mal, já que elas vieram de Deus e estavam em relação com o tempo e as pessoas?

Eu poderia apoiar esta opinião em palavras do próprio Deus, que disse, através de um dos seus Profetas, que ele havia dado ao seu povo *preceitos que não eram bons*[100].

Se ele não diz que esses *preceitos* eram maus, se ele se limita a dizer que *não eram bons*, é, aparentemente, para nos fazer entender que este não é um meio infalível de tornar o ser humano bom ou mesmo que o ser humano pode se tornar bom sem isto.

Você teria a complacência e a franqueza de me dizer se, quando um santo vem do Oriente a Roma, se ele finge jejuar no sábado, a não ser na véspera da Páscoa?

Se declaramos que este costume é um mal, condenamos, não apenas a Igreja Romana, mas também muitas outras, vizinhas desta ou mesmo afastadas, que guardam também este costume.

[100] Ezequiel 20: 25.

Se, pelo contrário, consideramos um mal não jejuar no sábado, de que temeridade não seremos culpados, ao levarmos a julgamento tantas Igrejas Orientais, contra a incomparável maioria do mundo cristão?

Você não acha melhor que admitamos coisas medianas que podem ser aceitas sem inconvenientes, quando são observadas sem fingimento e em uma sociedade que as autoriza aos nossos olhos?

Além disto, não vemos nos livros canônicos de onde se possa concluir que isto seja um preceito para os cristãos.

Menos ainda eu ousaria declarar mau o que eu não posso negar, em virtude da minha fé cristã, ter sido prescrito por Deus. Essa fé me ensina que eu não sou justificado por tais coisas e que o sou unicamente pela divina graça, através de Jesus Cristo Nosso Senhor.

15

Este então é meu pensamento. A circuncisão e as outrad observâncias legais do Antigo Testamento foram dadas ao povo que nos precedeu como uma figura do que Cristo realizaria depois. Tendo chegada a realização, os cristãos só têm que ler essas coisas para compreenderem as profecias anteriores, mas, de forma alguma, como deveres que devem ser cumpridos e como se ainda

fosse preciso esperar a revelação da fé da qual elas eram os sinais precursores. Mesmo que não seja preciso, no entanto, impô-las aos gentios, não se deve também proibi-las aos judeus como costumes perversos e condenáveis.

Foi pouco a pouco, à medida que se desenvolvia a sã pregação da graça, único meio de justificação para os fiéis, que deixavam então de acreditar que encontravam a salvação nessas sombras figurativas, na aproximação, ou melhor, na presença das realidades evangélicas, sendo os judeus doravante chamados pelo próprio Cristo ou pelos apóstolos e seus sucessores, que toda a eficácia dos símbolos, que bastava para a glória dos judeus, mas que doravante não tinham mais razão de ser, devia desaparecer.

Não devemos, sem dúvida, envolvê-las na mesma reprovação das práticas da idolatria, mas não é necessário também mantê-las como necessárias e nem pensar que daí venha a salvação e que ela só vem daí.

Isto foi precisamente o que pensaram os hereges. Querendo ser judeus e cristãos ao mesmo tempo, eles não são nem judeus e nem cristãos.

Você condescendeu me aconselhar, da maneira mais benevolente, a estar prevenido contra tal erro, no qual, no entanto, eu jamais caí.

Este é o erro que o medo fez Pedro cometer. Não certamente por convicção, mas por uma espécie de fingimento. Se bem que Paulo pôde dizer dele, com razão, que ele visivelmente não seguia pelo caminho reto do Evangelho e o censurar, justamente, por forçar os gentios a se judaizarem.

Ora, essa crítica não recaía sobre Paulo, pois ele se conformava sinceramente a tais observâncias, quando ele as julgava úteis e para mostrar que elas não eram um mal propriamente. Ele não cessou, aliás, de pregar que a graça da fé tendo nos sido manifestada, os fiéis não tinham que procurar a salvação nas antigas práticas, de tanto que ele estava afastado de impô-las como uma coisa necessária.

Portanto, minha convicção é que o Apóstolo Paulo se conformou a elas de uma maneira sincera. Mas, nem por isto eu as imponho ou as tolero em algum judeu convertido. Você também não as impõe e nem as tolera mais, embora seu pensamento seja que Paulo as observava somente em aparência.

16

Você me permitiria observar, levando a questão até às últimas consequências, que sua opinião declararia que, após a pregação do Evangelho, os judeus convertidos fazem bem em oferecer os sacrifícios, a exemplo de Paulo, em circuncidarem seus filhos,

como Paulo circuncidou Timóteo, em observarem o sábado, em permanecerem fiéis a todos os costumes deles, desde que isto seja de uma maneira aparente e simulada?

Se admitirmos tais coisas, não será mais na heresia de Ebion e nem naquela chamada dos Nazarenos e nem em nenhuma antiga heresia que caímos. É em alguma heresia nova, tão mais perniciosa quanto não procede de um erro, porque reside em uma enganação voluntária e deliberada.

Para se eximir desta opinião, talvez você responda que os Apóstolos faziam bem em recorrer a este fingimento para não escandalizarem os fracos entre os judeus convertidos, que ainda não compreendiam que era preciso renunciar às observâncias legais, mas que, dali por diante, estando a doutrina da graça cristã firmada em tantas nações e com todas as Igrejas de Cristo sabendo, de uma maneira indubitável, que a leitura da Lei e dos Profetas tem por objetivo nos iluminar e não nos impor esse peso, todo aquele que quisesse fingir praticá-la pareceria estar com demência.

Por que então não me seria permitido dizer que o Apóstolo Paulo e os outros cristãos irrepreensíveis daquela época, ao praticarem, em certas circunstâncias, as antigas cerimônias, se propunham sinceramente recomendá-las, para que não se pudesse acreditar que esse culto profético e figurativo, observado pela de-

voção dos antigos, devia ser um objeto de horror para os descendentes, como um conjunto de práticas diabólicas?

Seria preciso tratá-las como os corpos dos defuntos e lhes fazer, de certa maneira, as honras do sepultamento, no meio dos parentes e dos amigos. Não de uma maneira fingida, mas com uma sincera devoção. Não se devia se apressar em abandoná-las, jogá-las aos insultos dos inimigos, assim como à voracidade dos cães.

Na hora presente, todo cristão de origem judia e que quisesse recolocá-las em vigor pareceria reavivar cinzas apagadas. Ele não prestaria mais as supremas honras, ele não carregaria um corpo à sua última morada. Ele seria mais um profanador de túmulos.

17

Não me custa admitir que, em minha carta, ao dizer que Paulo também tinha aceitado realizar as cerimônias judaicas, quando ele já era Apóstolo de Cristo, para mostrar que elas não eram perniciosas àqueles que desejassem observá-las no espírito em que seus pais as tinham transmitido em virtude da Lei, eu não esclareci suficientemente que isto visava unicamente o tempo em que a graça, ao emanar da fé, acabava de ser revelada, pois só então as observâncias legais não eram perniciosas.

Mais tarde, elas deveriam ser deixadas de lado por todos os cristãos. Mas, se esse abandono tivesse acontecido subitamente, não se teria diferenciado as instituições que Deus impusera ao seu povo por intermédio de Moisés daquelas que o espírito impuro dos demônios tinha estabelecido em seus templos. Sou eu então que estou em falta por ter negligenciado precisar desta forma, invés de você, por ter me censurado.

Além disto, muito tempo antes de ter recebido sua carta, ao escrever contra o maniqueísta Fausto, eu não cometi esta omissão, ao explicar brevemente esta mesma passagem e você poderá se convencer disto, se condescender ler meu texto. Nossos próprios amigos, através dos quais enviei agora estes escritos, lhe atestarão que ele data de uma época anterior.

Acredite na sinceridade dos meus sentimentos. É perante Deus que lhe falo. Eu me apoio nos direitos da caridade.

Não. Eu jamais tive o pensamento de que os judeus que se tornaram cristãos estivessem na obrigação, não importa por que lembrança ou com que objetivo, de observar hoje em dia as cerimônias antigas ou que mesmo lhes fosse permitido isto.

É assim então que eu sempre compreendi o comportamento de Paulo, desde o momento em que eu pude ler suas cartas.

De sua parte, você também julga que não se pode, hoje em dia, fingir observá-las, apesar do exemplo que os Apóstolos não deram, segundo sua opinião.

18

Portanto, o que você declara, ao encontro da opinião comum, o que você proclama em alta voz, apesar das reclamações do mundo inteiro, como fala sua carta, ou seja, que as cerimônias dos judeus são perniciosas e mesmo mortais aos cristãos; que todo aquele que as observa, judeu ou gentio de origem, rolou para o abismo do diabo; eu declaro plenamente o mesmo com você e acrescento: todo aquele que as observa, vindo do judaísmo ou da gentilidade, não apenas com convicção, mas também de uma maneira fingida, já rolou para o abismo do diabo.

O que mais você quer?

Da mesma forma como você diferencia, com razão, a época presente do tempo em que os Apóstolos fingiram observar a Lei, assim também eu isolo, em meu pensamento, o comportamento do Apóstolo Paulo no tocante às observâncias legais, mas supondo sempre sua convicção e sua sinceridade. Elas eram permitidas então, mas devem ser rejeitadas agora.

Sem dúvida que lemos: *A Lei e os Profetas duraram até João*[101] e depois: *Os judeus, com maior ardor, procuravam tirar-lhe a vida, porque não somente violava o repouso do sábado, mas afirmava ainda que Deus era seu Pai e se fazia igual a Deus*[102] e ainda: *Todos nós recebemos da sua plenitude e graça sobre graça. Pois a Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo*[103]. Sabemos, enfim, que Deus prometera, através de um de seus Profetas, firmar *nova aliança com as casas de Israel e de Judá, diferente da que* concluiu *com seus pais no dia em que pela mão os* tomou *para tirá-los do Egito*, aliança que violaram, *embora* ele *fosse o Senhor deles*[104]. No entanto, eu não penso que o próprio Senhor tenha recebido a circuncisão como uma espécie de fingimento.

Supondo então que ele não a tenha proibido então por causa de sua idade, eu não posso acreditar também que haja um fingimento qualquer nas palavras que ele dirigiu ao leproso, não precisamente em virtude da Lei, mas em seu próprio nome: *Vai,*

[101] Lucas 16: 16.
[102] João 5: 18.
[103] João 1: 16 e 17.
[104] Jeremias 31: 31 e 32.

mostra-te ao sacerdote e apresenta, pela tua purificação, a oferenda prescrita por Moisés para lhe servir de testemunho[105].

Ele também não fingiu, quando subiu até Jerusalém para um dia de festa e, certamente, ele não agiu assim para parecer observar a Lei perante as pessoas, já que ele não *subiu à festa em público, mas despercebidamente*[106].

19

O mesmo Apóstolo diz, no entanto: *Eis que eu, Paulo, vos declaro: se vos circuncidardes, de nada vos servirá Cristo*[107].

Ele quis então enganar Timóteo e fazer com que Cristo *de nada* lhe servisse? Ou esta consequência foi impedida, porque o que ele fez não foi uma simulação?

Ele mesmo não fez esta distinção. Ele não disse: "Que você seja circuncidado por convicção" ou "de uma maneira simulada". Ele disse simplesmente: *Se vos circuncidardes, de nada vos servirá Cristo*.

Assim como você apresenta aqui sua opinião e afirma que isto deve ser entendido como uma circuncisão fingida, da mesma forma, eu tenho o direito de lhe pedir que nos seja permitido in-

[105] Marcos 1: 44.
[106] João 7: 10.
[107] Gálatas 5: 2.

terpretar estas palavras como sendo dirigidas contra aqueles que recorriam à circuncisão com o pensamento de que eles não podiam, sem ela, obter a salvação em Jesus Cristo.

Esta era a convicção íntima, a secreta vontade que fazia da circuncisão um obstáculo à eficácia da graça do Redentor. O Apóstolo diz, abertamente, em outra passagem: *Em verdade, se a justiça se obtém pela Lei, Cristo morreu em vão*[108].

Esta afirmação reaparece no próprio texto que você mesmo recordou: *Já estais separados de Cristo, vós que procurais a justificação pela Lei. Decaístes da graça*[109].

Estas são então as pessoas cujos pensamentos ele condena e não aqueles que permaneciam fiéis às observâncias legais para honrarem o Autor delas, compreendendo bem que elas só tinham um valor profético e uma duração limitada. Daí, o que Paulo acrescenta: *Se vos deixais guiar pelo Espírito, não estais sob a Lei*[110].

Disto eu concluo então, como você, que não tem o Espírito Santo aquele que permanece submetido à Lei. Não por um tipo de concessão, como você acredita que desejaram os nossos pais, mas real e sinceramente, como eu penso.

[108] Gálatas 2: 21.
[109] Gálatas 5: 4.
[110] Gálatas 5: 18.

20

É uma grande questão, em minha opinião, saber qual é essa maneira de viver sob a Lei condenada pelo Apóstolo. Eu não creio que ele disse isto por causa da circuncisão ou dos sacrifícios ofertados por nossos pais e que não o são agora pelos cristãos ou por coisas semelhantes. Ele quis se referir a este preceito que está também na Lei: *Não cobiçarás*[111].

Este deve ser, seguramente, observado pelos cristãos e o Evangelho o cerca com a mais viva luz. Paulo declara que *a Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom*[112]. E ele prossegue nestes termos: *Então, o que é bom se tornou causa de morte para mim? De certo que não. Foi o pecado que, para se mostrar realmente pecado, acarretou para mim a morte, por meio do que é bom, a fim de que, pelo mandamento, o pecado se fizesse excessivamente pecaminoso*[113].

O que ele diz aqui: *que pelo mandamento, o pecado se* fez *excessivamente pecaminoso*, ele diz também em outra passagem: *Sobreveio a Lei para que abundasse o pecado. Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça*[114].

---

[111] Êxodo 20: 17 e Deuteronômio 5: 21.
[112] Romanos 7: 12.
[113] Romanos 7: 13.
[114] Romanos 5: 20.

Em outra passagem também, depois de ter exposto a economia da graça e provado que ela justifica, ele acrescenta sob a forma de uma questão: *Então, o que é a Lei?* E ele imediatamente responde: *É um complemento ajuntado em vista das transgressões, até que viesse a descendência a quem fora feita a promessa*[115].

Ele condena então aqueles que vivem sob a Lei de uma maneira que se forma a seguinte questão: ela os torna culpados, pois eles não cumprem a Lei, não compreendendo o benefício da graça e presumem, com uma intolerável soberba, que eles podem, com as próprias forças, cumprir os preceitos divinos.

O amor é a plenitude da Lei[116].

Ora, *o amor de Deus foi derramado em nossos corações*, não por nós mesmos, mas *pelo Espírito Santo que nos foi dado*[117].

Para desenvolver este ponto na medida em que é necessário, seria preciso um texto muito mais longo e até mesmo um volume à parte.

Se então, este preceito da Lei: *Não cobiçarás*, no momento em que a graça não vem em ajuda da fraqueza humana, se torna

[115] Gálatas 3: 19.
[116] Romanos 13: 10.
[117] Romanos 5: 5.

um motivo de acusação, condena o culpado, invés de libertá-lo, quão mais os preceitos figurativos e proféticos __ a circuncisão e outros, que seriam, necessariamente abolidos quando a luz da graça brilhasse em todas as partes __ eram incapazes de justificar alguém?

Não se deve, no entanto, rejeitá-los como práticas sacrílegas da idolatria, quando já se levantou a luz da graça anunciada por tais sombras. Pôde-se tolerá-los por algum tempo, principalmente para os filhos convertidos do povo a quem eles foram dados. Mas, depois que eles foram sepultados com honra, todos os cristãos devem renunciar a eles de maneira definitiva.

21

Mas isto que você diz: "Não dispensativamente, como desejavam nossos antepassados"[118]; o que significa, eu lhe pergunto?

Ou isto é o que eu chamo de uma mentira oficiosa e então você vê nisto um ofício real, o que o leva a justificar a mentira, ou então, eu não compreendo o que isto poderia ser, a menos que você suponha que, em virtude da intenção, a mentira não é mais mentira. Se o bom senso fica bastante revoltado com tal suposi-

[118] *Non dispensative, ut nostri voluere maiores.*

ção, por que você não afirma abertamente que a mentira oficiosa pode ser defendida?

Talvez a questão esteja no termo que você utilizou, já que ele não é usual nos escritores eclesiásticos. O nosso Ambrósio, no entanto, não temeu usá-lo, já que ele deu o título de "Ofícios" a livros cheios de excelentes preceitos.

É porque aquele que comete uma mentira oficiosa é censurável, enquanto que aquele que mente por uma hábil dispensação mereceria elogios?

Eu lhe peço que deixe mentir quando quiser quem pensa assim. Mas é uma questão séria saber se em alguma situação é permitido a uma pessoa de bem mentir, principalmente a um cristão recorrer à mentira, pois está dito: *Dizei somente sim, se é sim; não, se é não. Tudo o que vai além disto vem do Maligno*[119].

Também é dito e isto se impõe à fé: *Fazeis perecer todos aqueles que mentem*[120].

22

Mas esta é, eu repito, uma segunda e grande questão.

Restará, para aquele que compartilha esta opinião, distinguir as circunstâncias em que a mentira é permitida. Apenas, ele

[119] Mateus 5: 37.
[120] Salmo 005: 007.

deverá acreditar sempre nos escritores das Santas Escrituras e, mais particularmente, dos livros canônicos. Ele deverá se proibir, absolutamente, ver neles uma mentira.

Sem isto, os *dispensadores* de Cristo, sobre os quais está escrito: *Ora, o que se exige dos dispensadores é que sejam fiéis*[121], pareceriam ter adquirido uma espécie de ciência superior na fé, colocando a mentira à serviço da verdade, quando, no entanto, em nossa língua, a própria palavra "fé" provém de que o fato deve sempre seguir a palavra.

Ora, quando o fato e a palavra estão completamente de acordo, não há mentira possível. Não é então duvidoso que o Apóstolo Paulo, esse *dispensador* fiel, nos apresente a fé em seus escritos, pois não era, evidentemente, da mentira e sim da verdade que ele era o dispensador.

Por consequência ainda, ele expressa a simples verdade quando escreve que viu Pedro não caminhar pelo caminho reto do Evangelho, que ele acreditou dever lhe confrontar, e*m presença de todos*, porque o líder dos Apóstolos obrigava os gentios a se judaizarem[122].

[121] 1 Coríntios 4: 2.
[122] Cf. Gálatas 2: 14.

Pedro, do seu lado, aceitou com uma benevolência condescendente, com uma devota humildade, o que Paulo fez com um objetivo útil, com a segurança que nasce do amor.

Ambos transmitiram assim a mais bela das lições, um raro exemplo a ser seguido pelos séculos. Aquele nos ensinou que os superiores, quando, por acaso, estão afastados da linha reta, não devem rejeitar as advertências de seus subordinados e este, que os inferiores não devem temer resistir, no interesse da correção evangélica, mas salvaguardando sempre o amor fraterno.

Como é muito melhor, porém, sofrer alguns desvios do que se afastar continuamente, é muito mais digno de admiração e elogio aceitar de bom grado tal correção do que exercê-la com certa segurança.

No fundo, fica então que devemos louvar a justa liberdade de Paulo e a santa humildade de Pedro e é aqui, sobretudo, de acordo com meu fraco argumento, o que é preciso defender contra as calúnias de Porfírio, invés de lhe fornecer mais e mais oportunidades de atacar falsamente e dilacerar os cristãos, os acusando de mentir em suas cartas ou de trair os mistérios sagrados.

23

Você me pressiona para ao menos citar um escritor eclesiástico cuja opinião sobre isto eu sigo, quando você cita vários, um

grande número mesmo, sobre a autoridade dos quais você apoia a sua e você me pede, quando eu aponto um erro, que lhe seja permitido errar na companhia de tais pessoas.

Eu admito que não os li, mas, entre os seis ou sete mencionados, há quatro deles cujas opiniões você combate.

O laodiceano, cujo nome você não menciona, ele saiu recentemente da Igreja, você diz. Alexandre é um velho herege. Eu vejo em seus últimos tratados que não poupa Orígenes e Dídimo, mesmo que, antes, você tivesse maravilhosamente louvado Orígenes. Eu suponho então que, errar com eles, você não permite nem mesmo a você.

Restam então três: Eusébio de Emisene, Teodoro de Heracleia e aquele que você menciona em seguida, João, o pontífice que até recentemente governava a Igreja de Constantinopla.

24

Se agora você procurar ou se lembrar do que pensaram sobre isto o nosso Ambrósio e depois, também nosso Cipriano, talvez você veja que não nos faltaram autoridades a seguir na opinião que sustentamos. Mas, como eu disse há pouco, é aos livros canônicos que eu presto esta humilde e livre homenagem: conformar a eles meu julgamento, de maneira a acreditar que os es-

critores sagrados não puderam cair em um erro qualquer e nem desejaram fazer com que caíssemos em um deles.

Se eu tivesse que lhe opor três autoridades eclesiásticas, como você me opôs três, eu penso que isto não me seria difícil, se eu tivesse lido muitas delas. Mas, em lugar delas ___ ou melhor, acima delas todas ___, eu tenho o Apóstolo comigo.

Foi a ele que eu recorri, é a ele que eu apelo sobre todas as opiniões que são emitidas sobre este ponto. Eu interrogo a ele mesmo sobre o fundamento do seu pensamento, quando ele escreveu aos Gálatas dizendo que viu Pedro seguindo por um caminho que não era reto com relação à verdade do Evangelho e que ele não temeu confrontá-lo e*m presença de todos*, para impedi-lo de arrastar, com aquele fingimento, os gentios a se judaizarem. Eu lhe pergunto se ele disse, com isto, a simples verdade ou se ele mentiu, não sei com que intenção deturpada e eu o ouço me responder antecipadamente, com uma voz que impõe respeito, logo no início desta passagem: *Isto que vos escrevo - Deus me é testemunha - não o estou inventando*[123].

[123] Gálatas 1: 20.

25

Que as pessoas de opinião contrária queiram me perdoar, mas eu creio mais no juramento consignado por este grande Apóstolo em uma de suas cartas do que nas sábias dissertações dos mais hábeis intérpretes dos textos alheios. Eu não temo o que dizem sobre a minha maneira de defender Paulo, declarando que prefiro lhe censurar um erro verdadeiro do que uma complacência simulada para com os erros dos judeus.

Ele não simulou o erro daquele que __ com uma liberdade realmente apostólica, segundo as conveniências do tempo e com seu próprio exemplo, quando ele foi necessário __ não hesitou em proclamar que aquelas antigas instituições não eram obra da malícia de Satanás, que queria utilizá-las para enganar as pessoas, mas sim da Providência de Deus, que as destinou para simbolizarem as coisas futuras.

Não compartilhou, de forma alguma, o erro dos judeus, aquele que sabia muito bem e não parava de lhes criticar com uma extrema veemência, que eles se enganavam, ao quererem impor aquelas práticas aos gentios ou então, aos considerá-las como necessárias para qualquer fiel que fosse.

26

Quanto à passagem que eu recordei, em que Paulo diz: *Para os judeus fiz-me judeu, a fim de ganhar os judeus*; *para os que não têm lei, fiz-me como se eu não tivesse lei*[124], não como um artifício enganador, mas como uma engenhosa compaixão, como eu disse, não me parece que você tenha pesado o suficiente o significado disto ou talvez eu não tenha me explicado o suficiente.

Com isto, eu não quis dizer que ele tenha dissimulado por misericórdia. Não. Ele não dissimulou ao se conformar aos costumes dos judeus, assim como também não dissimulou ao se conformar aos costumes dos gentios, como você mesmo reconhece, vindo, assim, em meu auxílio, o que eu admito, não sem um sentimento de reconhecimento.

De fato, eu lhe perguntei, em minha carta, como se podia pensar que ele tivesse se feito judeu com os judeus, fingindo receber os mistérios deles, enquanto que ele não se fez gentio com os gentios, fingindo praticar os sacrifícios deles e você não me respondeu que ele tinha se feito gentio com os gentios, ao aceitá-los sem a circuncisão e ao lhes permitir comerem as carnes condenadas pelos judeus. Mais uma vez aqui, eu lhe pergunto se ele agiu por fingimento.

[124] 1 Coríntios 9: 20 e 21.

É impossível supor isto. Então, é preciso raciocinar da mesma forma no que diz respeito às observâncias legais às quais ele se conformava de uma maneira livre e sábia, não por uma necessidade servil e menos ainda com uma máscara enganadora, o que seria mais condenável ainda.

27

Ele fala pelos cristãos, por aqueles que são iniciados no conhecimento da verdade, como ele mesmo declara, desde que, por acaso, ele não engane nesta outra afirmação: *Tudo o que Deus criou é bom e nada há de reprovável, quando se usa com ação de graças*[125].

Por conseguinte, no pensamento de Paulo ___ que não era uma pessoa qualquer, mas um dispensador eminentemente fiel, que, não contente em conhecer a verdade, a ensinava aos outros ___ todo alimento criado por Deus era bom na realidade e não na aparência.

Por que então, quando ele não fingia receber algo dos mistérios e das cerimônias da gentilidade, que sua doutrina no tocante às carnes e à circuncisão traduzia a base mesma do seu pensamento, ele, no entanto, se tornara gentio para os gentios, enquan-

[125] 1 Timóteo 4: 4.

to que ele poderia, sem dissimular, na prática das cerimônias mosaicas, se tornar judeu para os judeus?

Por que ele mostrou uma fé sincera quando se tratou de enxertar a oliveira selvagem e devia se cobrir com uma espécie de véu mentiroso com relação aos ramos nascidos na própria árvore?

Por que, ao se fazer gentio para os gentios, ele ensina o que pensa e pensa o que ensina, mas, ao se fazer judeu para os judeus, há uma coisa em seu pensamento e outra em seus lábios, em seus atos externos ou em seus escritos?

Não podemos julgá-lo assim. Ele devia a todos o mesmo *amor nascido de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera*[126].

Foi assim então que ele se fez *tudo para todos, a fim de salvar a todos*[127]. Não com um hábil artifício, mas com uma compaixão realmente sentida. Ele não fingia imitar o mal de todas as pessoas, mas ele era afetado por todos os males, como se ele mesmo os partilhasse e assim, ele se esforçasse para curar a todos.

[126] 1 Timóteo 1: 5.
[127] 1 Coríntios 9: 22.

28

Quando então, ele não recusou observar as cerimônias do Antigo Testamento, ele não praticou uma mentira por um sentimento de compaixão ou algum fingimento em seu comportamento. Ao agir assim, ele recomendou essas práticas como tantas obrigações que deveriam subsistir por um tempo e ele as diferenciou do culto sacrílego dos gentios.

Não. Isto não foi da parte dele um hábil artifício. Foi uma verdadeira compaixão, repito, quando ele se fez judeu para os judeus, querendo retirá-los do erro no qual eles estavam, seja porque se recusavam acreditar em Cristo, seja porque estavam convencidos de que podiam ser purificados e salvos através daqueles antigos sacrifícios e observâncias legais.

Paulo desejou tanto livrá-los como se ele mesmo estivesse no erro, amando seu próximo como a ele mesmo, fazendo pelos outros o que ele gostaria que fizessem por ele, se ele estivesse na mesma dificuldade. Depois de ter dado esta lição, o Senhor acrescentou: *Esta é a Lei e os Profetas*[128].

[128] Mateus 7: 12.

29

Este dever de misericórdia, o Apóstolo o prescreve na mesma Epístola aos Gálatas, dizendo: *Irmãos, se uma pessoa for surpreendida numa falta, vós, que sois espirituais, admoestai-a em espírito de mansidão. E tem cuidado consigo mesmo, para que não caias também em tentação!*[129]

Observe se isto não é o mesmo que dizer: "Tornem-se como ele, com o objetivo de conquistá-lo". Ele não se propunha então impor um amor simulado ou simular, ele mesmo, este sentimento. Ele queria mostrar, na falta do outro, o que se devia experimentar em si mesmo e a obrigação de praticar a misericórdia como se queria ser objeto dela nas mesmas circunstâncias. Mais uma vez, nada de artifício enganador, mas uma compaixão sincera e verdadeira.

Era assim que, com relação a um judeu, a um gentio, a uma pessoa qualquer caída no erro ou no pecado, Paulo se fazia *tudo para todos, a fim de salvar a todos*. E isto não era, da parte dele, um fingimento, uma simulação daquilo que ele não era. Era uma verdadeira simpatia baseada na convicção do que ele podia ser. Ele não se esquecia de que era um ser humano.

[129] Gálatas 6: 1.

30

Considere-se, eu lhe peço, considere-se por um instante. Você mesmo com relação a mim. Lembre-se das expressões consignadas na carta tão curta que você me enviou através do nosso irmão e agora meu colega Cipriano. Ou melhor, releia-a, se você guardou uma cópia dela e você verá com que sentimento de amor sincero, com que terna e delicada efusão você me criticava um erro para com você. No entanto, você acrescenta estas palavras: "É ferir a amizade, é cometer um atentado a relações íntimas, parecer debater sobre temas sem importância e fornecer pretextos, assim, para contestação, seja aos nossos partidários, seja aos nossos detratores".

Este linguajar vindo de você, que falava do fundo da sua alma, inspirado mesmo por um coração benevolente, pelo desejo de me dar um sábio conselho, não podia me encontrar insensível.

Após isto, você ainda acrescenta algo evidente e que se teria adivinhado mesmo que você não tivesse dito: "Eu lhe escrevo assim porque desejo amá-lo de uma maneira pura e cristã e não guardar nada em meu coração que seja diferente do que tenho nos lábios".

Homem santo e realmente caro à minha alma, Deus me é testemunha de que o que você escreveu em suas cartas tem uma sinceridade que não me inspira nenhuma dúvida. Eu creio segu-

ramente que o Apóstolo Paulo também escreveu assim nas cartas dele. Não a uma pessoa em particular, mas aos judeus, aos gregos, a todas as nações, aos seus filhos que ele tinha gerado no Evangelho e que ele ainda gerava a cada dia e depois, a tantas gerações cristãs que se sucederiam na sequência dos séculos e para quem essas mesmas cartas permaneceriam um momento eterno.

Não. Ele não guardava nada no coração que fosse diferente do que ele tinha nos lábios.

31

Certamente que você não foi, como eu, um hábil enganador, mas uma pessoa realmente caridosa, quando acreditou que não podia me deixar naquele erro que você achava que eu caíra. Assim como você teria desejado que não o deixassem nele, se tivesse tido a infelicidade de cair em um.

Ao lhe agradecer então pela sua benevolência com relação a mim, eu lhe peço que não se irrite contra mim, porque compartilhei com você a reação que me causaram certas passagens dos seus opúsculos.

Eu gostaria mesmo que todo mundo se comportasse comigo como eu me comportei com você e que, quando eles encontrassem alguma coisa de censurável em meus escritos, eles não me elogiassem com dissimulação ou não se calassem em um silêncio

que não manteriam com relação a outros. Isto, de fato, é o que atenta contra a amizade e que é capaz de alterar as melhores relações.

Eu ignoro se se pode chamar de cristãs as amizades às quais se pode aplicar este adágio do mundo: "A subserviência faz amigos e a verdade produz ódio"[130], invés destas palavras de um livro santo: *Mais valem as feridas de quem ama do que os beijos hipócritas de quem odeia*[131].

32

Esforcemo-nos então para convencermos nossos íntimos, aqueles que demonstram o maior zelo por nossos trabalhos, amigos com quem se está perfeitamente livre para contradizer uns aos outros, sem que o afeto fique diminuído e nem que a verdade produza o ódio, sendo ela, invés disto, a dívida da amizade.

Que se engane ou que não se engane, ao formular uma questão, não é esta, precisamente, a questão, desde que se fale com uma completa sinceridade e que o pensamento não se diferencie da palavra.

É preciso que os nossos irmãos __ aqueles que vivem conosco e dos quais, você dá testemunho de que são vasos de Cristo

[130] Públio Terêncio Afro. *Ândria*, 68.
[131] Provérbios 27: 6.

__ fiquem convencidos de que foi mesmo independente da minha vontade, que eu senti a mais viva dor no fundo da minha alma quando soube que minha carta tinha caído em mãos de vários outros antes de chegar às suas mãos, quando ela tinha sido escrita para você.

Como isto aconteceu, seria longo e, provavelmente, inútil dizer. Basta-me declarar, se existe alguma confiança em mim, que eu não tive a intenção que atribuem a mim. Eu não posso me censurar, nem a vontade, a premeditação, o consentimento ou qualquer pensamento sobre isto. Se não acreditam no que eu proclamo perante Deus, eu não sei mais o que fazer.

Deus me livre, no entanto, de supor que eles lhe sugeriram isto com uma má intenção, para provocarem desavenças entre nós e possa a misericórdia do Senhor nosso Deus jamais permitir isto!

Não. Mas suspeita-se facilmente, sem ter o propósito de prejudicar, que todo vício humano pode ser encontrado em uma pessoa.

Isto é o que eu devo pensar deles, já que eles são vasos de Cristo, vasos de *honra*, sem dúvida e não vasos de *ignomínia*, dispostos por Deus em uma grande casa e *preparados para todo*

uso benéfico[132]. Se eles me julgam de uma maneira desfavorável depois de tal declaração, desde que ela chegue ao seu conhecimento, você mesmo verá até que ponto eles erraram.

33

Quando lhe escrevi que não enviei contra você nenhum livro a Roma, eu distingui um livro de uma carta. Assim, eu não sei absolutamente o que eu imaginei sobre os ruídos que chegaram aos seus ouvidos.

Foi a você e não a Roma que eu enviei minha carta e não pensei atacá-lo, sabendo que agi sob o impulso de uma amizade sincera ou mesmo para lhe dar um conselho ou então, para receber de você uma correção.

Mas, deixemos de lado os seus amigos. Eu lhe imploro que, pela graça da nossa redenção comum, não me acuse de ter cometido uma lisonja traiçoeira, ao consignar em uma carta os bens que você deve à bondade do Senhor. Se, pelo contrário, eu pude ofendê-lo em alguma coisa, eu lhe peço que me perdoe.

Quanto à citação ___ mais inepta, aparentemente, do que literária ___, tirada de algum poeta de que não me lembro mais, não a aplique indo além do meu pensamento.

[132] Cf. 2 Timóteo 2: 20 e 21.

Eu não deixei de acrescentar, imediatamente, que, ao falar daquele jeito, eu não lhe desejava que recuperasse a visão da alma, da qual você jamais foi privado. Eu lhe recordei, pelo contrário, a visão tão saudável e tão perspicaz de que você é dotado.

Se escrevemos então alguma coisa que seria preciso retratar com um escrito subsequente, imitando assim a palinódia, isto não é por causa da cegueira de Estesícoro que eu fiz esta alusão, pois eu não a atribui a você e não temo para você a cegueira espiritual.

Assim, eu já lhe implorei mais de uma vez que me repreenda com confiança, assim que você observar que isto me é necessário. Embora, segundo a ordem hierárquica e a linguagem estabelecida na Igreja, o sacerdócio está abaixo do episcopado, Agostinho é, em muitas coisas, inferior a Jerônimo e ele não pode mesmo rejeitar ou desprezar uma correção que venha de um inferior qualquer.

34

No tocante à sua tradução, eu continuo convencido, pelo que você me disse, da utilidade dessa obra. Você quis traduzir os livros direto do hebraico, para colocar em evidência as lacunas ou as alterações cometidas pelos judeus.

Condescenda agora me fazer compreender, eu lhe peço, por quais judeus. São aqueles que traduziram as Escrituras antes da vinda do Senhor? Neste caso, quais eram os nomes deles? Ou então, foram aqueles que apareceram depois e que se pode então supor terem truncado ou desfigurado os exemplares gregos, para escaparem dos testemunhos que se podia encontrar neles em favor da fé cristã?

Quanto aos antigos, eu não vejo qual teria sido o objetivo deles. Depois, eu lhe peço a graça de nos enviar a sua tradução dos Setenta. Eu ignorava que ela já tinha sido publicada.

Eu desejo também ler o livro que você escreveu sobre o melhor gênero de tradução e que você me mencionou. Eu gostaria, enfim, de saber como é preciso que um intérprete combine o conhecimento das línguas com as opiniões daqueles que discutem os textos, pois, necessariamente, mesmo que estes últimos professem todos a mesma fé, sejam todos ortodoxos, eles devem ter opiniões diversas, por causa da obscuridade de algumas passagens e mesmo essa variedade pode existir sem provocar nenhum atentado à unidade da fé, com cada intérprete podendo expor um texto com um sentido diferente, mas sempre ortodoxo, em razão da própria obscuridade desse mesmo texto.

35

Eu desejo ter a sua tradução dos Setenta, para nos mantermos protegidos, ao menos na medida em que pudermos, dos erros tão graves cometidos pelos intérpretes latinos que se aventuraram nessa tradução.

Quanto àqueles que me supõem invejoso dos seus trabalhos, que eles compreendam, enfim, se isto lhes for possível, que eu não quero deixar que sejam lidas nas Igrejas a sua tradução do hebraico, para que não pareçamos agir contra a autoridade dos Setenta e apresentar algo novo, o que poderia provocar perturbação e escândalo no meio do povo de Cristo, com seus ouvidos e corações já habituados com a versão que foi aprovada pelos próprios Apóstolos.

Assim, quanto ao arbusto mencionado em Jonas, admitindo que o hebraico não o chame de hera e nem de cabaça, mas designe assim algum outro vegetal que cresce em seu próprio tronco, sem precisar de nenhuma estaca, eu gostaria que fosse mantida a palavra “cabaça” em todos os exemplares latinos. Se os Setenta a consagraram, é porque eles sabiam, aparentemente, que era algo semelhante a isto.

36

Eu penso ter respondido o suficiente __ ou talvez até demais __ as suas três cartas, sendo que duas delas me foram enviadas por Cipriano e a outra, por Firmo.

Escreva-me novamente o que você julgar adequado para minha instrução ou a dos outros.

Do meu lado, cuidarei, com o divino socorro, para que as cartas escritas para você cheguem às suas mãos antes de serem enviadas a quem quer que seja que possa abusar delas as espalhando. Confesso que não gostaria que isto tivesse acontecido com alguma das cartas que você me dirigiu, como aconteceu com a que eu lhe escrevi e eu compreendo suas justas reclamações.

Amemos um no outro, não apenas o afeto, mas também a liberdade que a amizade supõe.

Não me cale e que eu não seja obrigado a calá-lo, o que poderia nos emocionar em nossas cartas recíprocas, sempre com o espírito que não desagrada aos olhos de Deus no amor fraterno.

Uma coisa que você pense que não pode ser feito sem prejudicar esse amor, suprima.

A amizade que eu gostaria de manter com você é superior, na verdade. Mas, é muito melhor, no entanto, uma amizade inferior do que a ausência de qualquer amizade.

Carta 130 (166) – De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 414-415.

Tratado sobre a origem da alma humana

Passando em revista as diversas opiniões sobre a origem da alma, ele expressa o desejo de saber qual é a que ele deve abraçar e como se pode se defender contra o erro dos pelagianos, que São Jerônimo insinua como sendo o dele, em uma carta precedente (Carta 125), ou seja, que cada alma recebe a existência na medida em que os corpos vêm ao mundo.

01

Eu rezei e rezo ainda para nosso Deus, que nos chamou para seu Reino e para sua glória, pedindo que ele faça frutificar, para nós, o que eu lhe escrevo, venerável irmão Jerônimo, para consultá-lo sobre uma coisa que me é desconhecida. Embora sua idade seja muito mais avançada do que a minha, eu mesmo já velho[133], recorro aos seus conselhos.

Mas, para aprender uma coisa necessária, não é a idade que eu devo olhar como muito avançada. Mesmo que convenha me-

[133] São Jerônimo (347-420) tinha cerca de 68 anos quando esta carta foi escrita e Santo Agostinho (354-430) tinha cerca de 61 anos.

lhor aos idosos ensinar do que aprender, é melhor para eles, no entanto, aprender do que ensinar o que eles não sabem.

Entre tantas angústias que me fazem sentir as mais difíceis questões, nada me é mais penosos do que viver longe do seu amor. Eu mal posso lhe fazer chegar minhas cartas e receber as suas e não no intervalo de um grande número de dias ou meses, mas mesmo de alguns anos, quando eu gostaria, se fosse possível, de tê-lo sempre presente e de falar com você com toda a liberdade.

Isto não era motivo, no entanto, de não fazer o que eu devia se eu não podia fazer tudo o que eu gostaria.

02

Então, eu recebi a visita de um piedoso rapaz, nosso irmão pela integridade da fé, nosso filho pela idade e nosso colega no sacerdócio. Ele se chama Orósio. Tem um espírito ativo, palavras fáceis, zelo ardente, desejando ser um vaso útil na Casa do Senhor, para refutar as falsas e perniciosas doutrinas que atingiram de morte as almas na Espanha, muito mais perversamente do que as espadas dos bárbaros feriram os corpos.

Foi de lá, das margens do Oceano, que ele veio até nós, convencido pela fé no renome de que poderíamos instruí-lo sobre

tudo o que ele desejava saber. Ora, ele não colheu, de sua viagem, nenhum fruto.

Primeiramente, eu o desenganei sobre a opinião tão positiva que se tem sobre mim. Depois, eu o instruí em tudo o que eu mesmo sabia e, quanto ao que eu não sabia, eu lhe disse onde poderia aprender, o exortando a ir para junto de você.

Como ele aceitou de bom grado o meu conselho ou o meu preceito, eu lhe pedi que retornasse para me ver, depois dessa viagem, quando ele retornasse à pátria dele. Obtendo esta promessa, acreditei que esta era uma oportunidade que o Senhor me concedera para lhe escrever e lhe pedir as luzes de que preciso.

Eu procurei, de fato, quem eu pudesse lhe enviar e não encontrei facilmente uma pessoa apta para esta missão, digna de confiança, que quisesse seguir minha vontade e fosse livre para realizar tal viagem.

Assim, desde que vi de perto esse rapaz, não me foi possível duvidar de que fosse esse que eu pedira ao Senhor.

03

Aceite então meu pedido e não recuse o trabalho que exigirá esta discussão, com o objetivo de me esclarecer. A questão da alma preocupou muitas mentes e eu admito que sou uma delas.

Eu não me calarei, inicialmente, sobre o que tenho como absolutamente certo. Depois, eu lhe direi quais são as dúvidas que me restam e das quais eu gostaria de me livrar.

A alma humana é imortal, mas de uma maneira própria e determinada. Não sob todas as relações, como Deus, sobre o qual foi dito: *O único que possui a imortalidade*[134].

As Santas Escrituras falam muitas vezes de almas que morrem. Assim é nesta passagem: *Deixe que os mortos enterrem seus mortos*[135].

Mas, se a alma morre, ao se afastar da vida divina, mas de uma maneira tal, no entanto, que ela não deixa de viver em sua própria natureza, é evidente que ela é mortal em certos aspectos, mais que devemos considerá-la como imortal propriamente.

A alma não é uma porção da divindade. Se ela o fosse, ela seria, por isto mesmo, absolutamente imutável e incorruptível. Se ela o fosse, ela não poderia se deteriorar e nem se aperfeiçoar. Ela seria incapaz de adquirir uma coisa que ela não tivesse ou de perder o que ela tivesse, no que diz respeito aos seus afetos e à sua maneira de ser.

[134] 1 Timóteo 6: 16.
[135] Mateus 8: 22 e Lucas 9: 60..

Que ela seja diferente disto, não é necessário demonstrar com testemunhos extrínsecos, pois todos reconhecem isto ao pensarem em si mesmos.

Inutilmente, aqueles que pretendem que a alma é uma porção da divindade atribuirão, não à sua própria natureza, mas à do corpo, a mancha e a degradação que nos atingem nas pessoas perversas e a fraqueza e a enfermidade que sentimos em todas as pessoas.

O que importa de onde vem a doença em um ser que não poderia, de forma alguma, ser doente se ele não fosse sujeito à mudança, já que o que é realmente imutável e incorruptível não pode sofrer uma ação que o altere e o corrompa?

Se a alma estivesse acima de toda ação desta natureza, a invulnerabilidade não seria mais o privilégio do fabuloso Aquiles e toda carne a possuiria propriamente.

Um ser que é, de alguma maneira, sob certos aspectos, em certos casos, sujeito à mudança, não é então imutável e, como seria impiedade recusar a Deus a verdadeira e suprema imutabilidade, disto resulta que a alma não é uma porção da divindade.

04

Quanto à imaterialidade da alma, este é um ponto com o qual as mentes grosseiras têm dificuldade em concordar, mas que é, a meu ver, plenamente demonstrado.

Evitemos, primeiramente, levantar uma discussão inútil sobre palavras ou dar motivo para ela. Para que discutir sobre palavras, quando se está certo nos próprios fundamentos?

Se você entende por corpo tudo o que é substância ou essência ou tudo o que subsiste em si mesmo, seja qualquer nome que você acreditar ter que justamente lhe atribuir __ e, neste caso, a alma __ trata-se de um corpo.

Da mesma forma, se você acredita só dever qualificar de incorpóreo o ente que é soberanamente imutável e presente inteiramente em todos os lugares, a alma é corpórea, porque ela não pode reunir estes atributos.

Mas se, por corpo, você entende uma coisa extensa, que tem altura, largura e profundidade, que ocupa um espaço e se move, de uma maneira tal que, a maior parte dessa coisa corresponde a um maior espaço ocupado, a menor parte ocupa o menor espaço e ela ocupa um espaço menor com uma de suas partes do que com seu todo, a alma, neste caso, não é corpórea, pois ela ocupa inteiramente o corpo que ela anima e não por uma difusão total, mas pela ação vital que ela exerce nele.

Ela está presente inteiramente em cada uma de suas partes. Ela não é maior nas partes grandes e nem menor nas partes pequenas. Exercendo sua ação, uma hora com mais energia e outra hora, com menos energia, ela está inteiramente em cada uma das partes do corpo e inteiramente em todas essas partes. Sensível ao que se passa mesmo em uma simples parte do corpo, ela sente muito exatamente a impressão produzida e ela a sente nela inteiramente.

Toque em um ponto imperceptível, se você quiser, de um corpo vivo. A alma inteira é avisada disto e a impressão, longe de percorrer todas as partes do corpo, é sentida lá onde ela foi causada.

Como então uma impressão que só afeta uma parte do corpo chegaria em um instante à alma inteira, se a alma não estivesse inteira onde a impressão foi produzida, sem deixar, por isto, as outras partes, pois estas não deixam, por isto, de viver, sob a ação de sua presença, mesmo que nenhuma impressão semelhante as tenha afetado?

Suponha que acontecesse diferentemente e uma dupla impressão afetasse simultaneamente duas partes diferentes do corpo. A alma seria imediatamente advertida, com isto, inteiramente.

Ora, ela não poderia estar inteiramente, ao mesmo tempo, em todas as partes do corpo e em cada um delas, se ela estivesse nele como os corpos estão no espaço, ocupando uma extensão proporcional à sua maior ou menor dimensão.

Se então é preciso qualificar a alma de corpórea, seguramente ela não o será como são os corpos que vemos na terra, na água, no ar e no éter. Todos esses corpos ocupam um espaço em relação com suas dimensões; grande, se eles são grandes e pequenos se eles são pequenos, sem estarem jamais inteiramente em cada uma de suas partes. Às partes do espaço corresponde cada uma das partes desses corpos.

Seja qual for o nome que você dê à alma, se você a qualifique de corpórea ou de incorpórea, permanece estabelecido que ela possui uma natureza própria cuja substância é muito mais perfeita do que os grosseiros elementos deste mundo visível. Essa substância, nós jamais chegaremos a representá-la com a ajuda das imagens corpóreas que recolhemos por meio dos sentidos. Só podemos concebê-la através da razão e sentir sua presença com a presença da vida.

Ao dizer estas coisas, eu não pretendo lhe ensinar o que você sabe, aliás, muito bem, mas lhe expor minha convicção, firmemente estabelecida, sobre a natureza da alma. Não poderão, quando eu chegar ao objetivo a que me propus, me considerarem

como não tendo, sobre esta questão, nenhuma ideia do que nos ensina a razão ou a fé.

05

Uma coisa certa, aos meus olhos, é também esta: se uma alma caiu no pecado, isto não é culpa de Deus e nem por força da necessidade vinda de Deus ou da criatura, mas é culpa da vontade pecadora.

Ela não poderia também ser libertada desse corpo de morte pela virtude de sua própria vontade, que não pode bastar para esta tarefa e nem mesmo pela morte corpórea, mas pela graça que nos fez merecer Jesus Cristo Nosso Senhor.

Por fim, não há uma só alma na humanidade inteira que não tenha absolutamente necessidade, para se salvar, de Cristo Jesus, o Mediador entre Deus e a humanidade.

Toda alma que sai deste corpo, não importa em que momento da vida, sem a graça do Mediador e sem a virtude dos seus sacramentos, está destinada à pena futura e, no julgamento final, ela só se reunirá ao corpo para sofrer essa pena.

As almas que, pelo contrário, depois do nascimento que tiveram em Adão, renasceram em Cristo e permaneceram em sua comunhão, tomarão, depois da morte temporal, posse do repouso e partilharão de sua glória, com seus corpos ressuscitados.

Estes são os pontos que eu vejo como solidamente estabelecidos sobre a questão da alma.

06

Eu chego agora à dificuldade que desejo lhe submeter. Não aproveite esta oportunidade, eu lhe peço, para me desprezar e condescenda não desprezar também Aquele que sofreu por nós todo tipo de desprezo.

Eu pergunto então como a alma pôde contrair a culpa que a arrasta para sua condenação, mesmo nas crianças surpreendidas pela morte sem que tenham recebido, com o sacramento do batismo que se dá mesmo às criancinhas, a graça de Cristo.

Eu sei que você não é um desses novatos que ultimamente afirmam que não recebemos de Adão nenhuma culpa que precise do batismo para ser apagada nas crianças. Se eu soubesse que você compartilha desta opinião ___ ou melhor, se eu não estivesse convencido de que você não compartilha desta opinião ___ eu não lhe teria submetido esta dificuldade e nem teria pensado em submetê-la.

Mas sabemos sua doutrina sobre este ponto. Sabemos que ela é conforme à doutrina tão solidamente estabelecida da fé católica. Ao refutar as afirmações inconsideradas de Joviniano, você invocou este testemunho de Jó: “Ninguém é puro aos seus o-

lhos, nem mesmo uma criança, cuja vida na terra dura apenas um dia"[136].

Depois, você acrescentou: "Temos a mesma culpa que Adão prevaricador".

Em seu Comentário ao Livro do Profeta Jonas, você trouxe este ponto à luz plena. Foi com justa razão, você diz lá, que as crianças foram admitidas ao jejum: por causa da culpa original[137].

Você nos explicará então facilmente como a alma contraiu essa culpa que torna a graça do sacramento do batismo tão necessária às crianças, mesmo na mais tenra idade.

07

Em um tratado que escrevi há alguns anos sobre O Livre Arbítrio, tratado que foi muito difundido depois e que agora está em numerosas mãos, eu examinei quatro opiniões sobre a união da alma com o corpo humano.

Todas as almas nascem da alma dada ao primeiro ser humano ou, a cada corpo humano é dada uma alma de criação nova? Essas almas existiam em outro lugar anteriormente? Elas são

[136] Cf. Jó 14: 4. *Quem pode ser livre da impureza? Ninguém! Mesmo que sua vida na terra seja apenas de um dia.*
[137] Cf. Romanos 5: 14. *Desde Adão até Moisés reinou a morte, mesmo sobre aqueles que não pecaram à imitação da transgressão de Adão.*

unidas ao corpo pela vontade expressa de Deus ou elas se unem a ele por um impulso próprio?

Ora, eu tratei esta questão de uma maneira tal que, onde quer que se encontrasse a verdade, nada resultava favorável à luta que então travava, com todas as minhas forças, contra os sectários que opõem a Deus um princípio fonte e autor do mal. Quero dizer, contra os maniqueístas.

Eu não tinha ainda ouvido falar dos priscilianistas, cujos erros se aproximam muito desta doutrina ímpia. Foi por isto que não mencionei a quinta opinião, que você acrescentou às outras, para não omitir nenhuma delas, no tratado que você escreveu em resposta à questão que dirigiu a Marcelino, homem de santa memória e que nos é caríssimo em Cristo, ou seja, que a alma não é uma porção da divindade.

Primeiramente, essa questão tratou da natureza da alma e não de sua encarnação. Além disto, esta opinião era a dos sectários que eu combatia, com vista a desligar a natureza santíssima e imutável do Criador de toda solidariedade com os vícios e as impurezas da criatura.

Eles, pelo contrário, afirmam que o mal ao qual eles atribuem um princípio e uma sobrevivência próprios corrompe e altera a porção do princípio bom que forma a criatura e a arrasta, necessariamente, ao pecado.

Colocando de lado esta opinião herética e errônea, eu gostaria de saber qual das outras opiniões merece a preferência. Seja qual for, longe de mim a ideia de abalar o ponto da fé do qual estamos seguros: que a alma de toda pessoa, mesmo da criança mais tenra, precisou ser libertada da escravidão do pecado e que ela só pode ser libertada dela por Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado.

08

Para ir direto ao ponto, você certamente é da opinião de que Deus cria as almas, mesmo agora, na medida em que vem uma pessoa ao mundo. Indo à frente da opinião de que Deus colocou um selo em sua obra criadora no sexto dia e repousou no sétimo, você retira do Evangelho este testemunho: *Meu Pai continua agindo até agora*[138].

E você o citou em sua carta a Marcelino. Nessa carta, você condescendeu fazer a menção mais benevolente sobre mim. Era fácil para ele ter, na África, a solução de todas estas questões, pois lá estava Agostinho, você disse.

[138] João 5: 17.

Se eu pudesse tê-la dado a ele, ele não a teria perguntado a você, afastado de você como ele estava. Se é que, todavia, ele lhe escreveu da África.

De fato, ignoro em que época ele lhe enviou essa carta. O que sei é que ele estava focado em minhas dúvidas sobre este tema. Foi por isto que ele quis lhe escrever sem meu conhecimento.

Se ele me tivesse consultado, eu teria estado, no entanto, muito envolvido e lhe teria agradecido pelo serviço que prestava a todos nós, a menos que você não se contentasse com um curto bilhete, invés de uma resposta real.

Com isto, você estaria se propondo evitar um trabalho supérfluo, estando eu mesmo à disposição e conhecendo a fundo ___ ao menos em sua crença ___ a matéria sobre a qual ele o consultava.

De bom grado, essa opinião seria a minha. Mas não há ainda motivo suficiente para que ela o seja.

09

Você me enviou discípulos para que eu lhes ensine o que eu ainda não aprendi. Instrua-me, para que eu instrua em seguida.

Muitos me pedem para instruí-los sobre esses temas e eu devo lhes confessar que ignoro essas coisas e muitas outras ainda.

Sem dúvida que eles não me provocam esta confusão diretamente. Mas eles pensam: *És doutor em Israel e ignoras estas coisas!...*[139]

Esta resposta, o Senhor deu a um daqueles que tinham orgulho em serem chamados de "rabi". Ele fora *de noite* se encontrar com o Mestre Verdadeiro[140] e talvez tenha feito isto porque lhe custava aprender. Ele que, comumente, ensinava.

Quanto a mim, me é mais doce ouvir as palavras de um mestre do que eu mesmo falar na qualidade de um deles.

Eu me lembro do que Cristo disse àqueles que ele tinha escolhido entre seus discípulos: "Não *vos façais chamar de mestres (rabis), porque só tendes um Mestre: o Cristo*[141]".

Foi ele, de fato e não outro, que instruiu Moisés, mesmo através da boca de Jetro. Foi ele que instruiu Cornélio pela boca de Pedro, o predecessor de Cornélio na fé. Foi ele que instruiu Pedro pela boca de Paulo, que só abriu os olhos depois do príncipe dos Apóstolos.

Seja qual for aquele que ensina a verdade, ele só ensina graças Àquele que é a própria Verdade. Se então ignoramos ainda essas coisas, se não chegamos ainda a apreendê-las através da

[139] João 3: 10.
[140] Cf. João 3: 1 e 2. Cf. Santo Agostinho. *O Mestre*.
[141] Mateus 23: 8 e 10.

prece, nem pelas leituras, nem pela reflexão e o raciocínio, devemos julgar, com isto, não apenas o amor com que convém que ensinemos os ignorantes, mas também a humildade com a qual convém que nos deixemos nos instruir pelos doutores.

10

Ensine-me então, eu lhe peço, o que eu devo ensinar em seguida. Ensine-me uma doutrina certa e, supondo que as almas sejam criadas sucessivamente a cada nascimento humano, diga-me como, nas crianças, elas contraem a impureza que faz com que elas precisem dos sacramentos de Cristo.

Elas pecaram em Adão, de quem receberam a carne pecadora ou, se elas não pecaram, através de que justiça do Criador elas se tornaram solidárias com a falta alheia, a ponto de incorrerem na condenação por estarem unidas a corpos originários dessa descendência, a menos que a Igreja vá em socorro delas, pois não depende delas se aplicarem a graça do batismo?

É preciso então considerar como justamente condenadas os milhares de almas que deixam seus corpos infantis sem o benefício do sacramento do cristão?

Tiradas do nada pelo Criador e unidas recentemente pela vontade dele, sem nenhuma falta anterior da parte delas, aos corpos recém-nascidos que elas devem animar, Deus sabia muito

bem que elas deixariam este mundo sem terem recebido o batismo de Cristo e sem que elas fossem privadas dele por culpa delas.

Como não poderíamos pensar que Deus obriga as almas ao pecado e que ele pune almas inocentes? Como, por outro lado, não poderíamos, sem incorrer em impiedade, negar que as almas, mesmo as das crianças, que saem deste mundo sem a graça do sacramento, têm a condenação como partilha, mostre-me, eu lhe peço, como defender a opinião que considera as almas, não como recebendo sua origem da alma do primeiro ser humano, mas como criadas para cada indivíduo.

11

Quanto às demais dificuldades levantadas contra esta opinião, creio poder superá-las facilmente.

Assim, por exemplo, há a objeção tirada do repouso do Senhor no sétimo dia. Se o Senhor pôs fim a todas as suas obras no sexto dia[142], como ele ainda cria outras almas?

À resposta que você apresenta na carta citada acima e que você retirou do Evangelho ___ *Meu Pai continua agindo até agora*[143] ___, eles replicam dizendo que Deus não age ao criar novas substâncias, mas ao governar aquelas que ele já havia criado. Não

[142] Cf. Gênesis 2: 2.
[143] João 5: 17.

fosse assim, o Evangelho contradiria o Livro do Gênesis, onde lemos da maneira mais clara que Deus pôs fim a todas as suas obras.

Se lá está escrito que Deus *descansou*, é preciso entender este descanso como sendo de toda criação nova e não do governo do mundo. Então, Deus acabara de criar seres que não existiam e foi a esta ação criadora que sucedeu o descanso. Ele pôs fim à criação de todos os seres que ele tinha resolvido, antes que eles existissem, chamar à existência e dos quais, depois, sairiam todos aqueles que ele se proporia produzir.

Não se trata mais então de uma criação propriamente dita e assim se concilia a verdade destas palavras da Escritura: *Tendo Deus terminado, no sétimo dia, a obra que tinha feito, descansou do seu trabalho*[144], com estas: *Meu Pai continua agindo até agora*, pois o Evangelho não pode estar em contradição com o Evangelho.

12

Os defensores desta explicação a apresentam para mostrar que Deus não cria novas almas, como ele criou a do primeiro ser

[144] Gênesis 2: 2.

humano e que ele as tira dessa alma única, como de uma fonte ou de um tesouro que ele teria uma vez criado.

Mas é fácil lhes responder que Deus, em seis dias, tirou elementos já criados em outros seres. Por exemplo: das águas, ele tirou os peixes e os pássaros; da terra, ele tirou as árvores, a relva e os animais.

Ora, é evidente que ele deu, nestes diversos casos, a existência, a seres que não a tinham de nenhuma maneira. Não havia, anteriormente, nenhum pássaro, nenhum peixe, nenhum astro, nenhum quadrúpede.

Ao lermos que *Deus descansou do seu trabalho*, temos razão em entender que ele deixou de produzir seres que antes não existiam e que ele não mais criou novos. Mas afirmar, como fazem, não que ele colocou as almas em uma espécie de tesouro, não que ele as produz como porções de sua substância, não que elas recebem a origem delas da alma única do primeiro ser humano, não que elas expiem, nessa prisão do corpo, crimes cometidos antes da existência desse corpo, mas que Deus cria as almas na medida em que nascem os indivíduos, isto não é ensinar que Deus faz uma coisa que ele não fez precedentemente.

No sexto dia, *Deus criou o ser humano à sua imagem*[145], o que explica a criação da alma racional. Isto, ele ainda faz agora. Não ao estabelecer o que não existia, mas ao multiplicar o que existe.

Por consequência, é verdadeiro dizer que ele deixou de estabelecer novas ordens de coisas. É igualmente verdadeiro acrescentar que ele *continua agindo até agora*. Não ao governar o que ele já estabeleceu, mas ao multiplicar as espécies já criadas.

Desta maneira ou de uma maneira análoga, refutamos a objeção tirada do descanso do sétimo dia e salvaguardamos a opinião segundo a qual acreditamos que são produzidas, mesmo no presente, almas recentemente criadas, como foi a de Adão, sem que a origem delas seja tirada desta.

13

Também se questiona: "Por que Deus cria almas de crianças que ele sabe que devem morrer logo?"

A isto podemos responder que Deus convence ou pune assim os pais por seus pecados.

Mas podemos, com não menos razão, deixar essas coisas com a sabedoria Daquele que, sabemos, dirige, com uma ordem e

[145] Gênesis 2: 27.

uma harmonia admiráveis, o curso de todas as coisas temporais e, por consequência, o nascimento dos seres animados, assim como a morte deles. Não podemos penetrar esses segredos e se os penetrássemos, inefáveis alegrias seriam a nossa partilha.

Não foi sem motivo que o Profeta, a quem a inspiração ensinou coisas, disse de Deus, que ele “dirige com harmonia a marcha dos séculos”.

Assim, a música, que é a ciência ou a arte das modulações harmoniosas, é um dom da generosidade de Deus aos mortais que possuem almas racionais, com vistas a lembrá-los de importantes verdades. Se o compositor de uma peça de canto sabe muito bem de que maneira devem ser moduladas as vozes, para que o conjunto e a sucessão rápida dos sons produzam o efeito harmonioso que ele espera dela, quanto mais o Senhor, cuja sabedoria com a qual ele fez tudo o que existe está infinitamente acima de todas as artes, regulou os intervalos de tempo que separam os nascimentos e a morte dos seres animados, sílabas e palavras que compõem o mundo, de maneira a não seguirem mais rápida ou mais lentamente do que pede o efeito harmonioso que deve produzir o maravilhoso concerto deste mundo perecível.

Eu poderia lhe falar dos *passarinhos* e dos *fios de cabelo* das nossas cabeças[146]. Com muito mais razão, isto é verdadeiro sobre o nascimento e a morte do ser humano, cuja vida, mais ou menos longa, está contida nos limites exatos que Deus, o ordenador supremo, sabe estar conformes com o que reclama a harmonia universal.

14

Dizem também que o que teve seu início no tempo não pode ser imortal. O que nasce morre, o que cresce declina e, por consequência, precisamos acreditar que, se a alma humana é imortal, é porque ela foi criada antes de todos os tempos.

Esta objeção não perturba também nossa fé. Limitando-me a esta resposta, não é verdade que a carne de Cristo teve seu início no tempo, mesmo que ela seja imortal e que a morte não deve mais ter domínio sobre ela?

[146] Cf. Mateus 10: 29 e 30 e Lucas 12: 6 e 7. *Não se vendem dois passarinhos por um asse? No entanto, nenhum cai por terra sem a vontade de vosso Pai. Até os fios de cabelo da vossa cabeça estão todos contados.*

15

Há outra dificuldade que atribuem a você. Em seu livro contra Rufino[147], parece, a certas mentes, indigno de Deus, dar almas às crianças nascidas de relações adúlteras. É por isto que eles se esforçam para atribuir aos méritos de uma existência anterior o decreto que atribui, a certas almas, este mundo, como uma espécie de prisão.

Esta dificuldade que eles levantam contra a opinião que defendemos me incomoda e me parece fácil resolvê-la de muitas maneiras. Você mesmo respondeu que, quando o cultivador semeia o trigo que ele roubou, a origem desse trigo não contamina o próprio trigo, mas aquele que o roubou e, porque o semeador o semeou com uma mão criminosa, isto não significa que a terra não deva germiná-lo em seu seio.

Antes de ter diante dos olhos esta comparação tão elegante, eu não sentia nenhum embaraço com relação à objeção que a provocou. Bastava-me a consideração geral de que Deus muitas vezes utiliza nossas iniquidades e nossas desordens para a execução de seus propósitos gerais.

Aos olhos de todo aquele que refletir sobre isto com senso e devoção, a criação de um ser vivo propicia ao Criador uma inefá-

[147] Livro III, último capítulo.

vel glória. O quanto mais não será assim com a criação de um ser humano?

Se for perguntado qual é o motivo que determina Deus a criá-lo, a melhor e mais pronta resposta que se possa dar é a de que toda criatura de Deus é, somente por isto, boa.

Ora, o que há de mais digno de um Deus bom do que produzir seres igualmente bons e que nenhum ser, exceto Deus, poderia produzir?

16

Estas respostas e outras semelhantes, eu as apresento como sou capaz, aos adversários da opinião segundo a qual todo nascimento novo levaria à criação de uma alma nova.

Mas, quando é preciso chegar às penas infligidas às crianças, eu sinto, acredite em mim, terríveis embaraços e não encontro uma resposta satisfatória. Eu não falo apenas das penas que levam, após esta vida, à danação, que é inevitável àqueles que deixam este mundo sem a graça de Cristo, mas também às penas que são sofridas diante dos nossos olhos e já nesta vida.

Eu não vou enumerá-las, pois seria o tempo e não a matéria que me faltaria.

De fato, vemos esses pequenos seres sofrerem com a opressão das doenças, dilacerados pela dor, atormentados pela fome e

a sede, enfraquecidos em seus membros, privados dos sentidos, torturados pelos espíritos impuros. Seria preciso demonstrar que essas penas lhes foram justamente impostas, embora eles não tenham feito nada para merecê-las.

Não se pode dizer que essas coisas acontecem independes da vontade do Senhor, nem que ele seja incapaz de impedi-las ou que ele as permite e as ordene contra toda justiça. Dizemos, com fundamento, que os animais privados da razão foram colocados sob o domínio de seres superiores em dignidade, mesmo que maus e o Evangelho nos mostra porcos entregues às vontades de demônios[148].

Ora, devemos concluir disto o mesmo com relação aos seres humanos? Eles são animais racionais, embora mortais. Há uma alma racional nesses membros submetidos a tantas dores e tormentos.

Deus é bom, é justo e é misericordioso e duvidar disto seria uma insanidade.

Que nos digam então a justa causa dessas provações tão dolorosas que sofrem as criancinhas. Quando são adultos que as suportam, temos o costume de responder que é Deus quem prova

[148] Cf. Mateus 8: 29-31.

as virtudes deles, como ele fez com Jó ou que ele pune seus crimes, como ele fez com Herodes.

Estes exemplos, sobre os quais o Senhor não deixou planar nenhuma dúvida, nos permitem compreender os casos do mesmo gênero, mas somente com relação aos adultos. Mas com relação às crianças, o que responder, eu lhe pergunto, se, diante de tão grandes sofrimentos, não encontramos nelas nenhum pecado a punir e, certamente, nessa idade, não é preciso procurar, nas crianças, faltas dignas de castigos.

17

O que direi sobre a diversidade das inteligências, para não dizer da insensibilidade delas. Velada nas crianças, embora contemporânea ao nascimento delas, ela se mostra quando elas cresceram, embora algumas sejam pesadas e obtusas, a ponto de não aprenderem os primeiros elementos da gramática. Outras são tão tolas que mal diferem dos animais. Daí o título de idiotas[149] que é dado a elas.

Responderão: “São os temperamentos delas a causa disto”.

Mas, será verdade que, de acordo com a opinião à qual nos opomos, a alma escolheu seu corpo e se enganou nessa escolha?

[149] *Moriones*: De *μωρός* (*morós*), idiota, monstro (Gaffiot).

Ou então, obrigada a escolher um, por causa do momento do nascimento, com a multidão das almas tendo se apoderado dos outros corpos, ela não encontrou nada melhor e teve que se contentar, como em um espetáculo, não com o que ela desejou, mas com o que lhe coube?

É permitido dizer essas coisas e devemos adotar tais opiniões?

Diga-nos então o que convém dizer, o que convém pensar, para que possamos ter clareza sobre a origem das almas e suas relações com os corpos aos quais foram unidas.

18

Eu já disse algumas palavras, não sobre a diversidade das inteligências, mas sobre as provações das crianças nesta vida, em meu tratado sobre O Livre Arbítrio. Eu lhe confesso, no entanto, que não encontro uma solução satisfatória para as dificuldades que me ocupam neste momento. Permita-me colocar diante dos seus olhos a passagem do terceiro livro, ao qual fiz alusão.

Há uma objeção mais forte e que parece mais simpática. As pessoas frequentemente se questionam sobre os tormentos físicos que afligem crianças que, por causa de sua idade, não pecaram (presumindo que as almas que animam seus corpos

não existiram antes das próprias crianças). "Que mal elas fizeram para merecerem tal sofrimento?"

Como se existisse mérito na inocência de alguém que ainda não pode fazer qualquer mal! Já que Deus atinge o bem corrigindo os adultos através do sofrimento e a morte das crianças que lhes são queridas, por que não poderiam essas coisas acontecerem? Uma vez que o sofrimento tenha passado, será para as crianças como se elas nunca tivessem sofrido. E, como para os adultos, por cuja culpa elas sofrem, elas serão melhores, tendo aprendido com as adversidades temporais a escolher uma vida correta e não terão desculpas para evitar sua punição no julgamento que virá, já que se recusaram a deixar a angústia desta vida para direcionarem seu desejo para a vida eterna.

Quem sabe o que está reservado para essas crianças, cujo sofrimento derrete os corações duros de seus pais, fortalece sua fé e testa sua misericórdia?

Quem sabe que recompensa Deus preparou para elas nas profundezas ocultas de seus julgamentos? Pois, embora seja verdade que elas nunca agiram justamente, elas sofreram sem pecar. Não é sem razão que a Igreja celebra como mártires as

crianças que foram mortas quando Herodes pediu a vida do Senhor Jesus Cristo[150].

19

Isto foi o que eu escrevi então, para defender a opinião que tratamos hoje. Como eu mencionei há pouco, seja qual for aquela das quatro opiniões controversas que mencionei sobre a encarnação da alma que deva ser preferida, o que eu me propus, acima de tudo, foi salvaguardar a natureza divina e mostrar que não há nada em comum entre sua santidade e os nossos pecados.

Consequentemente, minha intenção então não chegou ao ponto de me preocupar com aquelas opiniões que a verdade poderia me obrigar a repudiar, porque, todas as coisas bem ponderadas e seriamente examinadas, qualquer que fosse a que prevalecesse sobre as outras, eu não fui, de forma alguma, afetado, pois a tese que mais me interessava foi colocada fora de qualquer discussão.

Agora, pelo contrário, eu gostaria, se fosse possível, de escolher, entre as opiniões, aquela que é a mais racional e é por isto que, na citação que acabei de fazer, eu não encontro, ao examinar

[150] Livro III, cap. XXIII, § 68.

com cuidado, nenhuma razão demonstrativa em favor da opinião que tentamos estabelecer.

20

Há muita coisa favorável a esta opinião nas seguintes palavras: *Quem sabe o que está reservado para essas crianças, cujo sofrimento derrete os corações duros de seus pais, fortalece sua fé e testa sua misericórdia?*

Estas palavras me parecem muito justamente aplicáveis às crianças que sofreram, sem terem consciência, pelo nome de Cristo e por sua religião ou então àqueles que receberam o sacramento do Senhor e que entraram na sociedade do Mediador que é o único que pode nos livrar da danação. Compreende-se que Deus possa reservar uma recompensa desta natureza a essas crianças, em troca dos sofrimentos que elas suportaram neste mundo.

Por outro lado, a questão levantada só será completamente resolvida com a condição de se dizer qual recompensa está reservada às crianças que, depois de terem sofrido horrivelmente, morrem sem terem sido colocadas, pelo sacramento, na sociedade de Cristo e estão, assim, sob o golpe da danação.

A propósito do batismo das crianças, eu dei, na mesma obra, uma resposta, senão completa, ao menos tal como reclamava

o objetivo proposto, ou seja, que o batismo produz todos os seus efeitos mesmo em crianças que não têm conhecimento e que ignoram a fé delas. Mas eu não pensei em falar da danação das crianças que saem deste mundo sem terem recebido o batismo, porque a questão então tratada era diferente da questão que nos ocupa agora.

21

Podemos muito bem insistir nos sofrimentos que passam rapidamente e que, uma vez passados, não voltam mais. Podemos muito bem não atribuir importância a eles. Mas podemos tratar da mesma forma o que diz a Escritura: *Por um homem veio a morte, por um homem vem a ressurreição dos mortos. Assim como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos reviverão*[151]?

Ressalta claramente destas apostólicas e divinas palavras que ninguém vai à morte se não for através de Adão e que ninguém também vai à vida eterna se não for através de Cristo. A repetição da palavra *todos* prova isto claramente.

Assim como todas as pessoas estão ligadas a Adão pelo primeiro nascimento, ou seja, pela geração carnal, da mesma forma,

[151] I Coríntios 15: 21 e 22.

todos aqueles que pertencem a Cristo devem a ele o segundo nascimento, ou seja, a geração espiritual.

O Apóstolo fala de *todos* em ambos os casos. *Todos* os que morrem, só morrem por causa de Adão. *Todos* os que chegarão à vida, só chegarão a ela através de Cristo.

Por causa disto, todo aquele que nos disser que é possível ser vivificado no dia da ressurreição de outra maneira que não seja através de Cristo, nós o veremos como um flagelo da nossa fé comum. Da mesma forma, todo aquele que disser que as crianças que saem deste mundo sem terem recebido a graça do sacramento serão vivificadas em Cristo, este contradiz abertamente as palavras do Apóstolo e condena a Igreja inteira, onde se apressa em apresentar ao batismo as criancinhas, porque se acredita muito firmemente que elas não podem, absolutamente, receber a vida de Cristo por outro meio.

Ora, aquele que não é vivificado em Cristo, permanece na condenação de que fala o Apóstolo: *Pelo pecado de um só a condenação se estendeu a todo o gênero humano*[152].

Que as crianças estejam contaminadas por este pecado, a Igreja inteira professa e você mesmo, em sua controvérsia com Joviniano e em seu Comentário ao Livro do Profeta Jonas, como

[152] Romanos 5: 18.

eu disse antes, estabeleceu muito exatamente e muito verdadeiramente. Você também o fez, me parece, em várias passagens de suas obras que eu pude ler ou de que, atualmente, eu me lembro.

É dessa condenação à qual estão submetidas as criancinhas que eu procuro agora a razão. Se é verdade que as almas nascem em proporção aos nascimentos, eu não vejo nelas, nessa idade, nenhum pecado e, por outro lado, eu não creio que Deus condene uma alma na qual ele não vê pecado de nenhum tipo.

22

Talvez se diga que não há, na criança, outra razão para o pecado além da própria carne, que, se uma alma recentemente criada está unida a ela, é para que, ao se conformar aos mandamentos divinos e ajudada pela graça de Cristo, ela possa domar a carne, subjugá-la e adquirir o mérito de uma vida pura.

Mas a alma na criança só pode conseguir isto com a condição de ter recebido o sacramento de Cristo. É à graça deste sacramento que a carne deve a pureza que a criança ainda é incapaz de adquirir com seus próprios costumes.

Se a alma da criança deixa este mundo sem ter recebido este sacramento, ela estará na vida eterna, já que nenhum pecado pôde separá-la dela e a carne será a única a não ressuscitar em Cristo, por não ter recebido seu sacramento antes de morrer?

23

Eu jamais ouvi ser formulada e jamais ouvi ser expressa esta opinião. O que eu ouvi, o que eu acredito e o que eu proclamo de bom grado é que, quando chegar *a hora em que todos os que se acham nos sepulcros sairão deles ao som de sua voz, os que praticaram o bem irão para a ressurreição da vida e aqueles que praticaram o mal ressuscitarão para serem julgados*[153].

Sobre esta ressurreição, é dito: *Por um homem vem a ressurreição dos mortos*[154].

No dia dessa ressurreição, aqueles que ressuscitarão, é *em Cristo* que *reviverão*[155]. E, pelo contrário, *aqueles que praticaram o mal ressuscitarão para serem julgados*.

O que é que se aplica, nesta passagem, às crianças mortas sem o batismo, antes de terem podido fazer qualquer mal ou qualquer bem?

Não se trata delas aqui de nenhuma maneira. Se a carne delas não deve ressuscitar, porque elas não fizeram nenhum bem e nenhum mal, as crianças que, depois de terem recebido a graça do batismo, morreram na idade em que não se é capaz de praticar o mal e nem o bem, não ressuscitarão também.

[153] João 5: 28 e 29.
[154] 1 Coríntios 15: 21.
[155] I Coríntios 15: 22.

Mas, se elas devem, no entanto, ressuscitar entre os santos, ou seja, entre aqueles que praticaram o bem, entre quem ressuscitarão as outras, senão entre aqueles que praticaram o mal?

A não ser que algumas almas não devem recuperar seus corpos por nenhuma dessas ressurreições: nem pela da vida e nem por aquela do julgamento.

Ora, há nesta opinião, colocando qualquer refutação à parte, uma novidade que desagrada.

Quem concordaria então que os pais se apressassem em batizar seus filhos acreditando que recorrem ao batismo por causa de seus corpos e não de suas almas?

O bem-aventurado Cipriano não inventou um decreto novo. Ele afirmou a fé que sempre foi acreditada na Igreja, quando ele disse ___ em resposta àqueles que afirmavam que não se devia batizar as crianças antes do oitavo dia depois do nascimento ___ que isto não era evitar a perda de seus corpos, mas de suas almas. Ele era da opinião, como muitos dos seus irmãos no episcopado, que se podia licitamente dar o batismo a uma criança logo após seu nascimento.

24

Além disto, é livre a cada um pensar o que quiser sobre esta opinião de São Cipriano, em que este grande homem pôde ver as

coisas de maneira diferente do que pareciam. Mas que ninguém altere a doutrina bem clara dos Apóstolos, segundo a qual o pecado de um só causou a condenação a nós *todos*, condenação da qual somos libertados pela graça de Deus, que Jesus Cristo nos fez merecer e em somente em quem são vivificados todos aqueles que são vivificados. Que ninguém toque neste artigo fundamental da fé da Igreja, pois, se as crianças fossem apresentadas ao batismo com vistas aos corpos delas, também se poderia, justamente, apresentar a ele os cadáveres.

25

Sendo assim, resta então procurar e encontrar por que razão as almas criadas por ocasião dos nascimentos que acontecem são condenadas, se a morte atingir as crianças a quem elas pertencem antes que elas tenham recebido o sacramento de Cristo.

Que elas sejam condenadas, nos casos em que elas se separam assim dos corpos, as Santas Escrituras e a Igreja o declaram. Se esta opinião da criação sucessiva das almas não fere este artigo fundamental da nossa fé, eu a adoto de bom grado, mas se ela o fere, evite admiti-la.

26

E que não venham me dizer que é preciso ver uma confirmação desta opinião nas seguintes passagens das Escrituras: *Oráculo do Senhor que formou o espírito que o ser humano tem dentro de si*[156] e: *Ele formou o coração de cada um*[157].

São necessários testemunhos irrepreensíveis, razões invencíveis que não o obriguem a ver, na sentença do Senhor, uma condenação que se aplica às almas que não cometeram nenhuma falta.

Ou então, formar diz tanto quanto criar ou diz menos.

No entanto, está escrito: *Ó meu Deus, criai em mim um coração puro!*[158] Seguramente, isto não significa que a alma, nesta passagem, deseja ser criada antes que ela existisse em algum grau.

Da mesma forma então que, já existindo, ela recebe, com a justiça que a renova, um tipo de criação, assim também, ela recebe, mesmo já existindo, uma forma nova, com a doutrina do Senhor.

Nem esta outra passagem, tirada do Livro do Eclesiastes: *Antes que a poeira retorne à terra para se tornar o que era e*

[156] Zacarias 12: 1.
[157] Salmo 032: 015.
[158] Salmo 050: 012.

antes que o espírito retorne a Deus, que o deu[159], confirma a opinião que queremos rejeitar. Ela favorece mais a opinião segundo a qual todas as almas descendem de uma única alma.

A poeira, observam os defensores desta opinião, retorna *à terra para se tornar o que era*. No entanto, a carne, que é tratada nesta passagem, não retorna à pessoa que lhe deu a existência. Ela retorna *à terra* da qual a primeira pessoa saiu. Da mesma forma, *o espírito* que veio do espírito da primeira pessoa não retorna a Adão, mas *a Deus*, que dotou a primeira pessoa com este *espírito*.

Todavia, esta passagem, embora pareça favorecer os nossos adversários, não o faz de forma tão absoluta que prejudique, sob todos os pontos de vista, a opinião que eu preferiria defender.

Eu aconselho sua sabedoria a não recorrer a estes testemunhos para dissipar minhas dificuldades.

Por mais que desejemos que uma coisa seja verdadeira, o desejo não a torna verdadeira se ela não o for. No que me diz respeito, se fosse possível, gostaria que esta opinião fosse a verdadeira, tal como gostaria que a defendesse com clareza e força invencível, se é que se trata de uma opinião.

[159] Eclesiastes 12: 7.

27

Além disto, a opinião que supõe as almas preexistentes e criadas na origem das coisas, para serem enviadas, mais tarde, aos corpos mortais, não escapa desta dificuldade. Aos partidários desta opinião deve ser encaminhada a seguinte questão: "Com as almas chegando, por obediência e sem impureza, aonde Deus as envia, como acontece de elas serem punidas, se elas saírem deste mundo e do corpo das criancinhas sem terem recebido o batismo?"

Assim, a mesma dificuldade surge em ambas as opiniões. Aqueles que se livram dela mais facilmente são aqueles que afirmam que as almas só são unidas aos corpos em consequência do que elas mereceram em uma vida anterior. Para eles, morrer em Adão é sofrer um castigo na carne nascida de Adão, do qual, acrescentam, a graça de Cristo liberta os pequenos e os grandes.

É muito verdadeiro, muito justo e excelente dizer que a graça de Cristo liberta do pecado tanto os pequenos como os grandes. Mas que as almas tenham pecado em uma vida anterior e que, por punição, elas são precipitadas em prisões de carne, nisto eu não acredito, isto eu não aceito, isto eu não admito de nenhuma maneira.

Em primeiro lugar, os defensores desta opinião imaginam não sei que desvios inextricáveis. É só depois de não sei quantos

séculos que as almas chegam a esta massa de carne que elas devem animar por punição às suas faltas. Esta é uma explicação que repugna além de todos os limites.

Depois, se esta opinião for fundamentada, não haverá justo por quem não se tema, depois desta vida, que peque mesmo junto a Abraão e que não seja precipitado nas chamas, que foram a partilha do rico mau[160]. Se se pode pecar antes desta existência corpórea, por que não se poderia depois dela?

Por fim, uma coisa é ter pecado em Adão, pois foi nele, como diz o Apóstolo, que *todos pecaram*[161]. E outra coisa é ter pecado fora de Adão, em não se sabe onde, em punição do qual se seria fechado em uma carne saída de Adão, como em um calabouço.

Quanto à opinião que faz derivar todas as almas de uma só, eu só a discutirei se for necessária. Queira Deus que você defenda aquela que nos interessa, supondo que ela expressa a verdade e de uma maneira tal que qualquer discussão posterior se torna supérflua!

[160] Cf. Lucas 16: 19-31.
[161] Romanos 5: 12.

28

Seguramente, eu desejo, eu anseio ardentemente e, com todo o coração, eu peço com súplicas, ansiando que o Senhor se sirva de você para dissipar minha ignorância sobre esta matéria.

Contudo, se eu for indigno disto __ Deus me livre! __ eu conjurarei o Senhor nosso Deus para me conceder a paciência.

Nossa fé nele é tal que, se ele recusar nos abrir a porta na qual batemos, não devemos murmurar contra ele.

Eu me lembro das palavras que ele dirigiu aos Apóstolos: *Muitas coisas ainda tenho a vos dizer, mas não as podeis suportar agora*[162].

Talvez aconteça o mesmo com a questão presente, no que me diz respeito. Não vou me deixar levar pela minha indignidade neste assunto, por medo de me tornar ainda mais indigno ao fazê-lo.

Há muitas questões semelhantes que eu não poderia indicar ou enumerar e, sobre as quais, minha ignorância é também completa. Eu me resignaria sem esforço com a ignorância sobre a presente questão, se eu não temesse que, em favor de uma destas opiniões, se infiltrasse, em minha mente muito confiante, erros que atacam alguns dos artigos da nossa fé.

[162] João 16: 12.

Antes de conhecer aquela que merece a preferência, o que eu não hesito em declarar ousadamente, é que a opinião verdadeira não tem nada de contrário ao ponto sólido e inatacável da doutrina da Igreja de Cristo. Doutrina segundo a qual, as próprias crianças, seja em que idade for, não são livres da danação e só podem ser livres dela pela graça do nome de Cristo. Graça que nos é concedida através de seus sacramentos.

Carta 131 (167) – De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 415.

Tratado sobre uma passagem da Epístola de São Tiago.

Santo Agostinho consulta São Jerônimo sobre a seguinte passagem da Epístola de São Tiago: "Quem guardar os preceitos da Lei, mas faltar em um só ponto, se tornará culpado de toda ela"[163]*. Com este propósito, ele se estende sobre vários pontos da doutrina dos estoicos, que afirmavam que todos os pecados eram iguais, que possuir uma virtude era possuir todas e que deixar de possuir uma só delas era não possuir nenhuma.*

[163] Tiago 2: 10.

01

Quando eu lhe escrevi, venerável irmão Jerônimo, para lhe perguntar, supondo que Deus cria as almas das pessoas na medida em que elas vêm ao mundo, como essas almas contraem a mancha do pecado, mancha que somente a graça de Cristo pode apagar, mesmo nas crianças recém-nascidas, sendo a matéria suficientemente considerável propriamente, eu não quis sobrecarregá-la com outra questão.

Contudo, como não se pode negligenciar uma dificuldade excepcionalmente premente, eu lhe pedirei e lhe imploro em nome de Deus, que me dê uma explicação que não será, me parece, sem utilidade para um grande número de fiéis e, se você já a deu ou se ela foi dada por outro, eu lhe peço que no-la envie, para que saibamos em que sentido devem ser tomadas estas palavras da Epístola de São Tiago: *Quem guardar os preceitos da Lei, mas faltar em um só ponto, se tornará culpado de toda ela*.

Há aqui uma dificuldade tão grande e tão importante que eu sinto um vivo arrependimento por não tê-la lhe enviado há mais tempo.

02

De fato, aqui se trata da vida presente e dos meios de chegar à vida eterna e não de uma existência misteriosa, passada, sepul-

tada em um profundo esquecimento, como aquela que nos ocupou no tema da origem da alma.

Cita-se uma passagem bem espiritual que se aplica muito bem à questão presente.

Um indivíduo, tendo caído em um poço em que a água era tão profunda que, inicialmente, ele foi preservado da morte, mas em perigo de ser sufocado se ele abrisse a boca para falar, outro veio e, admirado por vê-lo naquela situação, lhe perguntou: “Como você caiu aí?” “Eu lhe imploro que se dedique em me tirar daqui e não em saber como eu cheguei aqui”, respondeu o primeiro.

Igualmente, professamos e sabemos, através da fé católica, que as almas das próprias criancinhas estão mergulhadas na impureza do pecado, como na água de um poço. Sabemos que elas devem ser libertadas pela graça de Cristo. É suficiente que conheçamos o meio de salvá-las e pouco importa que saibamos como elas chegaram a este estado.

Se eu lhe submeti esta questão, foi por medo de abraçar, sobre a origem da alma, uma opinião que, independente de nossa vontade, coloca em perigo a libertação dessas crianças, ao negar que elas estejam atingidas pelo pecado.

Com o ponto solidamente estabelecido de que as almas das crianças precisam ser libertadas da impureza do mal e que elas só

podem sê-lo pela graça de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo, conhecer a causa e a origem do próprio mal, se for possível, nos forneceria o meio de responder, de uma maneira mais decisiva e mais pronta, não aos argumentos sérios, mas às argúcias dos nossos frívolos contraditores.

Se isto não for possível, não é preciso que o mistério que plana sobre o princípio da nossa miséria prejudique a prática da misericórdia.

Em presença daqueles que estimam saber o que ignoram, temos a vantagem de saber que não ignoramos, sobre este ponto, a nossa ignorância. Uma coisa é a ignorância culposa e outra coisa é a ignorância do que é impossível ou inútil ou indiferente saber no que diz respeito à vida à qual aspiramos.

A dificuldade que eu lhe submeto, a propósito de uma passagem da Epístola de São Tiago, interessa à vida presente e os esforços que fazemos para merecermos, agradando ao Senhor, viver para sempre.

03

Como então, eu lhe pergunto, é preciso entender estas palavras: *Quem guardar os preceitos da Lei, mas faltar em um só ponto, se tornará culpado de toda ela*?

É porque o autor de um roubo ou mesmo a pessoa que diz a um rico: “Sente-se aqui” e a um pobre: “Fique de pé lá”, são culpados também de um homicídio, de um adultério ou de um sacrilégio?

Ou então, o que o Apóstolo disse sobre o rico e o pobre está fora da lista de ações em que uma só nos faz culpados como se tivéssemos cometido todas as outras?

Mas é preciso ver a origem desta frase, as passagens que levaram a ela e às quais ela está estreitamente ligada.

Disse o Apóstolo: *Meus irmãos, na vossa fé em nosso glorioso Senhor Jesus Cristo, guardai-vos de toda consideração de pessoas. Suponde que entre na vossa reunião uma pessoa com anel de ouro e ricos trajes e entre também um pobre com trajes gastos. Se atenderdes ao que está magnificamente trajado e lhe disserdes: “Senta-te aqui, neste lugar de honra” e disserdes ao pobre: “Fica ali de pé”, ou: “Senta-te aqui junto ao estrado dos meus pés”, não é verdade que fazeis distinção entre vós e que sois juízes de pensamentos iníquos? Ouvi, meus caríssimos irmãos: porventura, não escolheu Deus os pobres deste mundo para que fossem ricos na fé e herdeiros do Reino prometido por Deus aos que o amam? Mas vós desprezastes o pobre!*[164]

[164] Tiago 2: 1-6.

Desenvolvendo e aprofundando este pensamento, o Apóstolo prossegue, dizendo: *Não são, porventura, os ricos os que vos oprimem e vos arrastam aos tribunais? Não blasfemam eles o belo nome que trazeis? Se cumprirdes a lei régia da Escritura: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo"*[165]*, sem dúvida fazeis bem. Mas, se vos deixais levar por distinção de pessoas, cometeis uma falta e sereis condenados pela Lei como transgressores*[166].

Observe que ele qualifica, como *transgressores* da *Lei*, aqueles que dizem ao rico: *"Senta-te aqui, neste lugar de honra"* e ao pobre: *"Fica ali de pé"*.

E, para que eles não ficassem indiferentes à transgressão da Lei neste único ponto, o Apóstolo acrescentou: *Quem guardar os preceitos da Lei, mas faltar em um só ponto, se tornará culpado de toda ela*[167].

De fato, Aquele que disse: *Não cometerás adultério*[168] disse também: *Não matarás*[169]. Ora, se você não mata, mas comete adultério, você é transgressor da Lei.

---

[165] Levítico 19: 18.
[166] Tiago 2: 6-9.
[167] Tiago 2: 10.
[168] Êxodo 20: 14 e Deuteronômio 5: 18.
[169] Êxodo 20: 13 e Deuteronômio 5: 17.

Ele dissera, um pouco antes: *Sereis condenados pela Lei como transgressores*. Sendo as coisas assim, parece lógico, a menos que se estabeleça a necessidade de entendê-lo diferentemente, considerar a pessoa que diz ao rico: *"Senta-te aqui, neste lugar de honra"* e ao pobre: *"Fica ali de pé"*, recusando, assim, a este, a honra que ele propicia àquele, como culpado de idolatria, de blasfêmia, de adultério, de homicídio e, para dizer tudo em poucas palavras: de todos os tipos de crimes, pois, *quem guardar os preceitos da Lei, mas faltar em um só ponto, se tornará culpado de toda ela*.

04

E aquele que possui uma virtude possui todas elas e aquele em quem falta uma delas é desprovido de todas elas?

Se esta proposição é verdadeira, as palavras do Apóstolo também são. Mas eu quero expor somente o sentido destas palavras e não confirmá-la, pois ela tem, por ela mesma, aos meus olhos, uma autoridade incomparavelmente superior à de todos os filósofos.

Além disto, mesmo que esta doutrina seja verdadeira, no que diz respeito às virtudes e aos vícios, não se conclui, inevitavelmente, que todos os pecados sejam iguais.

Quanto à união inseparável das virtudes, se minhas lembranças são fiéis, ainda que eu me lembre bem fracamente, todos os filósofos, salvo erro da minha parte, a admitiram, da mesma forma como consideram essas virtudes como necessárias à vida.

Quanto à igualdade dos pecados, somente os estoicos ousaram sustentar, contrariamente às opiniões do gênero humano.

Você mostrou, com as Escrituras à mão e da maneira mais clara, a futilidade de tal afirmação, em sua controvérsia com Joviniano que, estoico sobre este ponto, empregou, para buscar e justificar as volúpias, um ardor digno de Epicuro[170].

Vê-se muito bem, neste tão memorável e tão consolador escrito, que jamais os escritores sagrados __ ou melhor, a própria Verdade falando através deles __ disseram algo de favorável a esta opinião da igualdade dos pecados.

Como então se pode professar a igualdade das virtudes e não se é obrigado a professar a igualdade de todos os pecados?

Este é um ponto que tentarei, com a ajuda de Deus, esclarecer, na medida das minhas forças. Se eu conseguir, você me dará sua aprovação e se eu ficar abaixo da minha tarefa, você fará a gentileza de compensá-la.

[170] Ver: São Jerônimo. *Contra Joviniano*. II.

05

O ponto de partida desta doutrina, que afirma que não se pode ter uma virtude sem tê-las todas e que aquele a quem falta uma virtude não possui nenhuma, é exatamente este: a prudência não pode ser covarde, nem intemperante e nem injusta. Se então a prudência existir em alguém, se ela deve ser realmente justa, realmente corajosa, realmente temperante, onde ela existir, ela terá por companheiras as outras virtudes.

Da mesma forma, a coragem não pode ser intemperante, nem injusta e nem imprudente. É preciso que a temperança também seja prudente, justa e corajosa. Assim também, não há justiça que não seja prudente, corajosa e temperante.

Então, onde se encontra verdadeiramente uma destas virtudes, as outras também estarão igualmente. Onde elas faltarem, a primeira não estará, na realidade, embora pareça estar.

06

Há, como você sabe, vícios abertamente contrários e opostos às virtudes. Por exemplo: a imprudência é oposta à prudência.

Há outras que, sendo opostas enquanto vícios, se aproximam de outras por uma semelhança enganosa. Assim é, para a prudência, não a imprudência, mas a astúcia.

Eu falo aqui da astúcia que caracteriza as más pessoas e que só se aplica a elas. Eu não falo da esperteza muitas vezes mencionada nas Escrituras e que é empregada geralmente no bom sentido.

Sede astutos como as serpentes, mas simples como as pombas[171], lemos no Evangelho segundo São Mateus e no Livro dos Provérbios: *Para dar aos simples a astúcia*[172].

Um dos melhores escritores da literatura latina disse: "Para se colocar em segurança, não lhe faltavam malícia e nem astúcia", empregando assim, no bom sentido, a palavra "astúcia"[173]. Este caso, muito raro em escritores profanos, é, entre nós, muito frequente.

No que diz respeito à temperança, o vício oposto abertamente à parcimônia é a prodigalidade.

O que se chama, comumente, de avareza[174], é, sem dúvida, um defeito, mas se assemelhando muito à parcimônia, senão na base, ao menos na aparência.

---

[171] Mateus 10: 16.
[172] Provérbios 1: 4.
[173] Caio Salústio Crispo. *A conspiração de Catilina*. 26, 2.
[174] *Tenacitas*: parcimônia, avareza (Gaffiot).

O vício manifestamente contrário à justiça é a injustiça. Ora, muitas vezes a paixão da vingança se reveste com as cores da justiça, embora ela também seja um vício.

A covardia é claramente oposta à coragem e a dureza, que não tem, naturalmente, nada em comum com ela, engana também pelas aparências.

A constância é uma virtude e ela tem, como vício contrário, a inconstância. A teimosia se apresenta como constância, mesmo erradamente, pois esta é uma virtude e aquela é um vício.

07

Para não termos que retornar novamente a esta matéria, tomemos um exemplo que espalha, sobre toda a questão, uma abundante luz.

Pelo que contam os historiadores que puderam conhecê-lo, Catilina suportava facilmente o frio, a fome e a sede. Sua resistência às privações, às intempéries e ao sono atingia um nível incrível e, por causa disto, ele passava, aos próprios olhos e aos olhos dos seus partidários, como um homem de uma incomparável coragem.

Mas a esta coragem, faltava a prudência. Ele tinha, como objetivo, o mal e não o bem. A temperança lhe faltava igualmente, pois ele vivia mergulhado na mais vergonhosa devassidão. Ele

não tinha também a justiça com ele, já que ele conspirou contra a própria pátria.

Não era então coragem o que ele tinha, mas sim dureza, que podia enganar os simples, que a chamavam de coragem. Se isto fosse realmente coragem, seria uma virtude e não um vício. Se fosse uma virtude, as outras virtudes, companheiras dela, não teriam jamais se separado dela.

08

Quando se coloca a mesma questão sobre os vícios; quando se pergunta se, onde há um vício, há todos os outros igualmente e se, onde falta um vício, não há nenhum outro também, se tem dificuldade em demonstrar. Isto porque cada virtude tem dois vícios que lhes são opostos: um que lhe é abertamente contrário e outro que tem uma falsa aparência de virtude.

Vê-se muito bem que a coragem de Catilina não era uma coragem verdadeira, porque as outras virtudes lhe faltavam completamente. Que aquilo não passava de covardia, isto é algo difícil de acreditar em um homem que tinha se acostumado às privações e aos sofrimentos mais incríveis. Olhando isto de mais perto, talvez se visse, sob essa dureza de Catilina para com os sofrimentos físicos, a verdadeira covardia, já que ele tinha negligenciado as

práticas e os exercícios morais, que são os únicos que conduzem à coragem verdadeira.

Continuando, assim como a audácia está onde a timidez está ausente e a timidez habita onde não está a audácia e sendo viciosas estas duas coisas, já que a pessoa realmente corajosa é igualmente afastada da audácia imprudente e do temor imprudente, é preciso reconhecer que os vícios são mais numerosos do que as virtudes.

09

Acontece muitas vezes de um vício libertar de outro vício. Por exemplo: o amor à glória livra do amor ao dinheiro.

Outras vezes, um vício desaparecerá para dar lugar a vários outros. Assim, uma pessoa dada à embriaguez se corrigirá, mas se tornará joguete da avareza e da ambição.

Os vícios então podem suceder outros vícios e, de forma alguma, virtudes, o que prova que eles são mais numerosos. Pelo contrário, onde uma virtude penetra, como ela traz com ela outras virtudes, todos os vícios que ali se encontram devem se retirar.

Em certos casos, ali estarão todos, em outros casos, haverá tantos quantas eram as virtudes e outras vezes mais e outras vezes menos.

10

Cabe-nos agora pesquisarmos cuidadosamente se as coisas se passam mesmo assim. Não são as Escrituras que dizem: "Aquele que possui uma virtude possui todas elas e aquele em quem falta uma delas é desprovido de todas elas". São pessoas que disseram isto. Pessoas cheias de saber e talento, sem dúvida, mas pessoas.

Quanto a mim, eu não sei realmente o que dizer. Eu não falo somente do homem (*virum*), de quem a virtude (*virtus*) recebe seu nome, mas também da mulher. Se ela guarda a fidelidade conjugal ao seu marido, se ela lhe é fiel desde o princípio, eu não ousarei afirmar que ela não tem a castidade, nem que a castidade não seja uma virtude ou que seja apenas uma virtude insignificante.

Raciocinarei, da mesma forma, com relação ao marido fiel à sua mulher. No entanto, há poucos deles que eu declararia isentos de pecados e, por consequência, de vícios, pois comumente esta é a fonte do pecado.

Assim, a castidade conjugal nos homens e mulheres zelosos de seus deveres conjugais, que não é, de forma alguma, um vício ou uma coisa insignificante, não tem com ela todas as virtudes. Se todas as virtudes estivessem com ela, não haveria nenhum vício.

Se não houvesse nenhum vício, não haveria também nenhum pecado.

Ora, quem é isento de pecados? Quem então o é de todo vício, ou seja, de toda fonte e de toda raiz de pecado, já que o discípulo que recostava sua cabeça no peito do Senhor clamou: *Se dizemos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos e a verdade não está em nós*[175].

É inútil insistir com você sobre este ponto. Se eu me detenho nisto é em consideração àqueles que talvez leiam estas páginas. Você mesmo, em seu incomparável tratado contra Joviniano, estabeleceu perfeitamente este ponto sobre as Escrituras Santas, se servindo das palavras desta Epístola cujo sentido buscamos agora: *Todos nós caímos em muitos pontos*[176].

O Apóstolo não disse: "Você cai", mas: *Todos nós caímos*. Ele que, na mesma Epístola, dissera um pouco antes: *Quem guardar os preceitos da Lei, mas faltar em um só ponto, se tornará culpado de toda ela*.

Não é *em um só ponto*, mas em muitos pontos. Não são alguns somente, mas somos *todos nós* que transgredimos a Lei.

[175] 1 João 1: 8.
[176] Tiago 3: 2.

11

Longe dos fiéis, todavia, o pensamento de considerar os milhões de servidores de Cristo que reconhecem sinceramente seus pecados, para não seduzirem eles mesmos e não terem com eles a verdade, como desprovidos de toda virtude, pois a virtude é uma grande sabedoria. Foi a própria Sabedoria que disse ao ser humano: *A devoção é sabedoria*[177].

Longe de nós todos o propósito de sustentar que tantos fiéis e pessoas religiosas sejam privados dessa devoção que os gregos chamam de *ευσεβειαν* (*eusebeian*) e, mais expressiva e justamente, de *θεσεβειαν* (*teosebeia*).

Ora, no que consiste a devoção, senão em honrar Deus? E como Deus é honrado, senão através do amor?

O amor, nascido de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera, é uma verdadeira e grande virtude, pois ele é *o fim do preceito*[178].

Foi dito, com razão, que *o amor é forte como a morte*[179]; seja porque ninguém pode superar o amor, assim como a morte; seja porque, neste mundo, se pode levar até a morte a medida do amor, conforme estas palavras do Senhor: *Ninguém tem amor*

[177] Jó 28: 28. (Septuaginta). *Θεοσέβειά ἐστιν σοφία* (*theosébeiá estin sofía*).
[178] 1 Timóteo 1: 5. Cf. Romanos 13: 10. *O amor é a plenitude da Lei*.
[179] Cântico 8: 6.

maior do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos[180]; seja, enfim, porque o amor nos arranca das concupiscências carnais como a morte arranca a alma dos sentidos.

A ciência que é útil é a serva do amor e aquela que é separada dele só leva ao inchaço[181]. No que o amor tiver edificado e preenchido, a ciência não pode encontrar um vazio onde o inchaço possa se infiltrar. O autor sagrado nos faz conhecer o caráter próprio da verdadeira ciência, quando, depois de ter dito: *A devoção é sabedoria*, ele acrescenta: *Abster-se do mal é ciência*[182].

Por que então não declarar que possuir esta virtude é possuir todas? *O amor* não *é a plenitude da Lei*[183]? Não é verdade que, quanto mais ele reina em uma alma, mais essa alma é virtuosa e quanto menos ele reina nela, menos há virtude nessa alma, já que ele é a virtude e quanto menos virtude há, mais vício há?

Onde o amor reinar plena e perfeitamente, não restará, de fato, absolutamente nada de vício.

12

Os estoicos, ao menos em minha opinião, se enganam então, quando afirmam que a pessoa à caminho de adquirir a sabe-

[180] João 15: 13.
[181] Cf. I Coríntios 8: 1. *A ciência incha, mas o amor constrói*.
[182] Jó 28: 28. (Septuaginta).
[183] Romanos 13: 10.

doria não a possui de nenhuma maneira e que ela só a possuirá após ter atingido a perfeição.

Não que eles neguem qualquer progresso verdadeiro, mas, aos olhos deles, só se é realmente sábio quando, de um profundo abismo, alça-se voo até às regiões serenas da sabedoria. Pouco, importa, eles dizem, à pessoa que não se afoga, ter sobre sua cabeça vários metros de água ou somente a largura de uma mão ou de um dedo.

Da mesma forma, as pessoas que se propõem chegar à sabedoria fazem progressos, no sentido de que elas se aproximam do ar exterior e se afastam do fundo do abismo. Mas, enquanto elas não tiverem saído inteiramente do meio da tolice e não aparecerem acima dela, como o mergulhador aparece acima das ondas, elas não possuirão a virtude e, portanto, não serão sábias.

Em compensação, assim que elas tiverem saído, elas possuirão a virtude inteiramente e não restará nenhuma partícula de tolice nelas que seja capaz de levá-las à alguma falta.

13

Esta comparação da tolice com a água, da sabedoria com a atmosfera e da alma sufocada pela tolice emergindo subitamente em plena sabedoria e nela encontrando um ar salubre não me

parece em conformidade suficiente com os ensinamentos das Escrituras.

Seria mais justo comparar o vício ou a tolice com as trevas, a sabedoria e a virtude com a luz, ao menos na medida em que as coisas espirituais podem ser comparadas com as coisas corporais.

A pessoa que busca a sabedoria não é como aquela que, ao se elevar do fundo das águas para a atmosfera, respira facilmente assim que irrompe na superfície. Invés disto, ela sai das trevas e vai para a luz, que a ilumina cada vez mais, na medida em que ela se aproxima dela.

Esperando que ela seja plenamente iluminada, diremos sobre ela o que se diz daquele que sai de uma caverna escura. Ele sente a proximidade da luz na medida em que ele se aproxima da saída da caverna. A claridade que aumenta vem da luz para a qual ele se dirige e a escuridão que ainda persiste vem das trevas de onde ele sai[184].

É então verdade dizer: *Ninguém que viva é justo diante de*[185] Deus e acrescentar: *O justo viverá por causa de sua fé*[186]. Ou

[184] Vide: Platão. "O mito da caverna" in *A República*. Livro VII.
[185] Salmo 142: 002.
[186] Habacuc 2: 4.

então: “Os santos se revestem *de justiça e equidade*[187]”. Uns mais e outros menos.

Neste mundo, ninguém é sem pecado. Uns tem mais e outros tem menos. É melhor quem tem menos.

14

Mas eis que, esquecendo a quem eu me dirijo, eu falo como doutor e exponho o que eu gostaria de saber de sua boca. Tendo a questão deslizado do ponto central para o da igualdade dos pecados e como eu resolvi submeter minha opinião ao seu exame, eu vou tentar concluir.

Se fosse verdadeiro que, “aquele que possui uma virtude possui todas elas e aquele em quem falta uma delas é desprovido de todas elas”, disto não resultaria que todos os pecados são iguais, porque, se, onde não há virtude não há bem, não se segue que esta ausência de bem deva ser equiparada às ações mais perversas e mais tortuosas.

Eu acreditaria mais conforme à verdade das Sagradas Letras comparar as intenções das almas aos membros do corpo. Não que elas sejam visíveis materialmente, mas porque elas se refletem na consciência. Umas têm mais e outras têm menos claridade. Ou-

[187] Jó 29: 14.

tras são completamente privadas dela, já que um obstáculo as mergulha na obscuridade. Sendo a luz repartida em proporção com o amor que as anima, é maior em um ato, menor em outro e completamente inexistente em outros.

Sob este ponto de vista, é permitido sustentar que se pode possuir uma virtude sem possuir outra, possuir uma mais completamente e outra mais imperfeitamente. Podemos dizer muito justamente: "O amor é maior nesta pessoa do que naquela outra. Ele está nesta e, em algum grau, naquela". Isto, no que se refere ao amor (*caritatem*) que é piedade (*pietas*).

Podemos dizer também de uma pessoa: "Sua castidade é maior do que sua paciência". "Ela é maior hoje do que ontem", se ela fez progressos. "Ela não chegou ainda à continência, embora leve bem longe a prática da misericórdia".

15

E, para expressar, de uma maneira curta e geral, a ideia que faço da virtude, no que diz respeito à justa condução da vida, eu direi que a virtude é o amor que nos faz amar o que é digno de sê-lo.

Sob este pondo de vista, a virtude é maior em uns, menor em outros e nula em outros. Mas ela não atinge em ninguém um grau de perfeição tal que não possa ser ultrapassado. Ao menos

enquanto estivermos neste mundo. Enquanto ela é suscetível de crescimento, no que ela tem de imperfeita, há um vício, por princípio.

É por isto que não há um justo neste mundo que faça o bem a ponto de não pecar. É por isto que *ninguém que viva é justo diante de* Deus.

Por causa disto, *se dizemos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos e a verdade não está em nós*[188].

Por causa disto, seja qual for o progresso que façamos, precisaremos sempre repetir: *Perdoai as nossas dívidas*[189], embora, no batismo, palavras, ações, pensamentos, todas *as nossas dívidas* tenham sido perdoadas.

Quem enxerga saudavelmente as coisas compreende de onde, quando e onde lhe virá a perfeição suprema na qual nada pode ser acrescentado.

Se não houvesse preceitos, certamente não haveria como o ser humano poder se examinar com certeza e discernir para onde se voltar, onde se esforçar, por que se alegrar e pelo que ele deve rezar.

[188] 1 João 1: 8.
[189] Mateus 6: 12.

Grande é a utilidade dos preceitos. Eles fornecem, ao livre arbítrio da criatura, o meio de honrar mais amplamente a graça de Deus.

16

Se as coisas são assim, de onde vem que o cristão que tiver observado toda a Lei e a tiver violado somente em um ponto será culpado como se a tivesse violado inteiramente?

Será que é porque no amor *se resumem toda a Lei e os Profetas*[190], já que ele é a virtude que nos faz amar a Deus e ao próximo, que é o resumo de *toda a Lei e os Profetas*?

Seria justo considerar como culpado de todo tipo de transgressão aquele que tiver transgredido o preceito do qual dependem todos os outros?

De fato, todos só pecam se ferirem o amor, *pois os preceitos: não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não cobiçarás e ainda outros mandamentos que existam, eles se resumem nestas palavras: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo"*[191].

[190] Mateus 22: 40.
[191] Romanos 13: 9.

Ora, *o amor não pratica o mal contra o próximo. Portanto, o amor é a plenitude da Lei*[192].

Quem ama o próximo ama a Deus e se esforça, na medida em que isto lhe é possível, em inspirar este mesmo amor naquele que ele ama como a ele mesmo. Se ele não ama a Deus, ele não ama a ele mesmo e nem ao próximo.

Sob este ponto de vista, aquele que, ao observar a Lei, a viola em um só ponto, se torna culpado como se a tivesse violado inteiramente, porque ele feriu *o amor*, que *é a plenitude da Lei*.

Eu repito que ele é culpado de prevaricação com relação a todos os mandamentos, porque ele transgrediu aquele do qual todos os outros dependem.

17

Então, por que não concluir pela igualdade de todos os pecados? Será porque o autor de um pecado mais ou menos grave fere mais ou menos gravemente o preceito do amor?

Por isto, quando se peca, sem dúvida, se é culpado como se se tivesse violado toda a Lei. Mas aquele que peca mais gravemente ou que transgride diretamente vários preceitos é mais culpado, enquanto que, ao pecar mais levemente ou menos frequen-

[192] Romanos 13: 10. Cf. Romanos 13: 8 (*Aquele que ama o seu próximo cumpriu toda a Lei*).

temente, ele é menos culpado. Sua responsabilidade será tão grande quanto mais pecados ele tiver cometido e menor, quando ele tiver pecado menos.

No entanto, quando ele viola a Lei em um ponto, ele é sempre culpado como se ele a tivesse violado inteiramente, porque ele transgride o preceito do qual depende todos os outros.

Se esta explicação for fundamentada, da mesma maneira deverão ser entendidas estas palavras do Apóstolo: *Todos nós caímos em muitos pontos*[193].

Todos nós pecamos *em muitos pontos*. Uns mais graves e outros mais leves. Quanto mais nossas ofensas forem graves, mais facilmente nos deixamos levar pelo pecado e menos demonstraremos amor para com Deus e para com nosso próximo. Da mesma forma, quanto menos cometemos pecados, mais amaremos o nosso próximo e o nosso Deus.

Estaremos então tão cheios de iniquidade quanto mais vazios estivermos de amor. E quando estivermos consumados no amor, então não restará mais nada da nossa miséria.

[193] Tiago 3: 2.

18

Em minha opinião, não é uma falta leve fazer acepção de pessoas quando se tem a fé em Nosso Senhor Jesus Cristo, se aplicamos aos postos da Igreja o que o Apóstolo nos diz sobre o tratamento reservado ao rico e ao pobre.

Que bem traria a escolha de um rico para ocupar um cargo elevado na Igreja, em detrimento de um pobre mais capaz e mais santo?

Se aplicarmos esta passagem às nossas relações diárias, pecar desta maneira, quando se peca de verdade, é considerar, em sua alma, um de seus irmãos tanto melhor quanto mais rico ele for.

Isto é o que o Apóstolo insinua, quando ele acrescenta: *Não é verdade que fazeis distinção entre vós e que sois juízes de pensamentos iníquos?*[194]

19

É então da Lei do amor que fala o autor sagrado quando ele fala da *Lei da liberdade*.

Se cumprirdes a lei régia da Escritura: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo"[195]*, sem dúvida fazeis bem. Mas, se vos*

[194] Tiago 2: 4.

deixais levar por distinção de pessoas, cometeis uma falta e sereis condenados pela Lei como transgressores[196].

Após a passagem difícil sobre a qual expus minha opinião, o Apóstolo retorna a esta *Lei da liberdade*.

Falai, pois, de tal modo e de tal modo procedei, como se estivésseis para ser julgados pela Lei da liberdade[197].

E, não perdendo de vista o que ele disse antes ___ *Todos nós caímos em muitos pontos* ___, ele indica aos fiéis um remédio soberano para as feridas cotidianas da alma, por mais leves que elas sejam: *Haverá juízo sem misericórdia para aquele que não usou de misericórdia*[198].

De fato, o Senhor disse: *Perdoai e sereis perdoados; dai e dar-se-vos-á*[199].

A misericórdia triunfa sobre o julgamento[200], prossegue São Tiago.

Ele não disse: "*A misericórdia* prevalece *sobre o julgamento*", pois não há oposição entre uma e outra. Mas ele disse: *triun-*

---

[195] Levítico 19: 18.
[196] Tiago 2: 8 e 9.
[197] Tiago 2: 12.
[198] Tiago 2: 13.
[199] Lucas 6: 37 e 38.
[200] Tiago 2: 13.

fa, pois muitos colhem as consequências da misericórdia, mas com a condição de eles mesmos terem sido misericordiosos.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia[201], disse o Senhor.

20

Seguramente, é justo perdoar aqueles que perdoaram, dar àqueles que foram os primeiros a fazê-lo. Em Deus, a misericórdia não é estranha à justiça e nem a justiça é estranha à misericórdia, o que inspirou estas palavras ao Salmista: *A misericórdia e o julgamento, cantarei a vós, Senhor*[202].

Quem se autoriza a própria justiça, mesmo que fosse excepcional, para julgar sem misericórdia, se estabelece em uma falsa segurança e provoca a justa ira do Senhor. O rei profeta a temia quando disse a Deus: *Não entreis em juízo com o vosso servo*[203].

Daí, estas palavras do Senhor ao povo rebelde: *Por que quereis discutir comigo em juízo?*[204]

Quando *o Rei* de Toda Justiça estiver *sentado no trono da justiça*, quem se glorificará da pureza do seu coração? E *quem*

[201] Mateus 5: 7.
[202] Salmo 100: 001.
[203] Salmo 142: 002.
[204] Jeremias 2: 29.

poderá *dizer: "Meu coração está puro, estou limpo de pecado?"*[205]

Que esperança nos restará, além daquela de que *a misericórdia triunfa sobre o julgamento*?

Esta esperança diz respeito àqueles que foram *misericordiosos* com o próximo e que disseram, do fundo de seus corações: *Perdoai as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores*[206] e àqueles que doaram sem murmurar, pois, *Deus ama aquele que dá com alegria*[207].

Se São Tiago aproveita a ocasião para falar das obras de misericórdia, é para tranquilizar aqueles que antes tinham se assustado com a sua doutrina. Ele lhes mostra como a pessoa pode apagar esses pecados de cada dia, aos quais não se pode escapar nesta vida, nos tornando culpados como que por toda a Lei quando a violamos mesmo em um só ponto.

Sem isto, estaríamos expostos, com as numerosas faltas que todos cometemos, a vermos nossa dívida para com Deus aumentar indefinidamente e a comparecermos diante de um Juiz que nos recusaria a misericórdia que não praticamos.

---

[205] Provérbios 20: 8 e 9.
[206] Mateus 6: 12.
[207] 2 Coríntios 9: 7.

Ao perdoarmos nossos irmãos e aos sermos generosos para com eles, mereceremos o perdão dos nossos próprios pecados e o cumprimento das divinas promessas[208].

21

Eu lhe disse muitas coisas pouco interessantes para você, que de forma alguma precisa aprender os pontos da doutrina dignos da sua aprovação, já que você as ensina há muito tempo aos outros.

Eu falo do fundamento mesmo das coisas. Quanto ao estilo em que as apresentei, não me preocupo com isto mais do que o necessário. Se então você encontrar aqui alguma imprecisão, eu lhe peço que me informe e não tenha receio de me corrigir.

Eu consideraria um infeliz quem não tivesse para com seus trabalhos tão consideráveis, para seus profundos e santos estudos, a mais elevada consideração e não desse graças ao Senhor nosso Deus, cuja bondade fez o que você é.

Devendo colocar mais zelo em me instruir junto ao próximo sobre o que ignoro sem fruto do que pressa em comunicar aos outros o que eu sei, com muito mais razão, solicitarei esse amor e esse favor de uma pessoa cuja ciência ___ em nome e com a ajuda

[208] Cf. 1 Pedro 4: 8 (*O amor cobre uma multidão de pecados)* e Lucas 11: 41 (*Faça caridade e todas as coisas vos serão limpas*).

de Deus __ lançou, sobre a literatura latina, um brilho que ela jamais obtivera antes.

Quanto a estas palavras do Apóstolo em particular: *Quem guardar os preceitos da Lei, mas faltar em um só ponto, se tornará culpado de toda ela*, se sua caridade acreditar que deve explicá-las diferente e mais exatamente, eu lhe imploro no Senhor que queira nos comunicar sobre isto.

Carta 133 – De São Jerônimo a Santo Agostinho. Ano 410.

São Jerônimo informa que recebeu, de Orósio, os dois livros dirigidos a ele, ou seja, as duas cartas anteriores e ele se desculpa por não tê-las ainda respondido.

Jerônimo ao seu respeitável pai e senhor Agostinho, que ele honra com um afeto todo filial. Saudações em Jesus Cristo.

01

Um homem honrado que você considera como filho e eu considero como irmão, o Padre Orósio, me visitou. Ele foi bem-vindo, tanto pelo mérito dele quanto pelo desejo que você expressou através dele.

Infelizmente, as circunstâncias foram ingratas. Eu tive que dar preferência ao silêncio invés de à palavra, interromper meus

trabalhos e praticar, nas palavras de Ápio, uma eloquência canina.

Eu não pude então responder em tempo hábil aos dois livros que você me enviou expressamente e onde brilham sua erudição e sua eloquência.

Não é que houvesse neles qualquer coisa de repreensível. Mas, como disse o Apóstolo: *Um faz distinção entre dia e dia; outro, porém, considera iguais todos os dias. Cada um proceda segundo sua convicção*[209].

Certamente que tudo o que podia ser dito sobre tal assunto, tudo o que uma mente elevada podia tirar das fontes das Divinas Escrituras está em seus escritos. Aceite, eu peço à sua reverência, aceite que eu conceda, à sua genialidade, alguns louvores.

Se houve alguma discussão entre nós, isto foi no interesse da ciência. Quanto aos nossos rivais e, sobretudo, aos hereges, se eles perceberem entre nós divergências de opiniões, eles afirmarão caluniosamente que ela procede da irritação em nossos corações.

209209209 Romanos 14: 5. Cf. 1 Coríntios 7: 7 (*Cada um tem de Deus um dom particular; uns este, outros aquele*).

Eu sou dedicado, no entanto, a amá-lo, a honrá-lo, a admirá-lo, a reconhecer sua superioridade, a defender suas palavras como eu defenderia as minhas.

No Diálogo que publiquei recentemente[210], eu fiz, de sua beatitude, a menção que convinha.

Ainda trabalhamos energicamente para exterminar da Igreja a perniciosa heresia. Ela finge incessantemente retornar à verdade para ter a facilidade de espalhar nas Igrejas a doutrina dela, pois, se ela se mostrasse em plena luz do dia, ela seria afastada e pereceria.

02

Suas santas e veneráveis filhas Eustóquia e Paula se mostram dignas, com suas virtudes, do nome que carregam e das exortações que você lhes dirigiu. Elas saúdam particularmente sua beatitude, assim como todos os nossos irmãos que trabalham conosco no serviço a Deus nosso Senhor.

Enviamos, no último ano, o santo padre Firmo, para tratar dos assuntos referentes à Ravena e, de lá, à África e à Sicília. Pensamos que ele esteja, neste momento, em solo africano.

[210] *Diálogo contra os pelagianos*. 3, 19.

Ofereça, eu lhe peço, aos santos que vivem junto a você, as nossas saudações respeitosas.

Eu lhe enviei minhas cartas ao santo padre Firmo. Se elas chegarem até você, tenha a bondade de enviá-las a ele.

Que Cristo Nosso Senhor faça com que permaneça em boa saúde e que se lembre de mim, caríssimo senhor e bem-aventurado pai.

Carta 140 – De São Jerônimo a Santo Agostinho. Ano 418.

Ele o felicita pelo zelo com o qual ele se opõe às investidas da heresia e lhe dá testemunho do seu próprio ardor nessas mesmas lutas.

Jerônimo ao seu senhor e pai, o santo e bem-aventurado Agostinho.

01

Em todo tempo, seguramente, eu o cerquei do respeito, da honra e do afeto que lhes são devidos, pela felicidade de você ser a morada do Salvador meu Deus.

Mas, no presente, enquanto a coisa é possível, ao mais alto grau dos meus sentimentos, eu acrescento alguma coisa ainda que cumula a medida. É que eu não poderia passar uma hora sem

exaltar seu nome, pelo ardor com co qual você carrega bem alto o estandarte da fé, no meio de ventos contrários.

Você preferiu, na medida das suas forças, ser o único livre de Sodoma do que permanecer entre aqueles que perecem. Sua prudência não entende meias palavras.

Coragem! O mundo proclamará em você o herói cristão.

Os católicos veneram e admiram em você o restaurador da antiga fé deles e, o que é o sinal de uma glória maior, todos os hereges o detestam.

Eles me perseguem também com um ódio igual e, não podendo nos transpassar com uma espada, eles nos imolam em seus desejos.

Venerável senhor e pai bem-aventurado, que a clemência de Nosso Senhor Jesus Cristo o guarde são e salvo e me mantenha em sua lembrança.

Carta 141 – De São Jerônimo a Santo Agostinho. Ano 410.

Ele o adverte que as heresias condenadas ainda provocam intrigas nas sombras e por caminhos tortos e que mais de uma pessoa poderosa as favorece hipocritamente.

Jerônimo ao seu senhor e pai, o santo e bem-aventurado Agostinho.

01

Muito mancam com os pés e suas testas orgulhosas não estão completamente abatidas, embora machucadas. Se eles não têm mais a liberdade de pregar seus erros passados, eles permanecem ligados a eles, no entanto, em seus corações.

Os irmãos santos que estão aqui com seu humilde servo, sobretudo, suas santas e veneráveis filhas, o suplicam que aceite suas saudações. Eu peço à sua coroa que saúde em meu nome e no dos meus irmãos, o meu senhor Alípio e o meu senhor Evódio.

Jerusalém, tomada pelo poder de Nabucodonosor, se recusa a ouvir os conselhos de Jeremias. Além disto, ela lamenta ter saído do Egito e gostaria de morrer em Tafnés e lá perecer na eterna servidão.

Carta 142 – De São Jerônimo a Santo Agostinho e a Alípio. Ano 419.

Ele felicita Alípio e Santo Agostinho, cujos cuidados deram o golpe mortal na heresia celestiana. Ao mesmo tempo, ele se desculpa por não ter escrito ainda contra os livros do diácono Aniano, um pelagiano.

Aos meus senhores, realmente santos e com todo afeto e, justamente, veneráveis Alípio e Agostinho, bispos. Jerônimo, saudações em Cristo.

01

O santo padre Inocêncio, que é portador desta carta, não entregou, no último ano, a que eu havia escrito em sua consideração, porque ele acreditou não mais retornar à África.

No entanto, Deus quis e nós agradecemos por isto, que triunfasse sobre o nosso silêncio com suas cartas.

Eu considero como infinitamente agradável toda oportunidade que se oferece a mim para escrever à sua reverência e eu tomo Deus como testemunha que, se a coisa fosse possível, eu tomaria as asas da pomba para ir me jogar em seus braços todo o tempo, por causa da excelência das suas virtudes.

Mais ainda no presente, sobretudo porque, graças à sua colaboração e aos seus esforços, a heresia celestiana foi golpeada de morte. Ela que tão profundamente infectou os corações de muitos e que, mesmo que se sintam vencidos e condenados, não se livram dos venenos em suas almas e tudo o que eles podem é nos odiar, porque acreditam que nós os fizemos perder a liberdade de ensinar a heresia.

02

Você pergunta se refutei os livros de Aniano, o pseudodiácono de Celeda, que se empanturra de expedientes para alimentar os discursos frívolos com que outro colore suas blasfê-

mias. Mas estes livros, transcritos pelo nosso irmão, o santo sacerdote Eusébio, só recebi recentemente.

Após isto, eu passei por tantos sofrimentos, seja por doenças que me assaltaram, seja porque sua santa e venerável filha Eustóquia dormiu no Senhor que, por um certo tempo, me detive na ideia de só lhe responder com o desprezo. Ele nunca para de chafurdar no mesmo lamaçal e, além de alguns fragmentos sonoros de frases mendigadas, ele não acrescenta nada ao que havia dito.

Temos feito muito, no entanto, já que, ao tentar responder minha carta, ele se traiu cada vez mais e tornou as blasfêmias dele evidentes para todos. Tudo o que ele nega ter dito anteriormente no miserável sínodo de Dióspolis, ele proclama nesta obra e não é importante responder a essas ineptas bagatelas.

No entanto, se Deus nos der a vida e se os copistas nãos nos faltarem, responderemos sucintamente em alguns opúsculos. Não para refutar uma heresia que está morta, mas para demonstrar, em nossos discursos, a ignorância e a impiedade de Aniano.

Esta tarefa, sua santidade cumpriria melhor, porque temo ser obrigado a fazer minha apologia ao encontro deste herege.

Nossos filhos comuns em Jesus Cristo: Albina, Piniano e Melânia os saúdam com fervor.

Esta carta lhes é escrita de Belém, a santa e eu a remeto, para lhes enviá-la, ao santo padre Inocêncio.

A pequena Paula lhes roga, da maneira mais própria a tocá-los, que se lembrem dela e os saúda muitas vezes.

Eu desejo que a clemência de Nosso Senhor Jesus Cristo os conserve sãos e salvos e me guarde em suas lembranças, senhores e pais dignos da afeição e da veneração de todos.

Índice

Créditos _____ 2

Cartas_____3

Carta 056 (028) – De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 394-395. _ 3

Carta 067 (040) – De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 397. ___ 13

01 14

02 15

03 15

04 17

05 18

06 19

07 22

08 23

09 23

Carta 100 (067) – De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 402. ___ 25

01 25

02 26

03 26

Carta 101 – De São Jerônimo a Santo Agostinho. Ano 403._____ 27

01 27

02 29

03 30

Carta 102 – De São Jerônimo a Santo Agostinho. Ano 397._____ 31

01 31

02 32

Carta 103 (071) – De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 407._____ 33

01 33

02 34
03 35
04 36
05 37
06 38
Carta 104 – De São Jerônimo a Santo Agostinho. Ano 404. _____ 39
01 40
02 40
Que toda suspeita desapareça da amizade. 40
03 41
04 43
05 45
Carta 109 (073)– De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 397. _____ 46
01 46
02 49
03 50
04 51
05 52
06 54
07 55
08 56
09 58
10 60
Carta 111 – De São Jerônimo a Santo Agostinho. Ano 403/404. _____ 63
01 63
02 64
03 66
04 68

05 70
06 71
07 72
08 76
09 79
10 81
11 83
12 84
13 86
14 87
15 91
16 93
17 95
A enganosa simulação. 95
18 97
19 98
20 99
21 102
22 103
Carta 114 – De São Jerônimo a Santo Agostinho. Ano 405. _____ 105
01 105
Carta 115 (082) – De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 405. __ 107
01 107
02 108
03 110
04 111
05 112
06 113

07 114
08 115
09 116
10 119
11 120
12 120
13 122
14 123
15 124
16 126
17 128
18 130
19 132
20 134
21 136
22 137
23 139
24 140
25 142
26 143
27 144
28 146
29 147
30 148
31 149
32 150
33 152
34 153

35 155
36 156
Carta 130 (166) – De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 414-415. 157
Tratado sobre a origem da alma humana _____ 157
01 157
02 158
03 159
04 162
05 165
06 166
07 167
08 169
09 170
10 172
11 173
12 174
13 176
14 178
15 179
16 180
17 182
18 183
19 185
20 186
21 187
22 189
23 190
24 191

25 192
26 193
27 195
28 197
Carta 131 (167) – De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 415. ___ 198
Tratado sobre uma passagem da Epístola de São Tiago. ___ 198
01 199
02 199
03 201
04 204
05 206
06 206
07 208
08 209
09 210
10 211
11 213
12 214
13 215
14 217
15 218
16 220
17 221
18 223
19 223
20 225
21 227
Carta 133 – De São Jerônimo a Santo Agostinho. Ano 410. _____ 228

01 228

02 230

Carta 140 – De São Jerônimo a Santo Agostinho. Ano 418. _____ 231

01 231

Carta 141 – De São Jerônimo a Santo Agostinho. Ano 410. _ 232

01 233

Carta 142 – De São Jerônimo a Santo Agostinho e a Alípio. Ano 419. 233

01 234

02 234

Índice _____ 237